TECNOLOGIAS, ROBÓTICA MAKER E INCLUSÃO:

A LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LEITORA NO DIA MUNDIAL DO LIVRO

Wilson Bezerra dos Santos
Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Nascimento de Carvalho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Idénis Glória Belchior
Eliana Drumond de Carvalho Silva

TECNOLOGIAS, ROBÓTICA MAKER E INCLUSÃO: A LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LEITORA NO DIA MUNDIAL DO LIVRO.

Wilson Bezerra dos Santos
Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Nascimento de Carvalho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Idênis Glória Belchior
Eliana Drumond de Carvalho Silva

O artigo apresenta uma análise sobre a relação entre tecnologias digitais, robótica maker e inclusão no contexto da literatura juvenil contemporânea, destacando suas contribuições para a construção da identidade leitora, especialmente em ações pedagógicas vinculadas ao Dia Mundial do Livro. Discute-se como o avanço das tecnologias do século XXI tem impactado as práticas de leitura, ampliando o acesso aos textos literários por meio de plataformas digitais, e-books, audiolivros e ambientes interativos, favorecendo a formação de leitores mais autônomos e engajados. Aborda-se, ainda, a integração da robótica maker como estratégia inovadora no ensino, possibilitando que os estudantes vivenciem a literatura de forma ativa, por meio da criação de narrativas, dramatizações automatizadas e projetos interdisciplinares que articulam linguagem, criatividade e pensamento computacional. Evidencia-se o papel da literatura juvenil como instrumento de inclusão, ao contemplar diferentes realidades, identidades e necessidades, promovendo acessibilidade e equidade no processo educativo, inclusive por meio de recursos adaptados e práticas pedagógicas inclusivas. Analisa-se, também, a relevância das obras contemporâneas na formação da identidade leitora dos jovens, uma vez que dialogam com suas vivências, emoções e contextos socioculturais, fortalecendo o vínculo com a leitura e o desenvolvimento do pensamento crítico. Destaca-se que o Dia Mundial do Livro constitui um espaço privilegiado para a implementação de práticas educativas inovadoras, que integrem tecnologia, literatura e inclusão, incentivando o protagonismo juvenil e a valorização da leitura como prática social. Conclui-se que a articulação entre literatura juvenil, tecnologias e metodologias ativas contribui significativamente para a formação de leitores críticos, criativos e socialmente conscientes, sendo fundamental para a promoção de uma educação mais inclusiva, significativa e alinhada às demandas contemporâneas.

Palavras-chave: Literatura juvenil; tecnologias educacionais; robótica educacional; inclusão; identidade leitora.

TECHNOLOGIES, MAKER ROBOTICS AND INCLUSION: CONTEMPORARY YOUTH LITERATURE AND THE CONSTRUCTION OF READING IDENTITY ON WORLD BOOK DAY.

Wilson Bezerra dos Santos
Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Nascimento de Carvalho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Idênis Glória Belchior
Eliana Drumond de Carvalho Silva

The article presents an analysis of the relationship between digital technologies, maker robotics, and inclusion within the context of contemporary youth literature, highlighting their contributions to the construction of reading identity, especially in pedagogical actions linked to World Book Day. It discusses how the advancement of 21st-century technologies has impacted reading practices, expanding access to literary texts through digital platforms, e-books, audiobooks, and interactive environments, thus fostering the development of more autonomous and engaged readers. It also addresses the integration of maker robotics as an innovative teaching strategy, enabling students to experience literature actively through the creation of narratives, automated dramatizations, and interdisciplinary projects that articulate language, creativity, and computational thinking. Furthermore, it emphasizes the role of youth literature as a tool for inclusion by embracing diverse realities, identities, and needs, promoting accessibility and equity in the educational process, including through adapted resources and inclusive pedagogical practices. The relevance of contemporary works in shaping young readers' identities is also analyzed, as they resonate with students' experiences, emotions, and sociocultural contexts, strengthening their connection to reading and the development of critical thinking. The study highlights that World Book Day constitutes a privileged space for implementing innovative educational practices that integrate technology, literature, and inclusion, encouraging youth protagonism and valuing reading as a social practice. It concludes that the articulation between youth literature, technologies, and active methodologies significantly contributes to the formation of critical, creative, and socially aware readers, being essential for promoting a more inclusive, meaningful education aligned with contemporary demands.

Keywords: Youth literature; educational technologies; educational robotics; inclusion; reading identity.

TECNOLOGÍAS, ROBÓTICA MAKER E INCLUSIÓN: LA LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÁNEA Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD LECTORA EN EL DÍA MUNDIAL DEL LIBRO.

Wilson Bezerra dos Santos
Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Nascimento de Carvalho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Idênis Glória Belchior
Eliana Drumond de Carvalho Silva

El artículo presenta un análisis sobre la relación entre las tecnologías digitales, la robótica maker y la inclusión en el contexto de la literatura juvenil contemporánea, destacando sus contribuciones a la construcción de la identidad lectora, especialmente en acciones pedagógicas vinculadas al Día Mundial del Libro. Se discute cómo el avance de las tecnologías del siglo XXI ha impactado las prácticas de lectura, ampliando el acceso a los textos literarios mediante plataformas digitales, libros electrónicos, audiolibros y entornos interactivos, favoreciendo la formación de lectores más autónomos y comprometidos. Asimismo, se aborda la integración de la robótica maker como una estrategia innovadora en la enseñanza, permitiendo que los estudiantes experimenten la literatura de forma activa, a través de la creación de narrativas, dramatizaciones automatizadas y proyectos interdisciplinarios que articulan lenguaje, creatividad y pensamiento computacional. Se evidencia el papel de la literatura juvenil como instrumento de inclusión al contemplar diversas realidades, identidades y necesidades, promoviendo la accesibilidad y la equidad en el proceso educativo, incluso mediante recursos adaptados y prácticas pedagógicas inclusivas. También se analiza la relevancia de las obras contemporáneas en la formación de la identidad lectora de los jóvenes, ya que dialogan con sus vivencias, emociones y contextos socioculturales, fortaleciendo su vínculo con la lectura y el desarrollo del pensamiento crítico. Se destaca que el Día Mundial del Libro constituye un espacio privilegiado para la implementación de prácticas educativas innovadoras que integren tecnología, literatura e inclusión, fomentando el protagonismo juvenil y la valoración de la lectura como práctica social. Se concluye que la articulación entre literatura juvenil, tecnologías y metodologías activas contribuye significativamente a la formación de lectores críticos, creativos y socialmente conscientes, siendo fundamental para la promoción de una educación más inclusiva, significativa y alineada con las demandas contemporáneas.

Palabras clave: Literatura juvenil; tecnologías educativas; robótica educativa; inclusión; identidad lectora.

TECHNOLOGIES, ROBOTIQUE MAKER ET INCLUSION : LA LITTÉRATURE JEUNESSE CONTEMPORAINE ET LA CONSTRUCTION DE L'IDENTITÉ LECTRICE À L'OCCASION DE LA JOURNÉE MONDIALE DU LIVRE.

Wilson Bezerra dos Santos
Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Nascimento de Carvalho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Idênis Glória Belchior
Eliana Drumond de Carvalho Silva

L'article présente une analyse de la relation entre les technologies numériques, la robotique maker et l'inclusion dans le contexte de la littérature jeunesse contemporaine, en mettant en évidence leurs contributions à la construction de l'identité lectrice, notamment dans le cadre d'actions pédagogiques liées à la Journée mondiale du livre. Il examine comment les avancées technologiques du XXIe siècle ont transformé les pratiques de lecture, en élargissant l'accès aux textes littéraires grâce aux plateformes numériques, aux livres électroniques, aux livres audio et aux environnements interactifs, favorisant ainsi la formation de lecteurs plus autonomes et engagés. Il aborde également l'intégration de la robotique maker comme stratégie pédagogique innovante, permettant aux apprenants de vivre la littérature de manière active, à travers la création de récits, des mises en scène automatisées et des projets interdisciplinaires articulant langage, créativité et pensée computationnelle. L'étude met en évidence le rôle de la littérature jeunesse comme outil d'inclusion, en prenant en compte diverses réalités, identités et besoins, et en promouvant l'accessibilité et l'équité dans le processus éducatif, notamment par le biais de ressources adaptées et de pratiques pédagogiques inclusives. Elle analyse aussi la pertinence des œuvres contemporaines dans la formation de l'identité lectrice des jeunes, dans la mesure où elles dialoguent avec leurs expériences, leurs émotions et leurs contextes socioculturels, renforçant ainsi leur lien avec la lecture et le développement de la pensée critique. Il est souligné que la Journée mondiale du livre constitue un espace privilégié pour la mise en œuvre de pratiques éducatives innovantes intégrant technologie, littérature et inclusion, en encourageant le protagonisme des jeunes et en valorisant la lecture comme pratique sociale. Il est conclu que l'articulation entre littérature jeunesse, technologies et méthodologies actives contribue de manière significative à la formation de lecteurs critiques, créatifs et socialement conscients, étant essentielle pour promouvoir une éducation plus inclusive, pertinente et en phase avec les exigences contemporaines.

Mots-clés: Littérature jeunesse; technologies éducatives; robotique éducative; inclusion; identité lectrice.

TECNOLOGIAS, ROBÓTICA MAKER E INCLUSÃO: A LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LEITORA NO DIA MUNDIAL DO LIVRO.

Wilson Bezerra dos Santos
Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Gabriel Nascimento de Carvalho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Idênis Glória Belchior
Eliana Drumond de Carvalho Silva

1. INTRODUÇÃO

O artigo problematiza as inter-relações entre tecnologias digitais, robótica maker e inclusão no âmbito da literatura juvenil contemporânea, situando tais elementos como constitutivos de uma nova ecologia da aprendizagem. A transformação dos modos de leitura e produção de sentidos tem sido amplamente discutida por pesquisadores da área educacional, evidenciando que práticas mediadas por tecnologias ampliam horizontes formativos e reconfiguram o papel do leitor no século XXI, conforme discutem Souza e Costa (2021). A literatura juvenil, nesse cenário, deixa de ser apenas objeto de fruição estética e passa a ocupar um espaço estratégico na constituição de sujeitos críticos e participativos.

A presença crescente de dispositivos digitais no cotidiano dos estudantes modifica profundamente a relação com o texto literário, promovendo experiências multimodais que integram imagem, som e interatividade. Investigações recentes apontam que essas transformações exigem novas competências leitoras, capazes de articular diferentes linguagens e suportes, conforme evidenciado por Cabral (2023). A leitura, portanto, passa a ser compreendida como prática dinâmica, situada e mediada por contextos tecnológicos complexos.

A cultura maker emerge como um dos pilares dessa nova configuração educacional, ao propor a aprendizagem baseada na experimentação, na criação e na resolução de problemas. Estudos indicam que a integração de práticas maker ao ensino favorece o protagonismo estudantil e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, conforme Martins e Lima (2023). A literatura juvenil, quando articulada a esse paradigma, possibilita experiências de leitura que transcendem o texto escrito e incorporam processos criativos e colaborativos.

A robótica educacional, inserida nesse contexto, amplia as possibilidades de interação com narrativas literárias, permitindo que os estudantes materializem histórias por meio de dispositivos programáveis. Pesquisas destacam que tais práticas estimulam o pensamento computacional e promovem aprendizagens significativas, conforme Azevedo (2026). A articulação entre literatura e robótica, portanto, configura um campo fértil para inovação pedagógica.

A dimensão inclusiva da educação ganha novos contornos quando mediada por tecnologias digitais e práticas maker, uma vez que essas abordagens favorecem a adaptação de recursos e a personalização do ensino. Estudos sobre tecnologias assistivas evidenciam seu potencial para garantir acessibilidade e participação plena de estudantes com diferentes necessidades, conforme Oliveira (2026). A literatura juvenil, nesse cenário, torna-se instrumento de inclusão ao representar múltiplas identidades e experiências.

A construção da identidade leitora, entendida como processo contínuo de formação do sujeito em relação à leitura, é profundamente impactada pelas transformações tecnológicas contemporâneas. Pesquisas indicam que a identificação com narrativas e personagens contribui para o fortalecimento do vínculo com a leitura, conforme Silva e Pereira (2022). A literatura juvenil contemporânea, ao dialogar com temas atuais, favorece esse processo de identificação.

O Dia Mundial do Livro constitui um marco simbólico relevante para a promoção da leitura e da cultura literária, sendo frequentemente utilizado como oportunidade para implementação de práticas pedagógicas inovadoras. Estudos apontam que eventos temáticos contribuem para o engajamento dos estudantes e para a valorização da leitura como prática social, conforme Vieira et al. (2025). A integração de tecnologias nesse contexto potencializa os resultados dessas iniciativas.

A interseção entre literatura juvenil e tecnologias digitais exige uma revisão das práticas pedagógicas tradicionais, que muitas vezes se mostram insuficientes diante das demandas contemporâneas. Pesquisas indicam que metodologias ativas favorecem a aprendizagem significativa e o desenvolvimento da autonomia, conforme Ischkanian et al. (2025). A incorporação de recursos tecnológicos, nesse sentido, não deve ser meramente instrumental, mas orientada por objetivos pedagógicos claros.

A inclusão educacional, entendida como princípio fundamental da educação contemporânea, demanda práticas que considerem a diversidade dos estudantes em suas múltiplas dimensões. Estudos destacam que a utilização de recursos adaptativos e tecnologias assistivas contribui para a equidade no processo educativo, conforme Pereira e Rocha (2021). A literatura juvenil, ao abordar temas relacionados à diversidade, reforça esse compromisso.

A robótica maker, ao possibilitar a criação de artefatos tecnológicos a partir de narrativas literárias, promove uma aprendizagem interdisciplinar que articula diferentes áreas do conhecimento. Pesquisas indicam que essa abordagem favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, conforme Santos e Oliveira (2021). A integração entre literatura e tecnologia, nesse contexto, amplia as possibilidades educativas.

A mediação docente desempenha papel central na articulação entre tecnologias, literatura e inclusão, sendo responsável por orientar e potencializar as experiências de aprendizagem. Estudos apontam que a formação continuada de professores é fundamental para o uso eficaz de tecnologias educacionais, conforme Ischkanian et al. (2025). A atuação docente, portanto, deve ser pautada por uma compreensão crítica das ferramentas disponíveis.

A literatura juvenil contemporânea caracteriza-se por abordar temas relevantes para os jovens, como identidade, diversidade e questões sociais, contribuindo para a formação de leitores críticos. Pesquisas indicam que a proximidade temática favorece o engajamento dos estudantes, conforme Rodrigues e Barbosa (2021). A utilização dessas obras em contextos tecnológicos potencializa seus efeitos formativos.

A integração de tecnologias digitais no ensino da literatura exige a consideração de aspectos éticos e legais, especialmente no que se refere ao uso de dados e à proteção da privacidade dos estudantes. Estudos destacam a importância de políticas educacionais que regulamentem o uso dessas tecnologias, conforme Carvalho (2026). A educação digital, nesse sentido, deve ser orientada por princípios éticos claros.

A cultura digital, ao transformar os modos de produção e circulação de informações, impacta diretamente as práticas de leitura e escrita. Pesquisas indicam que os estudantes estão cada vez mais inseridos em ambientes digitais, o que exige a adaptação das práticas pedagógicas, conforme Neta (2026). A literatura juvenil, nesse contexto, deve dialogar com essas novas formas de interação.

A inclusão de estudantes neurodivergentes no processo educativo demanda práticas pedagógicas diferenciadas e o uso de tecnologias assistivas. Estudos apontam que tais recursos contribuem para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais desses estudantes, conforme Carvalho (2026). A literatura juvenil, ao representar diferentes formas de ser e aprender, fortalece esse processo inclusivo.

A robótica educacional, ao ser integrada ao ensino da literatura, promove uma abordagem interdisciplinar que favorece a construção do conhecimento de forma significativa. Pesquisas indicam que essa integração contribui para o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, conforme Azevedo (2026). A aprendizagem torna-se, assim, mais dinâmica e contextualizada.

A literatura juvenil, ao incorporar elementos tecnológicos em suas narrativas, reflete as transformações da sociedade contemporânea e contribui para a formação de leitores críticos. Estudos destacam que a atualização temática das obras literárias favorece o engajamento dos jovens, conforme Silva (2022). A leitura, nesse contexto, torna-se espaço de reflexão e construção de sentido.

A utilização de metodologias ativas no ensino da literatura, mediadas por tecnologias digitais, favorece a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Pesquisas indicam que essas abordagens contribuem para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico, conforme Narciso e Santana (2025). A educação, portanto, deve ser orientada por práticas inovadoras.

A inclusão digital, entendida como acesso equitativo às tecnologias, constitui um desafio para os sistemas educacionais, especialmente em contextos de desigualdade social. Estudos apontam que a democratização do acesso às tecnologias é fundamental para a promoção da equidade, conforme Ribeiro e Martins (2020). A literatura juvenil, nesse cenário, pode atuar como instrumento de inclusão.

A articulação entre literatura, tecnologia e inclusão exige uma abordagem pedagógica integrada, capaz de considerar as múltiplas dimensões do processo educativo. Pesquisas indicam que a interdisciplinaridade favorece a construção do conhecimento de forma significativa, conforme Carvalho et al. (2026). A educação contemporânea demanda práticas que transcendam a fragmentação do saber.

A formação da identidade leitora, em contextos mediados por tecnologias, envolve a construção de relações significativas com o texto e com o mundo. Estudos destacam que a leitura deve ser compreendida como prática social, conforme Freire (perspectiva amplamente discutida na literatura educacional). A literatura juvenil, nesse sentido, contribui para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

A robótica maker, ao possibilitar a criação de narrativas interativas, amplia as possibilidades de ensino da literatura e favorece a aprendizagem significativa. Pesquisas indicam que a integração entre tecnologia e literatura promove o engajamento dos estudantes, conforme Vieira et al. (2026). A educação, nesse contexto, assume caráter inovador e transformador.

A inclusão, como princípio orientador da educação contemporânea, exige práticas pedagógicas que considerem a diversidade dos estudantes e promovam a equidade. Estudos apontam que a utilização de tecnologias assistivas e metodologias inclusivas contribui para esse objetivo, conforme Demo (2026). A literatura juvenil, ao abordar temas relacionados à diversidade, reforça esse compromisso.

A integração entre tecnologias, robótica maker e literatura juvenil configura um campo promissor para a inovação educacional, ao possibilitar novas formas de ensino e aprendizagem. Pesquisas indicam que essas abordagens contribuem para o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, conforme Ischkanian et al. (2026). A educação, nesse cenário, assume papel estratégico na formação de cidadãos críticos.

A construção da identidade leitora, mediada por tecnologias e práticas inclusivas, constitui um desafio e uma oportunidade para a educação contemporânea. Estudos apontam que a articulação entre diferentes recursos e metodologias favorece a formação de leitores críticos e autônomos, conforme Oliveira et al. (2026). A literatura juvenil, nesse contexto, desempenha papel central na formação integral dos estudantes.

2. DESENVOLVIMENTO

O entrelaçamento entre tecnologias educacionais, cultura maker e literatura juvenil contemporânea inaugura um campo de investigação fértil para compreender a formação da identidade leitora em contextos escolares diversos. A reflexão proposta adquire densidade ao considerar o papel simbólico do Dia Mundial do Livro como marco cultural que mobiliza práticas pedagógicas e experiências estéticas. Segundo Silva e Pereira (2022), a literatura infantil e juvenil, mediada por tecnologias digitais, contribui para o desenvolvimento de leitores críticos em ambientes contemporâneos marcados pela multimodalidade. A articulação entre leitura, criação e experimentação tecnológica evidencia novas possibilidades de engajamento, deslocando o leitor da passividade para a autoria.

A cultura maker emerge como vetor de transformação pedagógica ao promover experiências concretas de aprendizagem que dialogam com o fazer e o pensar de maneira integrada. Martins e Lima (2023) defendem que práticas baseadas na construção ativa favorecem a formação de sujeitos críticos, capazes de interpretar e produzir sentidos em múltiplas linguagens. Esse cenário redefine o lugar da literatura, que passa a ser compreendida não apenas como objeto de leitura, mas como matéria-prima para criação, reinterpretação e expressão.

A presença da robótica educacional no contexto escolar amplia as formas de interação com narrativas, permitindo que histórias sejam reconstruídas por meio de dispositivos programáveis e experiências imersivas. Ischkanian et al. (2022) apontam que a integração entre tecnologia e educação inclusiva potencializa a participação de estudantes com diferentes perfis cognitivos. O texto literário, quando articulado a práticas tecnológicas, assume dimensões sensoriais e interativas que favorecem a construção de vínculos significativos com a leitura.

O pensamento computacional, especialmente em sua vertente desplugada, oferece estratégias acessíveis para o desenvolvimento de habilidades cognitivas fundamentais à compreensão textual. Azevedo (2026) destaca que a lógica, a decomposição e o raciocínio algorítmico podem ser trabalhados sem a mediação direta de dispositivos digitais. Tal abordagem permite que a leitura seja compreendida como processo estruturado, no qual o leitor organiza informações, identifica padrões e constrói significados de maneira ativa.

A literatura juvenil contemporânea apresenta temáticas que dialogam com questões identitárias, sociais e tecnológicas, aproximando-se das experiências vividas pelos estudantes. Souza e Costa (2021) evidenciam que práticas de leitura mediadas por tecnologias digitais ampliam o repertório cultural e favorecem a construção de sentidos. A identificação com personagens e narrativas contemporâneas contribui para a formação de uma identidade leitora situada e crítica.

A inclusão educacional constitui eixo fundamental na articulação entre tecnologias e literatura, exigindo práticas pedagógicas sensíveis às singularidades dos estudantes. Almeida (2026) enfatiza a importância de recursos pedagógicos adaptados para crianças com Transtorno do Espectro Autista, destacando a necessidade de mediações que respeitem diferentes formas de aprendizagem. A literatura, quando associada a tecnologias assistivas, torna-se instrumento potente de participação e expressão.

A ludicidade ocupa lugar central na mediação entre leitura e aprendizagem, especialmente em contextos que incorporam práticas maker e robótica. Almeida e Ferreira (2022) argumentam que o brincar favorece a construção de conhecimentos significativos, promovendo engajamento e criatividade. A leitura literária, inserida em atividades lúdicas, deixa de ser uma tarefa obrigatória e passa a ser vivenciada como experiência prazerosa.

A neuropsicopedagogia contribui para a compreensão dos processos envolvidos na formação do leitor, considerando aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Belchior et al. (2025) destacam que intervenções pedagógicas fundamentadas em evidências científicas potencializam o desenvolvimento da aprendizagem. A integração entre literatura e tecnologia permite a criação de ambientes que estimulam múltiplas áreas do cérebro, favorecendo a retenção e a compreensão.

O conceito de Desenho Universal para a Aprendizagem amplia as possibilidades de acesso à literatura, ao propor estratégias que contemplam diferentes estilos de aprendizagem. Carvalho et al. (2026) ressaltam que a adaptação de recursos e metodologias contribui para a inclusão efetiva de todos os estudantes. A utilização de tecnologias digitais e práticas maker favorece a personalização do ensino, permitindo que cada sujeito construa sua trajetória leitora.

A valorização docente constitui elemento essencial para a implementação de práticas inovadoras que integrem literatura, tecnologia e inclusão. Batista, Ischkanian e Cabral (2025) evidenciam que a desvalorização salarial impacta diretamente a qualidade da educação. O investimento na formação continuada de professores torna-se indispensável para que novas metodologias sejam incorporadas de maneira crítica e reflexiva.

A inteligência artificial apresenta-se como ferramenta promissora na personalização do ensino e na mediação da leitura. Cabral (2026) discute as transformações pedagógicas decorrentes do uso de tecnologias emergentes no processo de aprendizagem. A análise de dados educacionais permite identificar necessidades específicas dos estudantes, favorecendo intervenções mais precisas e eficazes.

A literatura, enquanto expressão cultural, desempenha papel fundamental na construção da identidade e na formação cidadã. Freitas (2026) destaca a importância do letramento racial na promoção de uma educação antirracista. Narrativas que valorizam a diversidade contribuem para o reconhecimento de diferentes perspectivas e para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A cultura maker, ao incentivar a experimentação e a colaboração, promove a construção coletiva do conhecimento. Vieira et al. (2026) ressaltam que tecnologias de baixo custo ampliam o acesso a práticas inovadoras, democratizando a educação. A leitura literária, integrada a projetos maker, torna-se ponto de partida para investigações e criações interdisciplinares.

A robótica educacional, quando articulada à literatura, permite a criação de experiências narrativas interativas que estimulam a imaginação e a criatividade. Santos e Oliveira (2021) apontam que a integração entre tecnologias digitais e práticas pedagógicas favorece o desenvolvimento de competências diversas. O estudante passa a atuar como autor de suas próprias narrativas, explorando diferentes linguagens.

A inclusão digital configura-se como condição necessária para a participação plena na sociedade contemporânea. Neta (2026) destaca que o letramento digital, associado ao Desenho Universal para a Aprendizagem, promove a acessibilidade e a equidade. A literatura digital amplia as formas de leitura, incorporando elementos multimídia que enriquecem a experiência do leitor.

A psicopedagogia contribui para a identificação de dificuldades de aprendizagem e para a elaboração de estratégias de intervenção. Carvalho (2026) enfatiza a importância do fortalecimento das habilidades fundamentais no processo de alfabetização. A integração entre literatura e tecnologia possibilita a criação de ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e inclusivos.

A leitura afetiva emerge como dimensão essencial na formação do leitor, especialmente em contextos que valorizam a experiência emocional. Ischkanian et al. (2025) destacam o papel dos contos de fadas no fortalecimento dos vínculos familiares e no bem-estar psicológico. A literatura, mediada por tecnologias, pode potencializar essas experiências, criando espaços de conexão e empatia.

A interdisciplinaridade constitui elemento estruturante na articulação entre literatura, tecnologia e inclusão. Carvalho et al. (2026) defendem a contextualização do currículo como estratégia para promover aprendizagens significativas. A integração de diferentes áreas do conhecimento permite a construção de uma visão mais ampla e crítica da realidade.

A formação do leitor crítico exige práticas pedagógicas que estimulem a reflexão e a problematização. Narciso e Santana (2025) propõem novos caminhos metodológicos que valorizam a autonomia do estudante. A literatura juvenil contemporânea, ao abordar temas relevantes, contribui para o desenvolvimento de competências argumentativas.

A tecnologia assistiva desempenha papel fundamental na promoção da acessibilidade e da inclusão educacional. Pereira e Rocha (2021) evidenciam o impacto positivo desses recursos na aprendizagem de estudantes com necessidades específicas. A literatura, quando associada a tecnologias assistivas, torna-se mais acessível e significativa.

A valorização da diversidade cultural na literatura contribui para a construção de identidades plurais e inclusivas. Viana et al. (2026) destacam a importância das experiências culturais na formação das crianças. Narrativas que contemplam diferentes culturas promovem o respeito e a valorização das diferenças.

A mediação docente revela-se fundamental na articulação entre tecnologias e práticas de leitura. Carvalho (2026) aponta que o assessoramento pedagógico contribui para a qualidade do ensino. O professor atua como mediador, orientando o uso crítico das tecnologias e promovendo experiências significativas de leitura.

A cultura digital redefine as práticas de leitura, incorporando novas linguagens e formas de interação. Cabral (2023) discute as contribuições das tecnologias para a educação contemporânea. A literatura digital amplia as possibilidades de interpretação, permitindo múltiplas leituras e significados.

A formação da identidade leitora envolve processos complexos que articulam aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Ferreira et al. (2025) analisam as contribuições das neurociências para o desenvolvimento da linguagem e da leitura. A integração entre literatura, tecnologia e inclusão favorece a construção de sujeitos autônomos e críticos.

Tabela 1: A formação da identidade leitora, práticas inclusivas no contexto de tecnologias, robótica maker e literatura juvenil.

Atividade	Descrição da Prática Inclusiva	Autor e Contribuição
Criação de histórias digitais interativas	Estudantes desenvolvem narrativas com apoio de aplicativos acessíveis, promovendo múltiplas formas de expressão e participação equitativa.	Wilson Bezerra dos Santos (2026): Defende o uso de tecnologias acessíveis como meio de ampliar a participação de estudantes com diferentes perfis cognitivos.
Oficina de robótica com narrativa literária	Construção de protótipos inspirados em personagens de livros juvenis, estimulando leitura e pensamento criativo inclusivo.	Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira (2026): Destaca a integração entre tecnologia e inclusão como caminho para democratização do conhecimento.
Leitura mediada com recursos digitais	Utilização de audiolivros, legendas e imagens para garantir compreensão ampla dos textos literários.	Simone Helen Drumond Ischkanian (2026): Enfatiza a personalização do ensino como estratégia para atender à diversidade.
Produção de fanzines inclusivos	Criação coletiva de revistas com linguagem multimodal, valorizando diferentes formas de expressão.	Gladys Nogueira Cabral (2026): Ressalta a importância da inovação pedagógica no desenvolvimento da autonomia discente.
Programação de histórias com Scratch	Desenvolvimento de narrativas animadas por meio de programação visual acessível.	Gabriel Nascimento de Carvalho (2026): Reflete sobre o uso ético e inclusivo das tecnologias digitais no contexto educacional.
Leitura colaborativa em ambientes virtuais	Plataformas digitais permitem interação entre estudantes com diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.	Silvana Nascimento de Carvalho (2026): Valoriza a mediação pedagógica como elemento essencial para inclusão efetiva.
Criação de personagens com impressão 3D	Estudantes materializam personagens literários, favorecendo aprendizagem tátil e visual.	Sygride Nascimento de Carvalho (2026): Relaciona inclusão social à valorização da criatividade e produção coletiva.
Jogos digitais baseados em literatura	Gamificação de obras juvenis para engajamento de estudantes com diferentes perfis.	Sandro Garabed Ischkanian (2026): Defende o lúdico como elemento estruturante da aprendizagem significativa.
Adaptação de textos com linguagem simples	Reescrita de obras para facilitar compreensão de estudantes com dificuldades de leitura.	Rosimery Mendes Rodrigues (2026): Aponta a importância da acessibilidade linguística para inclusão educacional.
Oficina maker com materiais recicláveis	Construção de objetos relacionados a histórias, promovendo sustentabilidade e inclusão.	Idênis Glória Belchior (2026): Destaca práticas pedagógicas que integram criatividade e acessibilidade.
Leitura dramatizada com apoio tecnológico	Uso de recursos audiovisuais para ampliar a expressividade e participação dos alunos.	Eliana Drumond de Carvalho Silva (2026): Evidencia a relevância da expressão emocional no processo de aprendizagem inclusiva.

Criação de podcasts literários	Produção de conteúdos orais sobre livros, favorecendo estudantes com dificuldades na escrita.	Wilson Bezerra dos Santos (2026): Valoriza múltiplas linguagens como forma de inclusão.
Robótica para encenação de histórias	Programação de robôs para representar cenas literárias, promovendo engajamento ativo.	Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira (2026): Integra tecnologia e aprendizagem significativa.
Leitura com realidade aumentada	Aplicativos ampliam a experiência literária com elementos visuais interativos.	Simone Helen Drumond Ischkanian (2026): Defende o uso de tecnologias emergentes na educação inclusiva.
Produção de vídeos literários acessíveis	Criação de vídeos com legendas e audiodescrição.	Gladys Nogueira Cabral (2026): Incentiva práticas inovadoras e inclusivas.
Clube de leitura digital inclusivo	Espaço virtual para discussão de obras com mediação pedagógica.	Gabriel Nascimento de Carvalho (2026): Enfatiza o direito à participação digital segura.
Criação de jogos analógicos adaptados	Jogos físicos baseados em histórias com adaptações inclusivas.	Silvana Nascimento de Carvalho (2026): Destaca o papel da adaptação pedagógica.
Escrita colaborativa em plataformas digitais	Produção coletiva de textos com suporte tecnológico.	Sygride Nascimento de Carvalho (2026): Valoriza a construção coletiva do conhecimento.
Leitura com apoio de inteligência artificial	Ferramentas adaptativas auxiliam na compreensão textual.	Sandro Garabed Ischkanian (2026): Aponta inovação como aliada da inclusão.
Criação de maquetes literárias	Representação física de cenários de livros.	Rosimery Mendes Rodrigues (2026): Destaca aprendizagem concreta e acessível.
Produção de livros táteis	Desenvolvimento de materiais acessíveis para estudantes com deficiência visual.	Idênis Glória Belchior (2026): Defende recursos pedagógicos inclusivos.
Narrativas com linguagem de sinais	Inclusão de Libras em atividades literárias.	Eliana Drumond de Carvalho Silva (2026): Valoriza comunicação inclusiva.
Jogos de lógica baseados em histórias	Integração entre narrativa e raciocínio lógico.	Wilson Bezerra dos Santos (2026): Relaciona tecnologia e desenvolvimento cognitivo.
Criação de aplicativos literários	Desenvolvimento de apps simples para leitura.	Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira (2026): Incentiva protagonismo estudantil.
Leitura sensorial	Uso de estímulos táteis e auditivos.	Simone Helen Drumond Ischkanian (2026): Considera múltiplas formas de aprendizagem.
Produção de HQs digitais	Criação de histórias em quadrinhos com ferramentas digitais.	Gladys Nogueira Cabral (2026): Estimula criatividade e inclusão.
Robótica com storytelling	Integração entre programação e narrativa.	Gabriel Nascimento de Carvalho (2026): Reflete sobre inovação educacional.

Leitura gamificada	Pontuação e desafios para engajar leitores.	Silvana Nascimento de Carvalho (2026): Incentiva motivação e participação.
Criação de trilhas sonoras literárias	Produção musical para acompanhar histórias.	Sygride Nascimento de Carvalho (2026): Valoriza expressão artística.
Oficinas de leitura inclusiva	Estratégias diferenciadas para compreensão textual.	Sandro Garabed Ischkanian (2026): Defende práticas lúdicas.
Produção de blogs literários	Escrita digital colaborativa.	Rosimery Mendes Rodrigues (2026): Incentiva expressão digital.
Jogos de interpretação textual	Atividades interativas de leitura.	Idênis Glória Belchior (2026): Promove inclusão cognitiva.
Leitura com apoio visual ampliado	Uso de imagens e gráficos.	Eliana Drumond de Carvalho Silva (2026): Facilita compreensão.
Criação de roteiros inclusivos	Escrita adaptada para diversidade.	Wilson Bezerra dos Santos (2026): Valoriza diversidade.
Oficinas maker literárias	Construção de objetos narrativos.	Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira (2026): Integra teoria e prática.
Leitura compartilhada digital	Interação online mediada.	Simone Helen Drumond Ischkanian (2026): Promove inclusão digital.
Produção de vídeos em Libras	Inclusão de estudantes surdos.	Gladys Nogueira Cabral (2026): Incentiva acessibilidade.
Jogos educativos digitais	Aprendizagem interativa.	Gabriel Nascimento de Carvalho (2026): Reflete sobre ética digital.
Criação de mapas narrativos	Representação espacial de histórias.	Silvana Nascimento de Carvalho (2026): Estimula compreensão.
Oficinas de escrita criativa inclusiva	Produção textual com suporte pedagógico.	Sygride Nascimento de Carvalho (2026): Valoriza diversidade.
Leitura com mediação afetiva	Envolvimento emocional na leitura.	Sandro Garabed Ischkanian (2026): Destaca vínculo afetivo.
Produção de audiolivros	Inclusão de estudantes com dificuldades visuais.	Rosimery Mendes Rodrigues (2026): Amplia acesso à leitura.
Criação de jogos físicos adaptados	Inclusão por meio do brincar.	Idênis Glória Belchior (2026): Defende ludicidade.
Leitura com suporte tecnológico personalizado	Ferramentas adaptativas.	Eliana Drumond de Carvalho Silva (2026): Foca na individualidade.
Produção de narrativas multimodais	Integração de texto, imagem e som.	Wilson Bezerra dos Santos (2026): Valoriza múltiplas linguagens.
Oficinas de leitura crítica digital	Análise de conteúdos online.	Mara Lucia Nunes de Lima Oliveira (2026): Desenvolve pensamento crítico.
Criação de ambientes virtuais literários	Espaços imersivos de leitura.	Simone Helen Drumond Ischkanian (2026): Explora inovação.
Jogos colaborativos literários	Interação entre estudantes.	Gladys Nogueira Cabral (2026): Incentiva cooperação.

Produção de conteúdos acessíveis	Materiais adaptados digitalmente.	Gabriel Nascimento de Carvalho (2026): Enfatiza inclusão digital.
Leitura com tecnologias assistivas	Uso de softwares específicos.	Silvana Nascimento de Carvalho (2026): Promove equidade educacional.

Fonte: Autores, 2026.

A celebração do Dia Mundial do Livro adquire novo significado quando integrada a práticas inovadoras que valorizam a diversidade e a inclusão. Rodrigues e Barbosa (2021) destacam a importância de práticas pedagógicas que promovam a participação de todos os estudantes. A articulação entre tecnologias, cultura maker e literatura juvenil contemporânea revela-se caminho promissor para a construção de uma educação mais equitativa, criativa e transformadora.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, orientada pela compreensão aprofundada dos fenômenos educacionais relacionados às tecnologias, à robótica maker e à inclusão no contexto da literatura juvenil contemporânea. Tal perspectiva privilegia a interpretação de significados, experiências e construções simbólicas que atravessam a formação da identidade leitora. Narciso e Santana (2025) assinalam que a pesquisa qualitativa permite explorar dimensões complexas da educação, contemplando nuances que não podem ser reduzidas a dados numéricos, especialmente quando se trata de práticas pedagógicas mediadas por inovação.

A natureza da pesquisa configura-se como básica, uma vez que se dedica à ampliação do conhecimento teórico acerca das relações entre cultura digital, práticas inclusivas e formação leitora. Essa escolha evidencia o compromisso com a produção de reflexões conceituais que possam subsidiar investigações futuras e práticas educacionais mais qualificadas. Segundo Creswell (2021), pesquisas de natureza básica contribuem para o aprofundamento das bases epistemológicas de um campo, permitindo novas interpretações sobre fenômenos emergentes.

No que se refere aos objetivos, o estudo apresenta caráter exploratório e descritivo, considerando a necessidade de mapear produções científicas e compreender como diferentes autores abordam a interface entre literatura juvenil, tecnologias e inclusão. Galvão e Ricarte (2019) destacam que pesquisas exploratórias possibilitam o reconhecimento de tendências e lacunas no conhecimento, enquanto a dimensão descritiva favorece a organização e sistematização das informações encontradas.

Os procedimentos técnicos adotados concentram-se na pesquisa bibliográfica e documental, estruturadas a partir de critérios rigorosos de seleção, análise e interpretação das fontes. Batista e Kumada (2021) ressaltam que a pesquisa bibliográfica exige um processo criterioso de levantamento e avaliação de materiais, garantindo a confiabilidade das informações utilizadas. Esse percurso metodológico possibilita a construção de um referencial teórico consistente, capaz de sustentar as análises desenvolvidas.

A relevância da pesquisa bibliográfica neste estudo reside na possibilidade de acessar e articular diferentes perspectivas teóricas sobre o tema investigado. Narciso e Santana (2025) enfatizam que a revisão crítica da literatura permite identificar convergências e divergências entre autores, promovendo uma compreensão mais abrangente do objeto de estudo. Tal movimento favorece a construção de um diálogo acadêmico que transcende abordagens isoladas.

A adoção de princípios da revisão sistemática contribui para a organização e transparência do processo investigativo, especialmente no que diz respeito à seleção e análise das fontes. Morales (2022) apresenta a metodologia PRISMA como referência para a estruturação de revisões sistemáticas, destacando a importância da clareza nos critérios de inclusão e exclusão dos estudos. Esse direcionamento fortalece a validade do percurso metodológico adotado.

A utilização das diretrizes PRISMA, conforme proposto por Page et al. (2021), orienta a sistematização das etapas de busca, triagem e análise dos documentos selecionados. A aplicação desses parâmetros assegura maior rigor científico, evitando vieses e garantindo a rastreabilidade das decisões metodológicas. O processo de seleção foi conduzido com base na pertinência temática, atualidade das publicações e relevância acadêmica.

A pesquisa documental complementa a abordagem bibliográfica ao incorporar materiais disponíveis em bases digitais e repositórios científicos. Fávero e Centenaro (2019) apontam que documentos institucionais, relatórios e publicações eletrônicas constituem fontes relevantes para a compreensão de políticas e práticas educacionais. A inclusão desses materiais amplia o escopo da análise e enriquece a discussão teórica.

O levantamento das fontes foi realizado em bases reconhecidas no meio acadêmico, como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia.edu e Google Acadêmico. Esse procedimento assegura o acesso a produções científicas qualificadas e diversificadas, permitindo uma visão abrangente do campo investigado. A seleção considerou critérios de rigor metodológico, relevância temática e contribuição para o debate proposto.

Após a etapa de coleta, os materiais selecionados foram submetidos a uma leitura analítica e interpretativa, buscando identificar categorias emergentes relacionadas ao tema.

Creswell (2021) destaca que a análise qualitativa envolve a organização dos dados em padrões significativos, permitindo a construção de interpretações fundamentadas. Esse processo exige sensibilidade teórica e rigor analítico por parte do pesquisador.

A categorização temática constituiu estratégia central para a organização dos dados, possibilitando a identificação de eixos estruturantes da discussão. Galvão e Ricarte (2019) indicam que a sistematização por categorias favorece a compreensão das relações entre diferentes estudos, permitindo a construção de uma narrativa coerente. As categorias foram definidas com base nos objetivos da pesquisa e nos conceitos recorrentes na literatura.

O cruzamento entre os dados analisados permitiu evidenciar convergências e tensões presentes nas produções científicas. Narciso e Santana (2025) afirmam que a análise crítica da literatura deve ir além da descrição, promovendo interpretações que revelem contradições e potencialidades do campo. Esse movimento contribui para a construção de uma reflexão mais aprofundada e original.

A interpretação dos dados foi orientada por uma perspectiva dialógica, que considera a interação entre diferentes autores e abordagens teóricas. Creswell (2021) ressalta que a pesquisa qualitativa valoriza a multiplicidade de vozes, reconhecendo a complexidade dos fenômenos investigados. A análise buscou articular essas vozes de maneira coerente e crítica.

A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os significados atribuídos às práticas pedagógicas contemporâneas. Silva et al. (2009) destacam que a investigação qualitativa permite captar dimensões subjetivas e contextuais, fundamentais para a análise de processos educativos. Essa perspectiva favorece a compreensão da formação da identidade leitora em contextos diversos.

A pesquisa bibliográfica desempenha papel central na construção do conhecimento científico, especialmente em estudos que buscam compreender fenômenos complexos. Batista e Kumada (2021) enfatizam que esse tipo de investigação permite ao pesquisador dialogar com produções consolidadas, ampliando seu repertório teórico. A articulação entre diferentes fontes contribui para a consistência das análises.

A análise documental, por sua vez, possibilita o acesso a dados que refletem práticas e políticas educacionais em diferentes contextos. Fávero e Centenaro (2019) apontam que documentos institucionais oferecem subsídios importantes para a compreensão de processos educativos. A inclusão desses materiais enriquece a discussão e amplia as possibilidades interpretativas.

O rigor metodológico foi assegurado por meio da definição clara dos critérios de seleção e análise das fontes. Page et al. (2021) destacam que a transparência nos procedimentos

adotados é fundamental para a credibilidade da pesquisa. A sistematização das etapas permitiu a construção de um percurso investigativo consistente.

A triangulação de dados constituiu estratégia relevante para a validação das análises realizadas. Creswell (2021) afirma que a utilização de múltiplas fontes fortalece a confiabilidade dos resultados. A combinação entre diferentes tipos de materiais possibilitou uma compreensão mais abrangente do objeto de estudo.

A análise interpretativa buscou identificar não apenas conteúdos explícitos, mas também sentidos implícitos presentes nos textos. Narciso e Santana (2025) ressaltam que a leitura crítica exige a problematização das ideias apresentadas, promovendo reflexões que ultrapassem a superfície dos dados. Esse processo contribui para a originalidade da pesquisa.

A organização dos dados em categorias permitiu a construção de uma narrativa estruturada, capaz de evidenciar os principais aspectos discutidos na literatura. Galvão e Ricarte (2019) destacam que a sistematização favorece a clareza e a coerência das análises. A narrativa construída reflete a articulação entre diferentes perspectivas teóricas.

A análise comparativa entre os estudos selecionados possibilitou a identificação de padrões e singularidades no campo investigado. Morales (2022) aponta que a comparação entre produções científicas contribui para a compreensão das tendências e lacunas da área. Esse movimento fortalece a consistência das interpretações.

A reflexão metodológica evidencia a importância de um olhar crítico sobre os dados coletados, evitando interpretações superficiais ou reducionistas. Creswell (2021) enfatiza que o pesquisador deve assumir uma postura reflexiva, questionando suas próprias interpretações. Essa atitude contribui para a qualidade da pesquisa.

A integração entre procedimentos bibliográficos e documentais permitiu a construção de uma base teórica sólida e diversificada. Batista e Kumada (2021) destacam que a combinação de diferentes fontes enriquece o processo investigativo. A articulação entre esses procedimentos favorece a profundidade das análises.

A metodologia adotada revela-se adequada aos objetivos propostos, permitindo a compreensão das relações entre tecnologias, robótica maker e inclusão na formação da identidade leitora. Narciso e Santana (2025) indicam que a escolha metodológica deve estar alinhada ao objeto de estudo, garantindo coerência entre teoria e prática. O percurso desenvolvido possibilita a construção de reflexões consistentes e fundamentadas.

O delineamento metodológico evidencia o compromisso com a produção de conhecimento científico rigoroso e relevante. Page et al. (2021) ressaltam que a sistematização e a transparência são elementos essenciais para a qualidade das pesquisas. A investigação

realizada contribui para o avanço das discussões sobre educação, tecnologia e inclusão, oferecendo subsídios para futuras pesquisas e práticas pedagógicas.

2.2. LITERATURA JUVENIL E TECNOLOGIAS

A literatura juvenil contemporânea, quando articulada às tecnologias digitais, revela um campo fértil de ressignificação das práticas leitoras, sobretudo no que se refere à construção da identidade leitora em contextos educacionais marcados pela diversidade. A presença de recursos digitais amplia o alcance das narrativas e modifica os modos de interação entre leitor, texto e contexto sociocultural. Souza e Costa (2021) destacam que o ambiente digital não apenas facilita o acesso, mas também redefine a experiência estética e cognitiva da leitura.

A incorporação de dispositivos tecnológicos no cotidiano escolar tem promovido uma transformação significativa na maneira como jovens se relacionam com a literatura. A leitura deixa de ser um ato solitário e linear para se constituir como prática interativa, mediada por múltiplas linguagens e suportes. Silva e Pereira (2022) enfatizam o papel das tecnologias na formação de leitores críticos em ambientes digitais contemporâneos.

A literatura juvenil, ao dialogar com plataformas digitais, passa a incorporar elementos multimodais que enriquecem a compreensão textual e ampliam as possibilidades interpretativas. A convergência entre texto, imagem, som e interatividade favorece a construção de sentidos mais complexos, especialmente entre leitores em formação. Almeida e Ferreira (2022) abordam a ludicidade como elemento estruturante da aprendizagem mediada por recursos tecnológicos.

A cultura digital, nesse cenário, não apenas modifica os suportes da leitura, mas também influencia os modos de produção literária. Jovens leitores tornam-se produtores de conteúdo, participando ativamente da construção de narrativas por meio de blogs, redes sociais e plataformas colaborativas. Martins e Lima (2023) discutem a cultura maker como elemento impulsionador da formação de leitores críticos e criativos.

A presença da robótica educacional e da cultura maker no ambiente escolar introduz novas possibilidades de articulação entre leitura e prática criativa. Projetos que integram literatura e construção de artefatos tecnológicos estimulam a imaginação, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Ischkanian et al. (2026) evidenciam o potencial inclusivo das tecnologias de baixo custo no contexto educacional.

A inclusão educacional, nesse contexto, ganha novos contornos ao ser mediada por tecnologias digitais e práticas inovadoras. A literatura juvenil torna-se um instrumento de acesso ao conhecimento e de valorização das diferenças, especialmente quando associada a

recursos acessíveis e adaptáveis. Oliveira (2026) ressalta a relevância das tecnologias assistivas na promoção de uma educação equitativa.

A construção da identidade leitora não pode ser dissociada das condições de acesso e das mediações pedagógicas que favorecem a participação de todos os estudantes. A utilização de aplicativos de leitura, audiolivros e plataformas interativas contribui para a democratização do acesso à literatura. Neta (2026) discute o papel do letramento digital na inclusão de sujeitos neurodivergentes no processo de alfabetização.

A robótica educacional, ao ser integrada às práticas de leitura, possibilita a criação de experiências significativas que articulam teoria e prática. A construção de narrativas por meio de dispositivos programáveis estimula o engajamento e a autoria. Azevedo (2026) analisa o desenvolvimento do pensamento computacional como ferramenta relevante nesse processo.

A literatura juvenil também se configura como espaço de representação e reconhecimento das múltiplas identidades presentes na sociedade contemporânea. Narrativas que abordam temas como diversidade e justiça social contribuem para a formação de leitores críticos. Freitas (2026) destaca a importância da valorização cultural e do letramento racial no contexto educacional.

A mediação pedagógica assume papel central na articulação entre literatura e tecnologias, exigindo do educador competências específicas para o uso crítico e criativo dos recursos digitais. A formação docente deve contemplar tanto o domínio técnico quanto a compreensão pedagógica dessas ferramentas. Cabral (2026) analisa o uso de tecnologias educacionais como instrumentos de inovação no ensino.

A integração entre literatura juvenil e tecnologias digitais favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, colaboração e expressão criativa. A leitura de narrativas interativas permite ao estudante vivenciar diferentes perspectivas. Vieira et al. (2025) destacam o papel dos contos mediados por tecnologias no desenvolvimento emocional infantil.

A cultura maker, ao promover a aprendizagem ativa, contribui para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e participativo. A criação de projetos que envolvem leitura, escrita e construção tecnológica estimula o protagonismo estudantil. Katana et al. (2026) ressaltam a importância dessas práticas para a inclusão educacional.

A literatura juvenil deixa de ser apenas objeto de estudo para se tornar instrumento de transformação social. A leitura crítica permite ao estudante questionar realidades e construir argumentos. Rodrigues e Barbosa (2021) discutem práticas pedagógicas que articulam literatura e inclusão de forma significativa.

A utilização de tecnologias digitais amplia as possibilidades de avaliação da aprendizagem, permitindo a construção de instrumentos mais flexíveis e personalizados. A

análise de interações em ambientes digitais oferece novos indicadores do processo leitor. Creswell (2021) enfatiza a importância da sistematização dos dados em pesquisas educacionais.

A literatura juvenil contemporânea contribui para a formação de leitores híbridos, capazes de transitar entre diferentes linguagens e suportes. Essa característica reflete as transformações culturais das novas gerações. Souza e Costa (2021) analisam essas práticas no contexto da educação infantil.

A inclusão exige a adaptação dos recursos pedagógicos às necessidades específicas dos estudantes, garantindo acessibilidade e equidade. A utilização de tecnologias assistivas e estratégias diferenciadas favorece a participação plena. Almeida (2026) apresenta contribuições relevantes para práticas inclusivas voltadas a crianças com TEA.

A robótica maker possibilita experiências interdisciplinares que articulam leitura e prática criativa. A associação entre textos literários e construção de protótipos promove aprendizagem significativa. Ischkanian et al. (2022) discutem a integração entre tecnologia, inclusão e práticas pedagógicas contemporâneas.

A literatura juvenil também se beneficia da expansão das redes sociais literárias, que promovem a troca de experiências entre leitores. Esses espaços virtuais favorecem o compartilhamento de interpretações e a construção coletiva do conhecimento. Silva e Pereira (2022) analisam o impacto dessas redes na formação do leitor.

A construção da identidade leitora é um processo dinâmico influenciado por múltiplos fatores, incluindo o acesso às tecnologias e a qualidade das mediações pedagógicas. A literatura juvenil mantém sua relevância como instrumento formativo. Martins e Lima (2023) destacam a importância da inovação pedagógica nesse processo.

A inclusão digital torna-se condição essencial para a garantia do direito à educação, especialmente em contextos marcados por desigualdades. A ausência de acesso às tecnologias pode comprometer a formação do leitor. Pereira e Rocha (2021) discutem o impacto da tecnologia assistiva na aprendizagem de alunos com necessidades específicas.

A literatura juvenil contemporânea contribui para a construção de uma educação mais democrática e participativa, mediada por recursos digitais acessíveis. A leitura passa a ser compreendida como prática social ampliada. Oliveira (2026) reforça a importância das tecnologias inclusivas nesse cenário.

A robótica educacional atua como ferramenta de engajamento e inclusão, permitindo a participação ativa de estudantes com diferentes perfis. Projetos colaborativos fortalecem o senso de pertencimento. Katana et al. (2026) evidenciam a relevância dessas práticas na educação contemporânea.

A literatura juvenil amplia suas possibilidades de atuação ao dialogar com a cultura digital, favorecendo práticas interativas e colaborativas. A leitura torna-se mediada por tecnologias que estimulam a construção de sentidos. Souza e Costa (2021) analisam essas transformações no âmbito educacional.

A construção da identidade leitora exige uma abordagem pedagógica que integre literatura, tecnologias e inclusão de forma crítica. A formação de leitores autônomos depende da capacidade de interpretar e criar. Cabral (2026) discute o design thinking como estratégia na formação docente.

Os autores do artigo Santos; Oliveira; Ischkanian; Cabral; Carvalho; Carvalho; Carvalho; Ischkanian; Rodrigues; Belchior; Silva (2026) destacam um conjunto de atividades voltadas à literatura juvenil articulada às tecnologias, evidenciando práticas pedagógicas que promovem a integração entre leitura, criação e inovação no contexto educacional contemporâneo.

A criação de personagens literários em forma de robôs constitui uma estratégia que integra leitura e materialização criativa, permitindo que os estudantes interpretem descrições narrativas e as traduzam em estruturas concretas. O processo exige atenção aos detalhes do texto, como características físicas, traços de personalidade e funções narrativas, promovendo uma leitura mais aprofundada.

Ao transformar elementos abstratos em objetos programáveis, os alunos desenvolvem habilidades de planejamento, lógica e expressão criativa. A atividade também favorece o engajamento, pois conecta o universo simbólico da literatura com experiências práticas e tecnológicas.

A encenação automatizada de contos juvenis por meio de robôs amplia a compreensão da narrativa ao explorar ações, sequências e relações entre personagens. Os estudantes analisam o enredo para definir quais eventos serão representados e como serão traduzidos em movimentos mecânicos.

Esse processo estimula o raciocínio sequencial e a organização temporal, fundamentais tanto para a programação quanto para a interpretação textual. A experiência também fortalece a colaboração, uma vez que exige divisão de tarefas e tomada de decisões coletivas.

A elaboração de diários digitais sobre o processo de construção de projetos maker relacionados à literatura permite que os estudantes registrem suas aprendizagens e reflexões. Esse registro contribui para a consolidação do conhecimento e para o

desenvolvimento da autonomia intelectual.

A escrita reflexiva favorece a consciência sobre as próprias estratégias de aprendizagem, estimulando a metacognição. A articulação entre prática tecnológica e produção textual amplia as possibilidades de expressão e análise crítica.

A criação de finais alternativos para histórias conhecidas, associados à programação de robôs que representem esses desfechos, incentiva a imaginação e a compreensão das estruturas narrativas. Os estudantes exploram possibilidades diversas, reinterpretando o texto original.

A atividade promove flexibilidade cognitiva e pensamento criativo, ao mesmo tempo em que exige coerência na construção dos novos finais. A programação dos robôs reforça a necessidade de planejamento e organização lógica.

A construção de cenários literários interativos com elementos maker permite que os estudantes visualizem e recriem ambientes narrativos. A incorporação de sensores e ƨwɹɔdimentos automatizados contribui para tornar a experiência mais imersiva.

Essa prática favorece a compreensão do espaço narrativo e das relações entre ambiente e ação. A materialização dos cenários estimula a criatividade e o desenvolvimento de habilidades técnicas.

A adaptação de poemas juvenis em movimentos robóticos representa uma forma inovadora de interpretação estética. Os estudantes analisam ritmo, imagens e significados para traduzir a linguagem verbal em expressão mecânica.

A atividade amplia a percepção sensorial e promove a compreensão da linguagem poética de maneira não convencional. A transposição entre diferentes linguagens estimula a criatividade e o pensamento abstrato.

O desenvolvimento de histórias interativas com múltiplos caminhos, associadas a respostas programadas em robôs, permite explorar estruturas narrativas não lineares. Os estudantes constroem enredos que dependem de escolhas do leitor.

Essa abordagem estimula o raciocínio lógico e a capacidade de antecipar consequências narrativas. A integração com a robótica reforça a compreensão de condições e variáveis.

A organização de clubes de leitura com produção maker cria um ambiente colaborativo de aprendizagem, no qual os estudantes compartilham interpretações e produzem artefatos tecnológicos. A leitura deixa de ser atividade isolada e passa a ser vivenciada coletivamente.

O trabalho em grupo favorece a troca de ideias e o desenvolvimento de habilidades

sociais. A produção maker amplia o engajamento e fortalece a relação com o texto literário.

O reconto de histórias com o uso de robôs narradores permite que os estudantes reinterpretem textos e desenvolvam habilidades de síntese. A programação dos robôs exige a seleção dos elementos mais relevantes da narrativa.

A atividade promove a oralidade e a organização do discurso, ao mesmo tempo em que integra tecnologia ao processo de aprendizagem. A experiência torna a narrativa mais dinâmica e interativa.

A produção de maquetes de mundos fictícios com integração de dispositivos tecnológicos possibilita a exploração detalhada dos cenários narrativos. Os estudantes recriam ambientes com base em suas interpretações.

A incorporação de elementos automatizados torna a experiência mais envolvente e significativa. A atividade desenvolve habilidades espaciais, criativas e técnicas.

O desenvolvimento de personagens com expressões simuladas por luzes e movimentos permite que os estudantes explorem dimensões emocionais presentes na literatura juvenil. A análise das emoções dos personagens orienta a programação dos dispositivos, estabelecendo uma relação entre texto e expressão tecnológica.

Essa atividade contribui para a compreensão da subjetividade narrativa e amplia a capacidade de interpretação emocional. A transposição de sentimentos para recursos visuais e mecânicos favorece a empatia e o envolvimento com a leitura.

A criação de sistemas automatizados de perguntas e respostas sobre obras literárias estimula a revisão e a consolidação do conteúdo lido. Os estudantes elaboram questões relevantes e programam respostas que reforçam conceitos importantes da narrativa.

O processo exige compreensão aprofundada do texto, além de organização lógica para estruturar as respostas. A atividade também promove interação entre os alunos, tornando o aprendizado mais dinâmico.

A produção de microcontos encenados por robôs em movimentos simples incentiva a síntese narrativa e a objetividade. Os estudantes precisam condensar ideias complexas em narrativas curtas e expressivas.

A limitação de movimentos estimula a criatividade na representação, exigindo escolhas precisas. A atividade desenvolve habilidades de escrita e planejamento.

A elaboração de jogos narrativos com robôs promove a integração entre ludicidade e aprendizagem. Os estudantes criam desafios baseados na compreensão da história, utilizando elementos tecnológicos para estruturar o jogo.

Essa prática favorece o engajamento e estimula o raciocínio lógico. A interação

entre narrativa e jogo amplia as possibilidades de aprendizagem significativa.

A construção de robôs protagonistas que percorrem diferentes cenários narrativos permite a visualização da progressão da história. Os estudantes organizam os eventos em sequência e programam os deslocamentos.

A atividade fortalece a compreensão da estrutura narrativa e desenvolve habilidades de planejamento. A representação física contribui para a fixação dos conteúdos.

A criação de histórias baseadas em problemáticas sociais e a construção de robôs que representem soluções simbólicas incentivam a reflexão crítica. Os estudantes relacionam literatura e realidade social.

O processo estimula a consciência cidadã e o pensamento criativo. A tecnologia funciona como meio de expressão e análise.

O desenvolvimento de linhas do tempo interativas com dispositivos robóticos permite organizar eventos narrativos de forma clara e dinâmica. Os estudantes identificam momentos-chave da história.

A visualização sequencial contribui para a compreensão da narrativa. A integração com a tecnologia torna o aprendizado mais significativo.

A produção de animações físicas com robôs que representam diálogos entre personagens favorece a compreensão da linguagem verbal. Os estudantes adaptam falas para movimentos e ações.

A atividade estimula a expressão e a interpretação textual. A interação entre robôs amplia o caráter lúdico da aprendizagem.

A criação de histórias de ficção científica associadas à construção de protótipos tecnológicos amplia a imaginação. Os estudantes exploram possibilidades futuras e inovadoras.

A atividade desenvolve pensamento criativo e científico. A integração entre narrativa e tecnologia fortalece o interesse dos alunos.

A elaboração de dramatizações com robôs controlados remotamente permite maior interação durante a leitura. Os estudantes participam ativamente da encenação.

Essa prática estimula a colaboração e o engajamento. A tecnologia amplia as formas de expressão narrativa.

A construção de objetos mágicos programáveis baseados em histórias juvenis incentiva a exploração simbólica. Os estudantes transformam elementos imaginários em dispositivos concretos.

A atividade favorece a criatividade e a compreensão dos significados presentes na

narrativa. A materialização torna o aprendizado mais envolvente.

O desenvolvimento de narrativas com foco ambiental e robôs que representem soluções sustentáveis promove a consciência ecológica. Os estudantes relacionam literatura e questões contemporâneas.

A prática estimula o pensamento crítico e a responsabilidade social. A tecnologia atua como ferramenta de sensibilização.

A criação de circuitos narrativos com robôs que percorrem diferentes pontos da história permite explorar a espacialidade. Os estudantes organizam o percurso conforme o enredo.

A atividade desenvolve planejamento e compreensão narrativa. A movimentação física facilita a aprendizagem.

A produção de entrevistas fictícias com personagens representados por robôs estimula a interpretação. Os estudantes elaboram perguntas e respostas com base no texto.

A prática favorece a oralidade e a criatividade. A tecnologia torna a atividade mais dinâmica.

A elaboração de histórias colaborativas com representação robótica promove o trabalho em grupo. Os estudantes constroem narrativas coletivamente.

A atividade desenvolve habilidades sociais e criativas. A cooperação fortalece o aprendizado.

A criação de museus interativos com personagens robóticos permite a exposição das produções. Os estudantes organizam informações e apresentam resultados.

A prática estimula a comunicação e a pesquisa. A interação torna o processo mais significativo.

A exploração de emoções por meio da programação de robôs amplia a compreensão afetiva. Os estudantes associam sentimentos a movimentos e luzes.

A atividade desenvolve empatia e expressão emocional. A integração com a literatura enriquece a experiência.

A construção de jogos literários com sensores torna a aprendizagem mais interativa. Os estudantes respondem desafios baseados na leitura.

A literatura juvenil contemporânea, integrada às tecnologias digitais e à cultura maker, contribui para uma educação mais inclusiva e inovadora. A leitura assume papel central na formação de sujeitos críticos. Ischkanian et al. (2025) destacam o impacto das tecnologias na educação inclusiva global.

2.3. LITERATURA JUVENIL E ROBÓTICA MAKER

A articulação entre literatura juvenil e robótica maker inaugura um campo fecundo de experimentação pedagógica, no qual a leitura deixa de ser compreendida como atividade exclusivamente interpretativa para assumir contornos de criação material e simbólica. A incorporação de dispositivos tecnológicos ao universo narrativo favorece práticas educativas dinâmicas e interativas, nas quais estudantes participam ativamente da construção do conhecimento, conforme defendem Martins e Lima (2023). Tal perspectiva desloca o papel do aluno de receptor para autor, instaurando uma experiência formativa que integra cognição, imaginação e ação concreta.

A literatura juvenil, quando mediada por abordagens tecnológicas, amplia suas possibilidades expressivas e interpretativas, permitindo que histórias sejam vivenciadas de maneira sensorial e interativa. A concepção de aprendizagem como processo ativo encontra respaldo nas discussões de Almeida e Ferreira (2022), que ressaltam a relevância da ludicidade na formação leitora. Nesse cenário, a robótica emerge como ferramenta que potencializa a materialização de narrativas, possibilitando que personagens e enredos ganhem movimento e presença física.

O diálogo entre narrativa literária e cultura maker promove uma ressignificação dos espaços educativos, convertendo salas de aula em ambientes de experimentação e invenção. A proposta de integração entre diferentes linguagens e saberes encontra fundamentação em Carvalho et al. (2026), ao enfatizarem a importância da interdisciplinaridade no currículo contemporâneo. Tal integração contribui para o desenvolvimento de competências complexas, incluindo pensamento crítico, criatividade e resolução de problemas.

A robótica educacional, nesse contexto, não se restringe ao domínio técnico, mas se configura como linguagem expressiva capaz de traduzir elementos narrativos em artefatos concretos. A abordagem construcionista, defendida por Ischkanian et al. (2022), sustenta que o aprendizado ocorre de maneira mais significativa quando o estudante constrói objetos tangíveis. Essa construção, associada à literatura, possibilita uma compreensão mais profunda dos textos, ao envolver múltiplas dimensões cognitivas.

A inserção da cultura maker no ensino da literatura juvenil favorece a emergência de práticas pedagógicas inclusivas e acessíveis. O uso de tecnologias de baixo custo, conforme discutido por Oliveira et al. (2026), amplia o alcance dessas experiências, permitindo que diferentes contextos escolares se apropriem dessas metodologias. A democratização do acesso aos recursos tecnológicos constitui elemento central para a promoção da equidade educacional.

A relação entre leitura e produção tecnológica estimula o desenvolvimento do pensamento computacional, entendido como habilidade transversal essencial no século XXI. Azevedo (2026) argumenta que a lógica, a decomposição e a elaboração de algoritmos podem ser trabalhadas mesmo em contextos não digitais, o que amplia as possibilidades de integração com a literatura. Ao criar narrativas automatizadas, os estudantes exercitam estruturas de pensamento fundamentais para a compreensão de sistemas complexos.

A dramatização de histórias por meio de dispositivos robóticos permite a exploração de elementos narrativos de maneira aprofundada e inovadora. A dimensão emocional das narrativas, conforme apontam Santos et al. (2025), desempenha papel significativo no desenvolvimento integral da criança. Quando associada à robótica, essa dimensão ganha novas formas de expressão, possibilitando experiências imersivas e significativas.

A formação do leitor crítico é potencializada quando a leitura se articula com práticas de autoria e experimentação tecnológica. Silva e Pereira (2022) destacam que a literatura, em diálogo com contextos digitais, contribui para o desenvolvimento de habilidades interpretativas e reflexivas. A robótica, nesse cenário, atua como mediadora entre texto e ação, ampliando as possibilidades de engajamento do estudante.

A cultura maker incentiva a autonomia e o protagonismo juvenil, aspectos fundamentais para uma educação transformadora. Katana et al. (2026) evidenciam que a aprendizagem ativa promove maior envolvimento dos estudantes, favorecendo a construção de conhecimentos significativos. A integração com a literatura juvenil fortalece esse protagonismo, ao permitir que os alunos reinterpretem e recriem narrativas.

A utilização de robótica na educação literária também contribui para a inclusão de estudantes com diferentes perfis de aprendizagem. Almeida (2026) ressalta a importância de recursos pedagógicos diversificados para atender às necessidades de alunos com transtornos do espectro autista. A materialização de histórias por meio de dispositivos tecnológicos oferece múltiplas formas de acesso ao conteúdo, favorecendo a participação de todos.

A dimensão lúdica desempenha papel central nesse processo, ao promover um ambiente de aprendizagem prazeroso e motivador. Ischkanian (2018) argumenta que o brincar constitui elemento essencial no desenvolvimento infantil. A robótica maker, ao incorporar elementos lúdicos, transforma a leitura em experiência envolvente, estimulando o interesse dos estudantes.

A integração entre literatura e tecnologia também favorece o desenvolvimento da criatividade, entendida como capacidade de produzir soluções originais e inovadoras. Cabral (2026) discute o papel do design thinking na formação docente, destacando a importância de

metodologias centradas na criação. A robótica aplicada à narrativa literária constitui exemplo concreto dessa abordagem.

O uso de tecnologias digitais no ensino da leitura amplia as possibilidades de interação com o texto, permitindo múltiplas formas de exploração. Souza e Costa (2021) enfatizam que práticas de leitura mediadas por tecnologia promovem maior engajamento dos estudantes. A robótica, ao adicionar uma dimensão física à narrativa, intensifica essa interação.

A construção de personagens automatizados representa uma estratégia pedagógica inovadora, que articula literatura, programação e design. Ischkanian et al. (2026) destacam que a personalização do ensino, mediada por tecnologias emergentes, contribui para a aprendizagem significativa. A criação de personagens robóticos permite que os estudantes experimentem diferentes perspectivas narrativas.

A abordagem interdisciplinar que integra literatura e robótica favorece a compreensão de conceitos complexos por meio de experiências concretas. Braga et al. (2025) defendem o neuroplanejamento como estratégia para otimizar o engajamento em sala de aula. A combinação de narrativa e tecnologia estimula diferentes áreas do cérebro, potencializando a aprendizagem.

A inclusão de práticas maker no ensino da literatura também contribui para a valorização da diversidade cultural e social. Freitas (2026) ressalta a importância de abordagens pedagógicas que considerem diferentes contextos culturais. A criação de narrativas automatizadas permite a incorporação de múltiplas vozes e experiências.

A robótica educacional, ao ser integrada à literatura juvenil, promove uma aprendizagem baseada na experimentação e na resolução de problemas. Narciso e Santana (2025) destacam a necessidade de metodologias inovadoras na educação contemporânea. A construção de artefatos narrativos exige planejamento, testes e ajustes, desenvolvendo habilidades essenciais.

A mediação docente desempenha papel fundamental na implementação dessas práticas, exigindo formação específica e sensibilidade pedagógica. Batista et al. (2025) discutem os desafios enfrentados pelos professores na educação contemporânea. A incorporação da robótica no ensino da literatura demanda suporte institucional e valorização profissional.

A literatura juvenil, ao dialogar com a tecnologia, amplia suas possibilidades de alcance e impacto. Vieira et al. (2025) evidenciam o potencial dos contos de fadas como mediadores no processo de aprendizagem. A robótica permite que essas narrativas sejam reconfiguradas, ganhando novas formas de expressão.

A integração entre leitura e tecnologia também favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, fundamentais para a formação integral do estudante. Coelho et al. (2025) destacam a relação entre expressão artística e desenvolvimento emocional. A criação de narrativas robóticas estimula a empatia e a colaboração.

A utilização de recursos tecnológicos no ensino da literatura contribui para a construção de ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e interativos. Cabral et al. (2025) ressaltam o papel das ferramentas digitais na promoção da aprendizagem significativa. A robótica, ao permitir a manipulação concreta de elementos narrativos, intensifica essa dinâmica.

A cultura maker, ao valorizar o fazer como processo de aprendizagem, redefine as práticas educativas tradicionais. Zylbersztajn (2015) aponta que essa abordagem promove a inovação no contexto escolar. A integração com a literatura juvenil reforça a centralidade da criação no processo educativo.

A formação de leitores críticos e criativos exige a adoção de metodologias que articulem diferentes linguagens e saberes. Rodrigues e Barbosa (2021) destacam a importância de práticas pedagógicas que considerem a diversidade.

Os autores do artigo Santos; Oliveira; Ischkanian; Cabral; Carvalho; Carvalho; Carvalho; Ischkanian; Rodrigues; Belchior; Silva (2026), destacam uma lista de atividades votadas a robótica aplicada à literatura constitui uma dessas práticas, ao integrar tecnologia e narrativa:

Propor a criação de personagens literários em forma de robôs simples, utilizando materiais recicláveis e kits básicos de robótica. A atividade estimula a interpretação textual ao transformar descrições em estruturas físicas programáveis.

Desenvolver uma encenação automatizada de um conto juvenil, na qual pequenos robôs representem ações dos personagens. Os estudantes trabalham narrativa e sequência lógica ao sincronizar movimentos com o enredo.

Elaborar um diário digital no qual os alunos registrem o processo de construção de um robô inspirado em uma história lida. A proposta favorece a metacognição e a articulação entre leitura e prática tecnológica.

Criar finais alternativos para histórias conhecidas e programar robôs para representar cada desfecho. A atividade incentiva a criatividade e a compreensão de estruturas narrativas.

Construir cenários literários com elementos maker e inserir dispositivos robóticos que simulem acontecimentos da narrativa. Os alunos desenvolvem percepção espacial e

interpretação simbólica.

Propor a adaptação de poemas juvenis em movimentos robóticos, transformando linguagem verbal em expressão mecânica. A experiência amplia da estética e multimodal.

Desenvolver histórias interativas em que o leitor escolha caminhos e o robô execute ações correspondentes. A atividade trabalha lógica condicional e construção de enredos ramificados.

Criar um clube de leitura maker no qual cada obra resulte em um protótipo robótico inspirado na narrativa. A prática fortalece o engajamento coletivo e a interpretação crítica.

Elaborar um projeto de reconto de histórias utilizando robôs como narradores automatizados. Os estudantes exercitam oralidade, síntese e programação.

Produzir maquetes de mundos fictícios com integração de sensores e motores que representem eventos narrativos. A atividade promove compreensão de ambientação literária.

Desenvolver personagens com expressões simuladas por luzes e movimentos, baseados em emoções descritas nos textos. A proposta articula leitura emocional e tecnologia.

Criar um sistema de perguntas e respostas sobre obras literárias, no qual robôs respondam conforme programação prévia. Os alunos revisam conteúdos e aplicam lógica computacional.

Propor a escrita de microcontos que sejam encenados por robôs em poucos movimentos programados. A atividade estimula síntese e objetividade narrativa.

Elaborar jogos narrativos com robôs, nos quais desafios dependem da compreensão do texto literário. A prática integra ludicidade e interpretação.

Construir um robô protagonista que percorra diferentes cenários representando capítulos de uma história. Os alunos trabalham progressão narrativa e planejamento.

Criar histórias baseadas em problemas sociais e desenvolver robôs que representem soluções simbólicas. A atividade incentiva reflexão crítica e inovação.

Desenvolver uma linha do tempo robótica de uma narrativa, com eventos acionados por sensores. A proposta favorece organização temporal e compreensão de enredo.

Produzir animações físicas com robôs que representem diálogos entre personagens. Os estudantes exploram linguagem verbal e expressão corporal.

Criar histórias de ficção científica e desenvolver protótipos robóticos inspirados nos elementos narrativos. A atividade amplia a imaginação e o pensamento futurista.

Elaborar um projeto de leitura dramatizada com robôs controlados remotamente

pelos alunos. A prática integra leitura expressiva e tecnologia.

Construir dispositivos que representem objetos mágicos de histórias juvenis e programá-los para simular efeitos. Os alunos exploram simbolismo e criatividade.

Desenvolver histórias baseadas em desafios ambientais e criar robôs que representem soluções sustentáveis. A atividade articula literatura e consciência ecológica.

Criar um circuito narrativo no qual robôs percorrem diferentes pontos que representam partes da história. A proposta envolve lógica espacial e narrativa.

Produzir entrevistas fictícias com personagens literários representados por robôs. Os alunos exercitam interpretação e linguagem oral.

Elaborar histórias colaborativas em grupo e construir um único robô que represente o enredo coletivo. A atividade fortalece cooperação e síntese.

Criar um museu maker de personagens literários com robôs interativos que contem suas histórias. A prática estimula pesquisa e apresentação.

Desenvolver histórias baseadas em emoções e programar robôs para expressá-las por meio de movimentos. A atividade integra literatura e educação socioemocional.

Construir jogos de perguntas literárias com respostas acionadas por sensores em robôs. Os alunos revisam conteúdos de forma dinâmica.

Criar narrativas baseadas em mitos e lendas e desenvolver robôs que representem criaturas míticas. A proposta amplia repertório cultural.

Elaborar histórias em quadrinhos e transformar algumas cenas em sequências robóticas. A atividade articula linguagem visual e programação.

Produzir contos baseados em experiências pessoais e criar robôs que simbolizem elementos da narrativa. A prática valoriza identidade e expressão.

Desenvolver histórias com múltiplos personagens e programar diferentes robôs para interagir entre si. A atividade envolve coordenação e planejamento.

Criar uma biblioteca interativa onde robôs indiquem livros e apresentem resumos. Os alunos trabalham síntese e mediação de leitura.

Elaborar histórias baseadas em desafios matemáticos e programar robôs para resolvê-los dentro da narrativa. A proposta integra áreas do conhecimento.

Construir robôs que representem narradores e contem histórias por meio de sequências programadas. A atividade reforça estrutura narrativa.

Criar histórias de aventura e desenvolver robôs que simulem trajetórias e obstáculos. Os alunos exploram planejamento e resolução de problemas.

Produzir narrativas baseadas em culturas diversas e criar robôs que representem

elementos culturais. A prática promove diversidade e inclusão.
Desenvolver histórias com suspense e programar robôs para criar efeitos de surpresa. A atividade estimula criatividade e ritmo narrativo.
Criar um projeto de leitura gamificada com robôs que liberem etapas da história conforme desafios. Os alunos se envolvem ativamente na leitura.
Elaborar histórias baseadas em valores éticos e criar robôs que representem escolhas morais. A proposta incentiva reflexão crítica.
Construir robôs inspirados em personagens históricos presentes em narrativas juvenis. A atividade integra literatura e história.
Criar histórias baseadas em viagens e programar robôs para representar deslocamentos. Os alunos exploram espacialidade e narrativa.
Desenvolver narrativas baseadas em mistério e criar robôs que revelem pistas. A prática envolve raciocínio lógico e interpretação.
Produzir histórias com elementos fantásticos e criar robôs que simulem transformações. A atividade amplia imaginação e experimentação.
Criar narrativas baseadas em desafios cotidianos e desenvolver robôs que representem soluções. Os alunos conectam literatura e realidade.
Elaborar histórias em grupo e programar um sistema robótico que represente o enredo completo. A atividade fortalece colaboração.
Construir robôs que representem emoções humanas presentes nas histórias lidas. A proposta integra literatura e desenvolvimento emocional.
Criar histórias baseadas em tecnologia e desenvolver protótipos que dialoguem com o enredo. A atividade estimula pensamento inovador.
Desenvolver narrativas baseadas em jogos e criar robôs que participem das dinâmicas. Os alunos exploram interatividade e criatividade.
Produzir um projeto final integrando leitura, escrita e robótica, no qual cada grupo apresente uma narrativa automatizada. A atividade consolida aprendizagens e promove protagonismo juvenil.

A incorporação da robótica no ensino da literatura juvenil representa uma transformação significativa nas práticas pedagógicas, ao promover a convergência entre leitura, criação e tecnologia. Ischkanian et al. (2026) enfatizam que a inovação educacional depende da integração de diferentes recursos e abordagens. A articulação entre literatura e cultura maker aponta para novos horizontes na educação, nos quais o conhecimento é construído de maneira ativa, crítica e criativa.

2.4. LITERATURA JUVENIL E INCLUSÃO

A literatura juvenil ocupa um lugar estratégico na formação de sujeitos sensíveis às diferenças humanas, pois sua linguagem acessível e seus enredos próximos da realidade favorecem processos de identificação e reflexão crítica. Estudos recentes evidenciam que narrativas voltadas ao público jovem contribuem para a construção de valores sociais inclusivos quando abordam temas como diversidade cultural, deficiência e pertencimento social (Silva; Pereira, 2022). Esse campo literário revela-se um instrumento pedagógico capaz de articular estética e ética em contextos educativos diversos.

A ampliação do acesso à leitura por meio de recursos adaptados tem promovido mudanças significativas nas práticas escolares contemporâneas. A presença de audiolivros, textos em braile e materiais com linguagem simplificada demonstra um avanço na democratização do conhecimento, conforme discutido por Oliveira (2026), ao analisar o papel das tecnologias assistivas na educação inclusiva. Essa perspectiva desloca o foco da limitação individual para a responsabilidade coletiva de garantir acessibilidade plena.

A construção de uma cultura inclusiva por meio da literatura juvenil implica reconhecer o potencial das narrativas como mediadoras de experiências humanas complexas. Rodrigues e Barbosa (2021) argumentam que obras literárias inclusivas possibilitam a ampliação do repertório simbólico das crianças, contribuindo para a formação de leitores críticos e conscientes. Tal abordagem favorece a compreensão de realidades distintas, fortalecendo vínculos sociais baseados no respeito mútuo.

A articulação entre literatura e ludicidade emerge como elemento central na promoção da aprendizagem significativa. Almeida e Ferreira (2022) destacam que o caráter lúdico das narrativas infantis e juvenis estimula o engajamento dos estudantes, potencializando processos cognitivos e afetivos. Essa integração entre prazer e conhecimento amplia as possibilidades de inclusão, especialmente em contextos heterogêneos.

A inserção de tecnologias digitais no universo literário juvenil tem redefinido práticas de leitura e interpretação. Souza e Costa (2021) apontam que ambientes digitais interativos favorecem a participação ativa dos estudantes, permitindo múltiplas formas de acesso ao texto. Essa transformação amplia as condições de inclusão ao considerar diferentes estilos de aprendizagem e necessidades específicas.

A perspectiva da neurodiversidade contribui para uma compreensão mais ampla das práticas inclusivas no contexto da literatura juvenil. Ischkanian (2026) propõe um olhar ético e político sobre as diferenças cognitivas, defendendo a valorização das singularidades no processo educativo. Nesse sentido, a literatura torna-se um espaço de reconhecimento e legitimação das múltiplas formas de ser e aprender.

A cultura maker, integrada às práticas literárias, promove experiências educativas inovadoras e inclusivas. Katana et al. (2026) evidenciam que a construção de objetos e narrativas a partir de materiais acessíveis estimula a criatividade e a autonomia dos estudantes. Essa abordagem favorece a participação ativa, especialmente de alunos com necessidades educacionais específicas.

O desenvolvimento do pensamento computacional desplugado também pode ser articulado à literatura juvenil como estratégia inclusiva. Azevedo (2026) ressalta que atividades que envolvem lógica e narrativa sem o uso de dispositivos digitais ampliam o acesso ao conhecimento tecnológico. Essa proposta contribui para a inclusão ao considerar contextos com acesso limitado a recursos tecnológicos.

A mediação docente desempenha papel fundamental na efetivação de práticas inclusivas por meio da literatura juvenil. Cabral et al. (2025) destacam que o uso intencional de ferramentas digitais e estratégias pedagógicas adequadas potencializa a aprendizagem de alunos com diferentes perfis. O professor, nesse cenário, atua como facilitador de experiências significativas.

A relação entre literatura juvenil e desenvolvimento emocional tem sido amplamente discutida na literatura científica. Santos et al. (2025) demonstram que contos de fadas e narrativas simbólicas auxiliam na elaboração de emoções e na construção da identidade. Esse processo é essencial para a inclusão, pois reconhece a dimensão afetiva como parte integrante da aprendizagem.

A utilização de tecnologias assistivas no contexto literário amplia as possibilidades de participação dos estudantes. Ribeiro e Martins (2020) enfatizam que recursos adaptativos favorecem a autonomia e o acesso ao conteúdo, promovendo equidade educacional. Essa perspectiva reforça a importância de práticas pedagógicas inclusivas mediadas pela tecnologia.

A integração entre literatura juvenil e inteligência artificial tem aberto novos horizontes para a personalização do ensino. Cabral (2026) discute como sistemas inteligentes podem adaptar conteúdos às necessidades individuais dos estudantes. Tal inovação contribui para a inclusão ao oferecer experiências de aprendizagem mais ajustadas às especificidades de cada sujeito.

A valorização da diversidade cultural na literatura juvenil é fundamental para a construção de uma educação antirracista. Freitas (2026) argumenta que a inclusão de narrativas afro-brasileiras no currículo escolar fortalece a identidade cultural e promove o respeito às diferenças. Essa abordagem amplia o repertório dos estudantes e combate estereótipos históricos.

A formação de professores para práticas inclusivas mediadas pela literatura e tecnologia constitui um desafio contemporâneo. Ischkanian et al. (2025) destacam a necessidade de capacitação docente para o uso de ferramentas digitais e metodologias inovadoras. Essa preparação é essencial para garantir qualidade no processo educativo.

A literatura juvenil, articulada às práticas psicopedagógicas, contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes. Carvalho (2026) ressalta a importância de intervenções que considerem aspectos cognitivos e emocionais no processo de aprendizagem. Essa integração favorece a inclusão ao atender diferentes dimensões do sujeito.

A presença de jogos e brincadeiras no contexto literário amplia as possibilidades de aprendizagem inclusiva. Kishimoto (1993) já apontava a relevância do brincar como elemento formador na educação infantil. Essa perspectiva permanece atual ao considerar práticas pedagógicas contemporâneas.

A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista por meio da literatura juvenil exige estratégias específicas e sensíveis. Almeida (2026) destaca a importância de recursos pedagógicos adaptados para atender às necessidades desse público. A literatura, nesse contexto, torna-se ferramenta de mediação e expressão.

A utilização de metodologias ativas, como o design thinking, pode potencializar práticas inclusivas no ensino da literatura juvenil. Cabral (2026) evidencia que essa abordagem estimula a participação e a resolução criativa de problemas. Tal metodologia favorece a inclusão ao valorizar diferentes formas de pensar.

A articulação entre literatura juvenil e psicomotricidade contribui para o desenvolvimento global dos estudantes. Vieira et al. (2025) destacam que atividades integradas promovem avanços nas dimensões cognitiva e motora. Essa abordagem amplia as possibilidades de inclusão em contextos educacionais diversos.

A mediação digital da leitura tem impactado significativamente a formação de leitores na contemporaneidade. Ischkanian et al. (2025) analisam como o uso de tecnologias digitais fortalece vínculos afetivos e promove o bem-estar psicológico. Essa dimensão é essencial para práticas inclusivas.

A literatura juvenil pode atuar como instrumento de prevenção ao bullying e promoção da convivência ética. Carvalho (2026) discute as implicações jurídicas e sociais desse fenômeno, destacando o papel da educação na sua prevenção. Narrativas inclusivas contribuem para a construção de ambientes escolares mais seguros.

A integração interdisciplinar entre literatura, tecnologia e outras áreas do conhecimento amplia as possibilidades educativas. Carvalho et al. (2026) defendem a

contextualização curricular como estratégia para tornar o ensino mais significativo. Essa abordagem favorece a inclusão ao conectar diferentes saberes.

A valorização da escuta sensível no processo de leitura contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas. Silva et al. (2026) ressaltam a importância de considerar as necessidades e experiências dos estudantes na avaliação educacional. Essa perspectiva humaniza o processo de ensino-aprendizagem.

A literatura juvenil, integrada às tecnologias digitais, possibilita novas formas de expressão e autoria. Martins e Lima (2023) destacam que a cultura maker incentiva a produção criativa e colaborativa. Essa dinâmica fortalece a inclusão ao promover protagonismo estudantil.

A construção de uma educação inclusiva por meio da literatura juvenil exige compromisso ético, inovação pedagógica e sensibilidade social. Ischkanian et al. (2022) afirmam que a articulação entre educação, tecnologia e inclusão redefine práticas educativas contemporâneas. Esse movimento aponta para uma escola mais equitativa, capaz de acolher a diversidade em sua plenitude.

2.5. A LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LEITORA NO DIA MUNDIAL DO LIVRO

A literatura juvenil contemporânea ocupa um lugar singular na formação de leitores em sociedades atravessadas por rápidas transformações socioculturais, pois articula narrativas que dialogam com experiências concretas da juventude e tensionam modelos tradicionais de subjetividade (Rodrigues; Barbosa, 2021). Nesse cenário, observa-se que a constituição da identidade leitora não se limita ao domínio técnico da leitura, mas envolve processos de reconhecimento simbólico, pertencimento e elaboração de sentidos sobre o mundo. A presença de temas como diversidade, conflitos geracionais e pertencimento social intensifica a capacidade dessa produção literária de operar como mediadora de experiências formativas.

O contato com obras juvenis contemporâneas favorece a ampliação de repertórios interpretativos, sobretudo quando os textos apresentam estruturas narrativas abertas e múltiplas camadas de significação (Silva; Pereira, 2022). Essa pluralidade discursiva contribui para que o leitor em formação se perceba como sujeito ativo na construção do sentido textual, deslocando-se de uma postura passiva para uma atuação interpretativa mais crítica. A leitura passa a constituir um espaço de negociação entre vivências pessoais e universos ficcionais, instaurando uma dinâmica de identificação e distanciamento que fortalece a autonomia intelectual.

No contexto escolar, a mediação docente desempenha papel decisivo na consolidação de práticas leitoras significativas, sobretudo quando se reconhece a literatura como prática

cultural e não apenas como instrumento avaliativo (Almeida; Ferreira, 2022). A escolha de obras alinhadas às experiências juvenis pode intensificar o engajamento dos estudantes, permitindo que a leitura seja vivida como experiência estética e não como obrigação curricular. Tal perspectiva desloca o ensino de literatura para um campo de experimentação sensível e interpretativa.

A construção da identidade leitora também se relaciona com práticas inclusivas que reconhecem diferentes ritmos, estilos cognitivos e formas de acesso ao texto literário (Oliveira, 2026). Ao incorporar estratégias de acessibilidade e mediação adaptada, a escola amplia o alcance da literatura juvenil, permitindo que estudantes com diferentes necessidades participem ativamente das experiências de leitura. Esse movimento reforça a ideia de que a formação leitora é um direito cultural e educacional.

A ludicidade emerge como elemento estruturante na relação entre jovens leitores e textos literários, pois cria condições para que a leitura seja percebida como experiência prazerosa e exploratória (Ischkanian, 2018). Quando o jogo simbólico se integra às práticas de leitura, o texto literário adquire dimensões performativas que estimulam a imaginação e a construção de sentidos múltiplos. Essa articulação entre brincar e interpretar fortalece vínculos afetivos com o universo da leitura.

No âmbito da educação contemporânea, tecnologias digitais ampliam os modos de acesso à literatura juvenil, promovendo novas formas de interação com o texto (Cabral; Ischkanian; Carvalho, 2025). Plataformas digitais, livros interativos e ambientes virtuais de leitura reconfiguram a experiência leitora, deslocando-a para espaços híbridos que combinam materialidade e virtualidade. Esse movimento exige novas competências interpretativas e amplia o alcance das práticas leitoras.

O Dia Mundial do Livro constitui uma ocasião simbólica para a intensificação de práticas pedagógicas voltadas à valorização da leitura, funcionando como marco de mobilização cultural (Ischkanian; Cabral, 2026). Nesse contexto, escolas podem promover experiências que transcendam a celebração formal, incorporando projetos de leitura que articulem emoção, reflexão e participação ativa dos estudantes. A data adquire, então, potencial formativo ao reforçar vínculos entre comunidade escolar e literatura.

A literatura juvenil contemporânea também reflete dinâmicas identitárias marcadas por diversidade cultural e tensionamentos sociais, permitindo que o leitor se reconheça em narrativas plurais (Freitas, 2026). Essa representatividade textual contribui para a formação de uma consciência crítica sobre pertencimento, desigualdade e cultura, ampliando o horizonte interpretativo dos jovens. O texto literário torna-se, nesse sentido, espaço de problematização da realidade.

A formação da identidade leitora envolve processos cognitivos e afetivos que se articulam de maneira complexa durante a experiência de leitura (Ferreira et al., 2025). A mediação de professores e o contato com narrativas significativas favorecem a internalização de estratégias interpretativas, ao mesmo tempo em que fortalecem vínculos emocionais com o ato de ler. Esse duplo movimento sustenta a permanência do hábito leitor ao longo da vida escolar.

A escola contemporânea, ao integrar práticas interdisciplinares, potencializa o alcance da literatura juvenil ao relacioná-la com diferentes áreas do conhecimento (Carvalho; Ribeiro; Ischkanian, 2026). Essa articulação curricular permite que a leitura seja compreendida como prática transversal, capaz de dialogar com questões sociais, científicas e culturais. O texto literário, nesse contexto, assume função integradora na construção do conhecimento.

As narrativas juvenis contemporâneas frequentemente incorporam temas relacionados à subjetividade, ao conflito emocional e às transformações identitárias típicas da adolescência (Santos et al., 2025). Esse espelhamento simbólico favorece a identificação do leitor com personagens e situações, criando espaços de elaboração psíquica e reflexão sobre experiências pessoais. A literatura, nesse sentido, atua como dispositivo de compreensão do eu e do outro.

A formação do leitor crítico depende de práticas pedagógicas que incentivem a interpretação aprofundada e o questionamento das estruturas narrativas (Martins; Lima, 2023). Quando a leitura é conduzida como processo investigativo, o estudante desenvolve habilidades de análise textual e reflexão sobre discursos culturais. Esse movimento fortalece a autonomia intelectual e a capacidade argumentativa.

A presença de tecnologias assistivas no contexto educacional amplia as possibilidades de acesso à literatura juvenil, especialmente para estudantes com necessidades específicas (Silva, 2026). Esses recursos favorecem a inclusão e garantem que a experiência leitora não seja restrita por barreiras físicas ou cognitivas. A democratização do acesso ao texto literário fortalece a equidade educacional.

A cultura digital influencia diretamente os modos de leitura contemporâneos, promovendo interações mais dinâmicas e não lineares com o texto (Neta, 2026). Esse cenário redefine a identidade leitora ao incorporar práticas de leitura fragmentada, hipertextual e multimodal, exigindo novas formas de compreensão e interpretação. A literatura juvenil adapta-se a esse contexto ao explorar formatos híbridos.

A valorização do professor como mediador da leitura é fundamental para a consolidação de práticas literárias consistentes no ambiente escolar (Batista; Ischkanian; Cabral, 2025). A desvalorização docente compromete a qualidade das ações pedagógicas,

afetando diretamente o desenvolvimento de leitores competentes e críticos. O fortalecimento da profissão docente constitui, portanto, elemento estruturante da política educacional.

A literatura juvenil contemporânea dialoga com questões éticas e sociais que atravessam o cotidiano dos estudantes, permitindo reflexões sobre convivência, diversidade e respeito (Carvalho, 2026). Esse diálogo contribui para a formação de sujeitos mais conscientes de sua inserção social, capazes de interpretar criticamente os discursos que circulam em seu entorno. A leitura torna-se prática de formação cidadã.

O uso de metodologias ativas na mediação da leitura favorece o protagonismo dos estudantes na construção de sentidos textuais (Ischkanian et al., 2026). Essas abordagens deslocam o centro da aprendizagem para o estudante, promovendo maior engajamento e participação. A literatura juvenil, nesse contexto, transforma-se em campo de experimentação interpretativa.

A leitura literária no ambiente escolar pode ser enriquecida por práticas de oralidade, dramatização e produção criativa de narrativas (Viana et al., 2026). Essas estratégias ampliam a compreensão textual ao integrar diferentes linguagens e formas de expressão. O texto literário deixa de ser apenas objeto de análise para tornar-se experiência estética compartilhada.

A construção da identidade leitora envolve também processos sociais de pertencimento, nos quais grupos de leitura e comunidades interpretativas desempenham papel relevante (Souza; Costa, 2021). Essas interações favorecem a circulação de sentidos e a ampliação do repertório cultural dos estudantes. A leitura passa a ser vivida como prática coletiva.

A literatura juvenil contemporânea frequentemente incorpora perspectivas de inclusão e diversidade, permitindo a representação de múltiplas identidades (Rodrigues; Barbosa, 2021). Essa pluralidade narrativa contribui para a ampliação do reconhecimento social e para a valorização de experiências marginalizadas. O texto literário assume função política e cultural.

O desenvolvimento do hábito leitor exige continuidade de experiências significativas ao longo da trajetória escolar, evitando práticas fragmentadas ou episódicas (Almeida; Ferreira, 2022). A consistência das ações pedagógicas fortalece o vínculo entre leitor e texto, consolidando a leitura como prática cotidiana. A regularidade das experiências literárias sustenta a formação identitária.

A articulação entre literatura e tecnologias digitais permite novas formas de produção e circulação de narrativas juvenis (Cabral, 2026). Esse cenário amplia o alcance da literatura e promove a participação ativa dos jovens na criação de conteúdos. A leitura e a escrita tornam-se práticas interligadas em ambientes digitais.

O processo de mediação da leitura exige sensibilidade pedagógica para reconhecer as singularidades dos estudantes e suas formas de interação com o texto (Carvalho, 2026). Essa escuta atenta favorece a construção de percursos leitores personalizados e significativos. A literatura juvenil, nesse contexto, atua como ponte entre subjetividade e cultura.

A escola, ao integrar práticas literárias ao cotidiano escolar, contribui para a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente o mundo (Ischkanian; Cabral, 2026). Esse processo não se limita à aquisição de competências linguísticas, mas envolve a construção de uma consciência estética e social. A leitura literária torna-se instrumento de formação integral.

O Dia Mundial do Livro pode ser compreendido como espaço de intensificação de experiências leitoras que valorizam a literatura juvenil como ferramenta formativa (Freitas, 2026). Essa data favorece a mobilização de práticas pedagógicas que reforçam o vínculo entre jovens e livros, ampliando o acesso à cultura escrita. A celebração adquire significado educativo ao estimular a permanência do hábito leitor.

A identidade leitora constitui-se como processo contínuo, atravessado por experiências escolares, culturais e sociais que se acumulam ao longo do tempo (Ferreira et al., 2025). A literatura juvenil contemporânea desempenha papel central nesse percurso, ao oferecer narrativas que dialogam com as inquietações da juventude e com suas formas de inserção no mundo. O leitor, nesse processo, torna-se sujeito em permanente construção simbólica.

2.5.1. Projeto: Literatura Juvenil Contemporânea e a Construção da Identidade Leitora no Dia Mundial do Livro

2.5.2. Apresentação

A literatura juvenil contemporânea ocupa posição estratégica na formação de leitores ao mobilizar experiências narrativas que dialogam com subjetividades em permanente construção, ao mesmo tempo em que incorporam tensões sociais, culturais e afetivas próprias da contemporaneidade. (Rodrigues; Barbosa, 2021) Nesse horizonte, o texto literário destinado ao público jovem não se restringe à função de entretenimento ou instrumentalização pedagógica, mas se configura como espaço de elaboração simbólica no qual o sujeito leitor ensaia interpretações sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que o cerca. A pluralidade de vozes, a fragmentação de perspectivas e a presença de temáticas como identidade, pertencimento, diversidade e conflito geracional ampliam o potencial formativo dessas narrativas, instaurando experiências de leitura que ultrapassam a superfície textual e alcançam dimensões éticas e existenciais.

A escola, nesse cenário, assume papel central como instância de mediação cultural, responsável por transformar o contato com o texto literário em experiência significativa e estruturante da formação humana. A leitura, quando mediada por práticas pedagógicas intencionais, deixa de ser um ato mecânico de decodificação para se tornar prática interpretativa complexa, atravessada por emoções, memórias e construções simbólicas. (Ferreira et al., 2025) Essa mediação exige um trabalho docente sensível, capaz de reconhecer que cada estudante estabelece relações singulares com a literatura, construindo percursos próprios de significação e pertencimento ao universo letrado. Assim, a identidade leitora não emerge de forma espontânea, mas se constitui como processo progressivo, sustentado por experiências estéticas, sociais e cognitivas articuladas no ambiente escolar.

O presente projeto propõe uma abordagem interdisciplinar ampliada da literatura juvenil contemporânea em todos os níveis da educação básica, desde o berçário até o ensino médio, reconhecendo que o desenvolvimento do gosto pela leitura e da formação crítica do leitor inicia-se muito antes da alfabetização formal e se intensifica ao longo de toda a trajetória escolar (Carvalho; Ribeiro; Ischkanian, 2026). A literatura, compreendida como prática cultural viva, atravessa diferentes linguagens e áreas do conhecimento, permitindo conexões com artes, ciências humanas, tecnologia, corpo e movimento, constituindo-se como eixo integrador do currículo.

O Dia Mundial do Livro é assumido como marco simbólico e pedagógico estruturante desta proposta, não apenas como data comemorativa, mas como dispositivo de mobilização coletiva em torno da leitura literária. Sua potência reside na possibilidade de articular experiências multissensoriais, projetos colaborativos e práticas criativas que envolvem toda a comunidade escolar, promovendo o encontro entre diferentes gerações de leitores e fortalecendo a cultura do livro como patrimônio social e afetivo. (Ischkanian; Cabral, 2026) Ao transformar essa data em espaço de vivência pedagógica ampliada, o projeto reafirma a leitura como prática de formação humana integral, capaz de atravessar os limites disciplinares e instaurar novas formas de relação com o conhecimento.

A proposta se fundamenta na compreensão de que a construção da identidade leitora depende da continuidade de experiências literárias significativas, da diversidade de suportes textuais e da qualidade das mediações realizadas no ambiente escolar. A literatura juvenil contemporânea, ao dialogar com as complexidades da vida social e emocional dos estudantes, torna-se instrumento privilegiado para o desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e da consciência cultural, consolidando-se como elemento essencial na formação de sujeitos leitores autônomos, sensíveis e reflexivos.

2.5.3. Fundamentação teórica ampliada

A constituição da identidade leitora deve ser compreendida como um processo complexo, dinâmico e historicamente situado, que envolve dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais interdependentes, consolidando-se progressivamente ao longo da escolarização e das experiências de leitura vivenciadas fora do espaço escolar. (Ferreira et al., 2025) Nesse percurso, o sujeito não apenas desenvolve habilidades de decodificação e compreensão textual, mas constrói formas de pertencimento ao universo da cultura escrita, elaborando sentidos sobre si e sobre o mundo por meio do contato contínuo com diferentes gêneros discursivos. A leitura literária, nesse contexto, opera como prática de ampliação da consciência simbólica, permitindo ao leitor transitar entre realidades, perspectivas e temporalidades distintas, o que favorece a constituição de uma postura interpretativa mais crítica e reflexiva diante da realidade social.

A literatura juvenil contemporânea intensifica esse processo formativo ao apresentar narrativas que dialogam diretamente com dilemas existenciais, conflitos identitários, tensões sociais e experiências subjetivas próprias da juventude contemporânea. (Rodrigues; Barbosa, 2021) Ao incorporar múltiplas vozes narrativas, representações diversas e estruturas textuais não lineares, essas obras ampliam o repertório interpretativo dos estudantes, promovendo tanto o reconhecimento de vivências pessoais quanto o deslocamento crítico necessário para a compreensão de outras realidades sociais e culturais. Esse movimento interpretativo, que articula identificação e estranhamento, constitui elemento central na formação do leitor crítico, uma vez que impede a cristalização de leituras superficiais e estimula a problematização dos sentidos produzidos pelo texto.

A mediação docente assume papel estruturante na formação da identidade leitora, especialmente quando se fundamenta em práticas pedagógicas intencionais, sensíveis e contextualizadas, capazes de articular diferentes níveis de compreensão textual e promover experiências significativas de leitura. (Silva, 2026) O professor, enquanto mediador cultural, atua na organização de percursos de leitura que respeitam as singularidades dos estudantes, ao mesmo tempo em que desafiam suas interpretações iniciais, ampliando horizontes de leitura e favorecendo a construção de sentidos mais elaborados. Essa mediação se fortalece quando associada a estratégias inclusivas, que consideram diferentes ritmos de aprendizagem, estilos cognitivos e necessidades educacionais específicas, garantindo o acesso equitativo à literatura e à experiência estética que ela proporciona.

A inclusão de recursos pedagógicos diversificados, como tecnologias assistivas, adaptações textuais e múltiplas linguagens de apresentação da obra literária, contribui para a democratização do acesso à leitura e para o fortalecimento de práticas educacionais mais

equitativas. (Oliveira, 2026) Nesse contexto, a literatura deixa de ser privilégio de poucos e passa a constituir um direito formativo de todos os estudantes, independentemente de suas condições cognitivas, sensoriais ou sociais. Tal perspectiva reforça a compreensão de que a identidade leitora se constrói em ambientes que valorizam a diversidade humana e reconhecem diferentes formas de interação com o texto.

Paralelamente, a ludicidade emerge como dimensão fundamental na constituição de experiências significativas com a literatura, especialmente nos primeiros anos da escolarização, quando o contato com o texto ainda é mediado por aspectos sensoriais, corporais e afetivos. (Ischkanian, 2018) O brincar, enquanto linguagem constitutiva da infância, possibilita a ressignificação das narrativas literárias por meio da imaginação, da experimentação simbólica e da interação coletiva, favorecendo a construção de vínculos positivos com a leitura. Quando integrada ao processo pedagógico, a dimensão lúdica transforma o ato de ler em experiência envolvente, na qual emoção, criatividade e aprendizagem se articulam de forma indissociável.

A fundamentação teórica deste projeto sustenta-se na articulação entre literatura juvenil contemporânea, mediação docente qualificada, práticas inclusivas e ludicidade, compreendendo esses elementos como eixos interdependentes na formação da identidade leitora (Ischkanian, 2018). A leitura, nesse horizonte, é concebida não como habilidade isolada, mas como prática cultural ampla, atravessada por relações sociais, afetivas e cognitivas que se desenvolvem de forma contínua ao longo da vida escolar.

2.5.4. Berçário

No berçário, a literatura não se configura como prática de leitura convencional, uma vez que o sujeito em desenvolvimento ainda se encontra em fase inicial de exploração sensório-motora do mundo, estabelecendo suas primeiras formas de comunicação e percepção simbólica. Nesse estágio, o contato com a literatura assume caráter essencialmente experiencial, no qual sons, ritmos, expressões faciais, movimentos corporais e interações afetivas constituem o principal suporte de significação. A formação da identidade leitora inicia-se, portanto, muito antes da alfabetização formal, enraizando-se na escuta, na repetição de padrões sonoros e na convivência com narrativas oralizadas que circulam no ambiente familiar e escolar.

A literatura, nesse contexto, manifesta-se como experiência estética expandida, em que a oralidade desempenha papel estruturante na construção dos primeiros vínculos com a linguagem. A escuta de histórias curtas, cantigas de roda, melodias repetitivas e narrativas sonoras favorece a organização inicial da atenção, da memória e da percepção auditiva, elementos fundamentais para o desenvolvimento posterior da linguagem verbal. (Silva; Ischkanian; Cabral, 2026) Esse processo não se restringe à recepção passiva, mas envolve

interação corporal, balbucios, movimentos rítmicos e respostas emocionais que indicam a internalização progressiva de padrões comunicativos.

A mediação pedagógica no berçário assume caráter altamente sensível e intencional, baseada na construção de ambientes afetivos que favorecem a segurança emocional e a curiosidade exploratória. O adulto mediador atua como facilitador de experiências simbólicas iniciais, utilizando variações de entonação, expressões faciais ampliadas e gestualidade expressiva para transformar a narrativa em acontecimento vivo. Essa mediação contribui para que a criança associe a experiência literária ao cuidado, ao acolhimento e ao prazer, elementos fundamentais para a constituição de uma relação positiva com a linguagem escrita em etapas posteriores da escolarização.

O ambiente literário é cuidadosamente estruturado para favorecer a exploração sensorial e a interação multimodal com o universo das narrativas. Livros de tecido, livros de banho, materiais com diferentes texturas, imagens de alto contraste e objetos sonoros compõem um repertório pedagógico que estimula múltiplos sentidos simultaneamente, favorecendo a construção de conexões neurais associadas à linguagem e à percepção simbólica. A presença de experiências multimodais permite que a literatura seja percebida como campo de descoberta, no qual a curiosidade natural da criança encontra espaço para se expandir.

A atenção compartilhada entre adulto e criança constitui elemento central para o desenvolvimento inicial da identidade leitora, pois estabelece os primeiros vínculos entre significação, afeto e comunicação. O ato de apontar imagens, repetir sons e responder às reações da criança configura uma forma primária de leitura compartilhada, na qual o texto ainda não é compreendido em sua dimensão linguística, mas já é vivenciado como experiência relacional e simbólica. Esse conjunto de práticas inaugura um percurso formativo contínuo, no qual a literatura se inscreve como presença afetiva desde os primeiros meses de vida escolar.

2.5.5. Maternal

No maternal, a literatura juvenil contemporânea passa a assumir contornos mais estruturados, ainda que profundamente ancorados na mediação lúdica, na visualidade expressiva e na oralidade como eixo de significação. Nesse estágio do desenvolvimento infantil, a criança amplia suas capacidades de representação simbólica, estabelecendo relações mais consistentes entre imagem, som, gesto e sentido narrativo, o que possibilita o início de uma compreensão mais organizada das histórias. A literatura, nesse contexto, não se apresenta como objeto estático, mas como experiência dinâmica, na qual a narrativa se constrói no encontro entre linguagem, corpo e imaginação.

As obras selecionadas para essa etapa são caracterizadas por narrativas curtas, estruturas repetitivas e forte presença de elementos visuais, favorecendo a compreensão progressiva dos enredos e a antecipação de acontecimentos narrativos. Esse tipo de organização textual contribui para o desenvolvimento da memória sequencial e da capacidade de associação simbólica, elementos fundamentais para a futura consolidação da leitura convencional. A criança, ao interagir com histórias mediadas, começa a reconhecer padrões narrativos e a atribuir significados às ações dos personagens, ampliando sua competência interpretativa inicial.

As práticas de contação de histórias assumem centralidade no processo pedagógico, constituindo-se como espaços privilegiados de interação entre educador, criança e narrativa. (Viana et al., 2026) A dramatização, o uso de expressões corporais intensificadas, a variação de entonação e a participação ativa das crianças transformam a leitura em evento coletivo, no qual o texto ganha vida por meio da performance pedagógica. Esse movimento favorece a internalização de estruturas narrativas e fortalece vínculos afetivos com o universo literário, pois associa a experiência de leitura a momentos de prazer, envolvimento e descoberta.

A repetição intencional de narrativas desempenha papel fundamental nesse processo, uma vez que permite à criança reconhecer sequências, antecipar desfechos e consolidar a memória afetiva relacionada às histórias. Essa repetição não se configura como redundância empobrecedora, mas como estratégia pedagógica de aprofundamento da compreensão simbólica, na qual cada nova escuta amplia camadas de sentido anteriormente construídas. A previsibilidade parcial das narrativas gera segurança cognitiva, ao mesmo tempo em que estimula a curiosidade e o desejo de participação ativa na reconstrução da história.

A construção da identidade leitora no maternal ocorre, portanto, pela articulação entre prazer, interação social e descoberta progressiva de personagens e enredos, instaurando um vínculo inicial com o universo literário que será aprofundado nas etapas seguintes da escolarização. Esse processo envolve não apenas o reconhecimento de histórias, mas também o desenvolvimento de uma atitude positiva em relação à leitura, marcada pela afetividade, pela ludicidade e pela experiência compartilhada. A literatura, nesse estágio, passa a ser compreendida pela criança como espaço de encantamento, comunicação e pertencimento simbólico, consolidando as bases para sua formação leitora futura.

2.5.6. Educação infantil

Na educação infantil, a literatura juvenil contemporânea passa a ocupar um espaço mais estruturado no processo de formação da identidade leitora, incorporando narrativas com maior densidade simbólica, ainda que cuidadosamente mediadas por leitura compartilhada,

recursos visuais e estratégias pedagógicas de adaptação ao desenvolvimento infantil. Nesse estágio, a criança já dispõe de maior repertório linguístico e cognitivo, o que possibilita o contato com enredos mais complexos, personagens com conflitos mais elaborados e sequências narrativas que exigem maior capacidade de atenção, memória e interpretação. A literatura deixa de ser apenas experiência sensorial imediata e passa a integrar progressivamente dimensões interpretativas e reflexivas, ainda que em nível inicial.

O brincar assume papel estruturante nesse processo, não como atividade paralela à literatura, mas como dispositivo central de compreensão e ressignificação das narrativas. Por meio da brincadeira simbólica, a criança reorganiza acontecimentos das histórias, atribui novos sentidos aos personagens e recria cenários narrativos a partir de sua própria imaginação, instaurando um processo ativo de apropriação do texto literário. (Ischkanian; Cabral, 2025) Nesse movimento, o texto deixa de ser apenas objeto de escuta e passa a constituir um campo de experimentação simbólica, no qual realidade e fantasia se entrelaçam de forma fluida, permitindo à criança elaborar emoções, conflitos e desejos de maneira mediada pela narrativa.

A interdisciplinaridade emerge como princípio pedagógico fundamental na educação infantil, manifestando-se na integração entre diferentes linguagens e áreas do conhecimento, de modo a ampliar as possibilidades de expressão e compreensão do universo literário. Atividades que articulam artes visuais, movimento corporal, musicalidade e oralidade favorecem a construção de múltiplos caminhos de interpretação, permitindo que cada criança expresse sua compreensão da narrativa por meio de diferentes formas simbólicas. Esse processo contribui para a ampliação das competências expressivas e para o reconhecimento da diversidade de modos de aprender e significar o mundo.

A incorporação de tecnologias digitais simples também passa a desempenhar papel relevante nesse nível de ensino, especialmente quando utilizada de forma mediada e intencional, como recurso de ampliação do contato com narrativas animadas, livros digitais interativos e experiências multimodais de leitura. (Cabral; Ischkanian; Carvalho, 2025) Esses recursos não substituem a mediação pedagógica nem o contato humano com o texto, mas funcionam como instrumentos complementares que enriquecem a experiência literária, favorecendo a atenção, a curiosidade e o engajamento das crianças. Nesse contexto, a literatura juvenil contemporânea assume caráter híbrido, integrando tradição oral, materialidade do livro impresso e possibilidades interativas do ambiente digital.

A identidade leitora na educação infantil começa a se consolidar como resultado da articulação entre ludicidade, mediação docente, experiências interdisciplinares e contato progressivo com narrativas mais complexas, estabelecendo bases sólidas para o desenvolvimento de leitores autônomos e sensíveis nas etapas posteriores da escolarização.

2.5.7. Ensino fundamental anos iniciais

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a literatura juvenil contemporânea assume papel estruturante no processo de alfabetização e letramento literário, constituindo-se como eixo articulador entre o domínio progressivo do código escrito e a ampliação das competências interpretativas. Nesse período, a criança já apresenta maior autonomia na decodificação textual, o que permite a transição de uma leitura fortemente mediada para práticas mais participativas, nas quais o estudante começa a construir hipóteses de sentido, estabelecer inferências e reconhecer elementos estruturais das narrativas. A literatura deixa de ser exclusivamente objeto de escuta e passa a integrar de forma mais direta o cotidiano da leitura escolar, consolidando vínculos mais consistentes com o universo dos livros.

A leitura compartilhada e guiada permanece como estratégia fundamental, embora com maior complexidade em relação às etapas anteriores, pois passa a incorporar pausas interpretativas, questionamentos direcionados e exploração de elementos narrativos como enredo, tempo, espaço e construção de personagens. Esse processo favorece o desenvolvimento de estratégias cognitivas de compreensão textual, permitindo que os estudantes avancem gradualmente na capacidade de interpretar, comparar e refletir sobre diferentes sentidos possíveis de um mesmo texto. (Almeida; Ferreira, 2022) A identidade leitora se intensifica nesse contexto, especialmente quando os estudantes se reconhecem nas experiências vividas pelos personagens, estabelecendo relações entre ficção e realidade que fortalecem o engajamento afetivo e cognitivo com a leitura.

A construção dessa identidade não ocorre de forma linear, mas por meio de múltiplas interações entre leitura, oralidade, escrita e vivências sociais, nas quais o estudante passa a atribuir significado pessoal às narrativas lidas em sala de aula. A identificação com personagens, conflitos e situações narrativas possibilita processos de projeção e reconhecimento, nos quais a literatura funciona como espelho simbólico e, ao mesmo tempo, como espaço de distanciamento crítico. Esse movimento duplo contribui para a formação de leitores mais sensíveis e reflexivos, capazes de compreender a complexidade das experiências humanas representadas nos textos.

As práticas interdisciplinares ampliam significativamente o potencial formativo da literatura nesse nível de ensino, ao estabelecer conexões entre o texto literário e diferentes áreas do conhecimento, como matemática, ciências, geografia e artes. Essa articulação curricular favorece a aprendizagem contextualizada, na medida em que transforma a leitura em ponto de partida para investigações, resolução de problemas e construção de saberes integrados. (Carvalho; Ribeiro; Ischkanian, 2026) A literatura passa, então, a operar como elemento

mediador entre diferentes campos disciplinares, promovendo uma compreensão mais ampla e significativa do conhecimento escolar.

Atividades como reescrita de histórias, dramatizações, produção de ilustrações e criação de finais alternativos desempenham papel central na consolidação da relação entre texto e interpretação pessoal, pois permitem que os estudantes se apropriem ativamente das narrativas. Essas práticas estimulam a criatividade, fortalecem a expressão escrita e oral e ampliam a capacidade de reorganização simbólica dos textos lidos, transformando o estudante em sujeito ativo do processo interpretativo. Ao recriar histórias, a criança não apenas demonstra compreensão do texto original, mas também revela sua capacidade de ressignificação, elemento essencial para a formação de leitores críticos e autônomos.

O ensino fundamental anos iniciais se configura como etapa decisiva na consolidação da identidade leitora, pois articula alfabetização, letramento e experiência estética de forma integrada, promovendo uma relação mais profunda, consciente e significativa com a literatura juvenil contemporânea.

2.5.8. Ensino fundamental anos finais

Nos anos finais do ensino fundamental, a literatura juvenil contemporânea adquire maior complexidade temática e estrutural, incorporando narrativas que problematizam questões sociais, dilemas éticos, conflitos identitários e tensões emocionais próprias da adolescência e da vida em sociedade. Nesse estágio, o estudante já apresenta maior maturidade cognitiva e capacidade de abstração, o que permite o contato com obras que desafiam leituras lineares e exigem interpretações mais sofisticadas, envolvendo múltiplos níveis de leitura e análise crítica. A literatura passa a funcionar como espaço de reflexão sobre o mundo, articulando experiências individuais e coletivas em narrativas que tensionam valores, normas e perspectivas culturais.

A leitura crítica torna-se eixo central do processo pedagógico, sendo estimulada por meio da análise de discursos, estruturas narrativas, escolhas lexicais e posicionamentos ideológicos presentes nos textos literários. Esse movimento interpretativo não se limita à compreensão do enredo, mas se estende à investigação das intenções discursivas, das construções simbólicas e das relações de poder que atravessam a narrativa. (Martins; Lima, 2023) Ao desenvolver essas competências, o estudante passa a compreender a literatura como produção cultural situada, marcada por contextos históricos e sociais específicos, o que amplia sua capacidade de leitura do mundo para além do texto escrito.

A mediação docente, nesse contexto, assume um papel mais dialógico e provocativo, deslocando-se de uma função explicativa para uma atuação que incentiva o debate, a

problematização e a construção coletiva de sentidos. As rodas de conversa, os seminários interpretativos e as discussões orientadas sobre obras literárias tornam-se estratégias fundamentais para a ampliação da compreensão textual, permitindo que diferentes interpretações sejam confrontadas e reelaboradas em sala de aula. Esse ambiente discursivo favorece o desenvolvimento da argumentação, da escuta ativa e da capacidade de sustentar pontos de vista fundamentados no texto.

A análise comparativa de obras também se destaca como prática pedagógica relevante, pois permite que os estudantes estabeleçam relações entre diferentes narrativas, autores, estilos e contextos de produção. Esse exercício favorece a percepção de continuidades e rupturas temáticas, estilísticas e ideológicas, ampliando o repertório literário e fortalecendo a autonomia interpretativa. Ao comparar obras distintas, o estudante desenvolve uma compreensão mais refinada da literatura como campo plural, marcado por diversidade estética e discursiva.

A consolidação da identidade leitora nos anos finais do ensino fundamental ocorre quando o estudante reconhece sua posição como sujeito interpretativo ativo, capaz de produzir sentidos próprios a partir das leituras realizadas, sem perder de vista a materialidade textual e os contextos de produção das obras. Esse reconhecimento implica uma mudança qualitativa na relação com a literatura, que deixa de ser apenas objeto de estudo escolar e passa a constituir prática reflexiva contínua, atravessada por posicionamentos críticos, afetivos e culturais. Nesse estágio, o leitor em formação já não apenas consome narrativas, mas dialoga com elas, questiona-as e as reinscreve em seu próprio universo de compreensão do mundo, consolidando uma identidade leitora mais autônoma e consciente.

2.5.9. Ensino médio

No ensino médio, a literatura juvenil contemporânea passa a ser abordada em um patamar de maior complexidade interpretativa, sendo articulada a discussões filosóficas, sociais, históricas e culturais que atravessam as experiências juvenis e as dinâmicas da vida em sociedade. Nesse nível de ensino, o estudante já dispõe de maior autonomia intelectual e maturidade analítica, o que permite a exploração de obras literárias que problematizam identidades, conflitos existenciais, estruturas de poder e processos de exclusão social, exigindo leituras mais densas e argumentativas. A literatura deixa de ser apenas instrumento de formação inicial do leitor e passa a constituir campo de investigação crítica sobre a realidade, ampliando sua função formativa e epistemológica.

A leitura literária, nesse contexto, torna-se espaço privilegiado de problematização do mundo, no qual os estudantes são convidados a analisar como os discursos literários constroem representações sociais, legitimam ou contestam desigualdades e articulam diferentes

perspectivas sobre identidade, cultura e subjetividade. Esse processo interpretativo envolve o desenvolvimento de competências críticas que ultrapassam a simples compreensão textual, alcançando a capacidade de avaliar intenções discursivas, posicionamentos ideológicos e estratégias narrativas utilizadas pelos autores. (Carvalho, 2026) A identidade leitora, nesse estágio, assume caráter reflexivo e autoral, pois o estudante passa a se reconhecer como sujeito capaz de interpretar, questionar e ressignificar as narrativas com base em seu repertório cultural e em sua experiência de mundo.

As práticas pedagógicas no ensino médio tendem a se estruturar em torno de metodologias investigativas, como seminários temáticos, debates regrados, projetos de pesquisa literária e produção de ensaios críticos, que incentivam a construção de argumentação consistente e a articulação entre leitura e escrita acadêmica. Essas estratégias favorecem a autonomia intelectual dos estudantes, ao mesmo tempo em que promovem o aprofundamento das relações entre literatura e sociedade, permitindo que o texto literário seja compreendido como objeto cultural situado, atravessado por contextos históricos e disputas simbólicas. A sala de aula se transforma em espaço de diálogo interpretativo, no qual diferentes leituras são confrontadas e reelaboradas coletivamente.

A incorporação de tecnologias digitais amplia significativamente as possibilidades de análise e produção textual, permitindo que os estudantes explorem ferramentas de edição, plataformas de publicação, ambientes colaborativos e recursos multimodais para a criação de conteúdos literários e críticos. (Neta, 2026) Esse movimento expande a circulação das narrativas para além do espaço escolar, inserindo os estudantes em redes de produção e compartilhamento de conhecimento que caracterizam a cultura digital contemporânea. A literatura, nesse contexto, assume formatos híbridos, nos quais texto, imagem, som e hipertexto se articulam, exigindo novas competências de leitura e escrita.

A identidade leitora no ensino médio se consolida como construção crítica, autoral e socialmente situada, na qual o estudante não apenas interpreta textos literários, mas também produz sentidos, estabelece conexões interdisciplinares e participa ativamente da cultura escrita em seus múltiplos suportes. A literatura juvenil contemporânea, nesse estágio, deixa de ser apenas objeto de formação inicial e passa a constituir instrumento de reflexão aprofundada sobre o mundo, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de intervir de maneira consciente, ética e crítica na realidade em que estão inseridos.

2.5.10. Dia Mundial do Livro como eixo integrador

O Dia Mundial do Livro constitui um marco simbólico de grande relevância para a mobilização da cultura leitora no espaço escolar, funcionando como ponto de convergência

entre diferentes práticas pedagógicas voltadas à formação de leitores em todos os níveis de ensino. Essa data ultrapassa a dimensão comemorativa e se inscreve como dispositivo pedagógico estratégico, capaz de articular ações contínuas de incentivo à leitura, fortalecimento da identidade leitora e valorização da literatura como patrimônio cultural e formativo. Ao ser incorporado ao calendário escolar de maneira intencional, o evento favorece a construção de experiências significativas que conectam estudantes, professores e comunidade em torno do universo do livro.

As práticas desenvolvidas nesse contexto abrangem experiências coletivas de leitura, saraus literários, feiras de troca de livros, contações de histórias, exposições temáticas e apresentações artísticas que integram diferentes linguagens e áreas do conhecimento. Essas atividades promovem a circulação de obras literárias e ampliam o contato dos estudantes com diferentes gêneros textuais, autores e estilos narrativos, fortalecendo o repertório cultural e estimulando o prazer estético da leitura. (Ischkanian; Cabral, 2026) Nesse processo, a literatura deixa de ser restrita ao espaço da sala de aula e passa a ocupar ambientes diversos da escola, transformando o cotidiano escolar em um espaço de celebração ativa da linguagem e da imaginação.

A articulação interdisciplinar presente nessas ações permite que a literatura dialogue com artes visuais, música, teatro, história, ciências e tecnologias, favorecendo a construção de experiências integradas e contextualizadas de aprendizagem. Esse movimento contribui para a compreensão da leitura como prática transversal, que atravessa diferentes campos do saber e se manifesta em múltiplas formas de expressão cultural. Ao integrar diferentes áreas do conhecimento, o Dia Mundial do Livro potencializa o desenvolvimento de competências cognitivas, estéticas e sociais, promovendo uma formação mais ampla e significativa.

A celebração do livro, nesse contexto, ultrapassa seu caráter simbólico e assume função formativa ao reforçar vínculos afetivos e intelectuais entre os estudantes e o universo literário, fortalecendo a identidade leitora como construção contínua e compartilhada. A vivência coletiva dessas experiências favorece o sentimento de pertencimento à comunidade leitora, ao mesmo tempo em que estimula o engajamento com práticas de leitura que se estendem para além do evento comemorativo (Ischkanian et al., 2026). O Dia Mundial do Livro se consolida como eixo integrador de ações pedagógicas, capaz de articular diferentes etapas da escolarização em torno de um projeto comum de valorização da leitura e da cultura escrita.

2.5.11. Metodologia interdisciplinar ampliada

A metodologia deste projeto organiza-se a partir de uma perspectiva interdisciplinar estruturada em eixos integradores que atravessam todas as etapas da educação básica, desde a

educação infantil até o ensino médio, garantindo progressão formativa e coerência pedagógica ao longo do percurso escolar. Essa organização não se limita a uma sequência de atividades, mas constitui um sistema dinâmico de experiências educativas que articulam leitura literária, produção simbólica, mediação docente e interação sociocultural, compreendendo a literatura como prática cultural complexa e multifacetada.

O eixo da leitura sensível fundamenta-se na valorização da dimensão afetiva, estética e subjetiva do contato com o texto literário, reconhecendo que a formação do leitor inicia-se na experiência emocional com as narrativas. Nesse eixo, a leitura é compreendida como encontro, no qual o sujeito se envolve com personagens, conflitos e atmosferas narrativas que mobilizam sentimentos, memórias e identificações. A sensibilidade leitora é desenvolvida por meio de práticas que priorizam a escuta, a fruição estética e a construção de vínculos afetivos com a literatura, favorecendo a constituição de uma relação positiva e duradoura com o ato de ler.

O eixo da interpretação crítica desloca o foco da recepção passiva para a análise reflexiva dos textos, promovendo a leitura como prática investigativa e argumentativa. Nesse eixo, os estudantes são incentivados a compreender estruturas narrativas, identificar pontos de vista, analisar discursos e reconhecer implicações sociais, culturais e ideológicas presentes nas obras. Esse processo contribui para a formação de leitores autônomos, capazes de questionar sentidos e produzir interpretações fundamentadas, ampliando sua capacidade de leitura do mundo para além da superfície textual.

O eixo da produção criativa valoriza a autoria estudantil e a reinvenção das narrativas literárias por meio de diferentes linguagens, como escrita, desenho, dramatização, música e produção audiovisual (Ischkanian et al., 2026). Nesse eixo, o estudante não apenas interpreta textos, mas também os transforma, reescreve e recria, assumindo papel ativo na construção de sentidos. Essa dimensão criativa fortalece o protagonismo discente e estimula a imaginação como elemento estruturante da aprendizagem, promovendo uma relação mais profunda e significativa com a literatura.

O eixo da inclusão e acessibilidade garante que todas as práticas literárias sejam planejadas de modo a contemplar a diversidade dos estudantes, respeitando diferentes ritmos de aprendizagem, necessidades educacionais específicas e formas alternativas de comunicação. Esse eixo envolve o uso de tecnologias assistivas, adaptações textuais, recursos visuais ampliados e estratégias pedagógicas diferenciadas, assegurando que a literatura esteja acessível a todos os sujeitos. A inclusão, nesse contexto, não é complementar, mas constitutiva da proposta metodológica, reafirmando o direito universal à leitura e à participação cultural.

O eixo da cultura digital incorpora as transformações contemporâneas nas formas de leitura, escrita e circulação de textos, integrando tecnologias educacionais ao processo de

formação leitora. Nesse eixo, plataformas digitais, livros interativos, recursos multimídia e ambientes colaborativos são utilizados como ferramentas de ampliação da experiência literária, favorecendo novas formas de interação com o texto e ampliando as possibilidades de produção narrativa. (Ischkanian et al., 2026) A cultura digital, nesse sentido, não substitui a leitura tradicional, mas a expande, criando novos espaços de significação e autoria.

A leitura literária, articulada a esses eixos, é compreendida como prática cultural complexa que integra linguagem, emoção, pensamento crítico e interação social, constituindo-se como elemento estruturante da formação humana (Ischkanian et al., 2026). A literatura, nesse projeto, não se restringe ao conteúdo curricular, mas se afirma como experiência formativa ampla, capaz de atravessar diferentes áreas do conhecimento e diferentes dimensões da subjetividade.

A incorporação da cultura maker e das tecnologias educacionais amplia significativamente as possibilidades de criação de narrativas e objetos literários, permitindo que os estudantes desenvolvam projetos autorais que combinam leitura, experimentação e produção material ou digital (Ischkanian et al., 2026). Esse movimento favorece a aprendizagem ativa, o trabalho colaborativo e a resolução criativa de problemas, ao mesmo tempo em que fortalece a relação entre teoria e prática. Nesse contexto, a literatura deixa de ser apenas objeto de consumo interpretativo e passa a constituir campo de experimentação, inovação e criação coletiva, ampliando o alcance pedagógico da formação leitora.

2.5.12. Inclusão e acessibilidade

A inclusão constitui princípio estruturante e inegociável deste projeto, sendo compreendida não como um apêndice das práticas pedagógicas, mas como fundamento epistemológico e ético que orienta todas as ações voltadas à formação da identidade leitora (Ischkanian et al., 2026). Nesse sentido, o acesso à literatura é concebido como direito educacional universal, que deve ser garantido a todos os estudantes em suas diferentes condições de aprendizagem, modos de percepção e formas de interação com o texto. A literatura juvenil contemporânea, ao ser inserida nesse horizonte inclusivo, precisa ser disponibilizada em múltiplos formatos e linguagens, assegurando que a experiência estética e interpretativa não seja restringida por barreiras físicas, sensoriais, cognitivas ou comunicacionais.

A implementação de recursos de tecnologia assistiva desempenha papel central nesse processo, ao possibilitar que estudantes com diferentes necessidades educacionais participem de forma ativa e significativa das práticas de leitura e interpretação literária (Ischkanian et al., 2026). Esses recursos incluem leitores de tela, livros em áudio, sistemas de comunicação

alternativa e aumentativa, adaptações visuais, ampliação de contraste, legendas acessíveis e materiais táteis, entre outros dispositivos que ampliam as possibilidades de acesso ao texto literário. (Oliveira, 2026) A utilização dessas ferramentas não se limita à compensação de limitações, mas atua como estratégia de ampliação das formas de interação com a literatura, promovendo experiências mais ricas e diversificadas de leitura.

A adaptação textual também se configura como elemento essencial da prática inclusiva, envolvendo a reorganização de estruturas narrativas, simplificação linguística quando necessária, uso de recursos visuais de apoio e segmentação de conteúdos, sem comprometer a integridade estética e simbólica das obras literárias (Ischkanian et al., 2026). Esse processo exige planejamento pedagógico cuidadoso, capaz de equilibrar acessibilidade e complexidade interpretativa, garantindo que todos os estudantes tenham acesso ao mesmo universo literário, ainda que por caminhos diferenciados. A adaptação, nesse contexto, não significa redução de conteúdo, mas transformação didática orientada pela equidade.

A construção da identidade leitora, nesse projeto, é compreendida como direito educacional fundamental, não condicionado a habilidades prévias ou a padrões específicos de desenvolvimento cognitivo, mas reconhecido como dimensão constitutiva da formação humana (Ischkanian et al., 2026). Isso implica afirmar que todos os estudantes, independentemente de suas condições, têm direito de se reconhecer como leitores, de participar de práticas literárias e de produzir sentidos a partir das narrativas com as quais entram em contato. Essa perspectiva desloca a leitura de um campo restrito de desempenho para um campo ampliado de participação cultural e simbólica.

A inclusão não se limita ao acesso físico ou técnico aos materiais de leitura, mas envolve também a construção de ambientes pedagógicos sensíveis à diversidade, nos quais diferentes modos de aprender e interpretar sejam valorizados como expressões legítimas da experiência humana (Ischkanian et al., 2026). A literatura juvenil contemporânea, quando mediada por princípios inclusivos, torna-se instrumento potente de reconhecimento, pertencimento e valorização da diferença, contribuindo para a formação de sujeitos leitores mais autônomos, críticos e socialmente conscientes.

2.5.13. Produção interdisciplinar por áreas

A proposta interdisciplinar deste projeto organiza o processo de formação da identidade leitora a partir da articulação entre diferentes componentes curriculares e campos de experiência, compreendendo a literatura juvenil contemporânea como eixo integrador capaz de atravessar todo o percurso educativo. Essa abordagem rompe com a fragmentação do conhecimento e promove uma leitura ampliada do texto literário, na qual linguagem, corpo,

cultura, ciência e tecnologia se articulam de forma orgânica, possibilitando experiências formativas mais complexas e significativas.

Na Língua Portuguesa, a literatura constitui núcleo estruturante das práticas de leitura, interpretação e produção textual, favorecendo o desenvolvimento de competências linguísticas, discursivas e argumentativas. Os estudantes são estimulados a analisar narrativas, compreender estruturas textuais e produzir reescritas criativas, resenhas e produções autorais que ampliam sua autonomia comunicativa e interpretativa.

Em Artes, a literatura se desdobra em múltiplas linguagens expressivas, como ilustração, teatro, música e produção visual, permitindo que os estudantes traduzam narrativas em formas estéticas diversas. Esse movimento favorece a sensibilização artística e a compreensão da literatura como experiência multimodal, na qual texto, imagem, som e corpo se inter-relacionam na construção de sentidos.

Em História, as narrativas literárias são contextualizadas a partir de suas relações com processos sociais, culturais e históricos, permitindo que os estudantes compreendam os textos como produções situadas no tempo e atravessadas por disputas simbólicas. Essa abordagem contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre sociedade, identidade e memória coletiva.

Em Geografia, os espaços narrativos são analisados como construções simbólicas, possibilitando a reflexão sobre territórios reais e imaginários presentes na literatura. Essa articulação favorece a compreensão das relações entre espaço, cultura e pertencimento, ampliando a leitura do mundo para além do texto escrito.

Em Ciências, a literatura é explorada a partir de temas relacionados ao corpo, às emoções e às tecnologias presentes nas narrativas contemporâneas, permitindo a integração entre conhecimento científico e reflexão humanística. Esse diálogo contribui para a compreensão da experiência humana em sua totalidade, articulando razão, sensibilidade e imaginação.

Na área de Tecnologia, os estudantes são incentivados a produzir narrativas digitais, histórias interativas e conteúdos multimídia, explorando ferramentas tecnológicas como meio de criação literária. Esse processo amplia as possibilidades de autoria e circulação dos textos, inserindo os estudantes em práticas contemporâneas de produção cultural.

Na Biblioteca escolar, a literatura se configura como espaço de mediação cultural, incentivo à leitura autônoma e ampliação do repertório literário, promovendo o contato contínuo com diferentes gêneros, autores e suportes textuais. A biblioteca torna-se ambiente vivo de experimentação leitora e construção de vínculos com o livro.

Na Educação Física, a literatura é integrada por meio de narrativas corporais, jogos simbólicos e práticas que articulam movimento e expressão, permitindo que o corpo seja compreendido como linguagem e forma de leitura do mundo. Essa abordagem favorece a consciência corporal e a expressão criativa das narrativas.

Na Psicomotricidade, a relação entre movimento, cognição e emoção é explorada a partir das histórias, possibilitando que os estudantes expressem compreensões narrativas por meio de gestos, percursos corporais e dinâmicas espaciais, fortalecendo a integração entre corpo e pensamento.

Na Música, as narrativas literárias são transformadas em experiências sonoras, com criação de trilhas, ritmos e interpretações musicais que ampliam a dimensão estética das histórias. Essa integração favorece a percepção rítmica da linguagem e a sensibilidade auditiva.

No eixo do Movimento, as histórias são vivenciadas por meio de dramatizações corporais, encenações e atividades expressivas que permitem a incorporação física das narrativas, fortalecendo a compreensão simbólica por meio da experiência sensível.

Nos Eixos da Educação Infantil, a organização pedagógica fundamenta-se em cinco dimensões estruturantes que sustentam a formação inicial da identidade leitora. O eixo da leitura sensível privilegia a dimensão afetiva e estética do contato com as narrativas; o eixo da interpretação crítica introduz gradualmente a construção de sentidos e inferências; o eixo da produção criativa estimula a reinvenção das histórias por meio de múltiplas linguagens; o eixo da inclusão e acessibilidade assegura participação plena de todos os estudantes; e o eixo da cultura digital incorpora experiências tecnológicas interativas ao universo literário.

Essa estrutura integrada fortalece a compreensão da literatura como prática cultural complexa, capaz de articular diferentes áreas do conhecimento e múltiplas formas de expressão, consolidando um percurso formativo contínuo de construção da identidade leitora ao longo de toda a educação básica.

2.5.14. Avaliação

A avaliação, no âmbito deste projeto, é compreendida como processo contínuo, formativo e integrado ao desenvolvimento da identidade leitora, distanciando-se de perspectivas meramente classificatórias que reduzem a aprendizagem a resultados pontuais (Ischkanian et al., 2026). Essa concepção dialoga com abordagens contemporâneas da avaliação educacional que a reconhecem como prática pedagógica orientadora, capaz de acompanhar trajetórias, identificar avanços e redirecionar intervenções docentes de modo intencional e contextualizado. Nesse sentido, avaliar implica interpretar processos, e não apenas

mensurar desempenhos isolados, especialmente quando se trata da leitura literária, cuja natureza é interpretativa, subjetiva e culturalmente situada.

A literatura juvenil contemporânea, ao mobilizar múltiplas camadas de sentido e diferentes possibilidades de leitura, exige práticas avaliativas sensíveis à complexidade da experiência leitora (Ischkanian et al., 2026). A participação dos estudantes nas atividades, seu envolvimento com as narrativas e sua disposição para interagir com diferentes linguagens tornam-se indicadores relevantes de engajamento formativo, uma vez que revelam a qualidade da relação estabelecida com o texto literário. A avaliação, nesse contexto, considera não apenas o produto final das atividades, mas o percurso de construção de sentidos, valorizando a progressão individual e coletiva dos estudantes ao longo do processo.

A criatividade constitui outro eixo fundamental da avaliação, sobretudo nas práticas de reescrita, dramatização, produção artística e elaboração de narrativas autorais, nas quais os estudantes ressignificam textos e expressam compreensões singulares das obras lidas (Ischkanian et al., 2026). Esse aspecto dialoga com perspectivas pedagógicas que valorizam a autoria e a expressão como dimensões essenciais da aprendizagem, reconhecendo que a produção simbólica é parte constitutiva da formação do leitor. Ao criar, o estudante evidencia não apenas compreensão textual, mas também capacidade de reorganizar, reinterpretar e expandir os sentidos da narrativa.

A evolução interpretativa, por sua vez, constitui um dos indicadores mais relevantes do processo avaliativo, pois evidencia o desenvolvimento gradual das habilidades de inferência, análise crítica e construção de sentidos mais complexos. Esse acompanhamento permite observar como o estudante transita de leituras mais descritivas para interpretações mais elaboradas, nas quais estabelece relações entre texto, contexto e experiências pessoais e sociais. Tal progressão revela a consolidação da identidade leitora como processo dinâmico, construído ao longo do tempo e mediado por experiências pedagógicas significativas.

No campo da argumentação e da leitura crítica, a avaliação considera a capacidade do estudante de sustentar interpretações, analisar discursos e reconhecer posicionamentos ideológicos presentes nos textos literários. Essa dimensão se torna especialmente relevante nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, quando a literatura passa a ser explorada como espaço de problematização social e cultural. A articulação interdisciplinar também integra esse processo avaliativo, evidenciando a habilidade dos estudantes de conectar a literatura a outras áreas do conhecimento, ampliando sua compreensão do mundo e fortalecendo sua formação intelectual.

Sob essa perspectiva, a avaliação deixa de ser instrumento de controle e passa a assumir função formativa e diagnóstica, orientando práticas pedagógicas mais inclusivas,

reflexivas e coerentes com a complexidade do processo de leitura literária (Ischkanian et al., 2026). Ela se constitui como elemento estruturante da mediação docente, permitindo compreender a aprendizagem como percurso contínuo, heterogêneo e profundamente marcado por interações culturais, afetivas e cognitivas.

2.5.15. Progressivo da identidade leitora

Espera-se, como resultado estruturante deste projeto, o fortalecimento progressivo da identidade leitora ao longo de toda a educação básica, compreendida como um processo contínuo de constituição subjetiva, cultural e cognitiva que se desenvolve a partir de experiências sistemáticas com a literatura juvenil contemporânea. Essa identidade não se estabelece de forma imediata, tampouco homogênea, mas emerge gradualmente das interações entre sujeito, texto, mediação docente e contextos socioculturais, consolidando-se pela ampliação do repertório literário e pela complexificação das formas de interpretação e produção de sentido.

Nesse percurso formativo, a leitura deixa de ser compreendida como habilidade isolada e passa a ser vivida como prática cultural permanente, enraizada no cotidiano escolar e progressivamente estendida ao espaço comunitário, familiar e digital (Ischkanian et al., 2026). O estudante, ao longo das etapas de ensino, desloca-se de uma postura de receptor inicial de narrativas para uma condição de sujeito leitor ativo, capaz de selecionar obras, estabelecer relações intertextuais, reconhecer diferentes gêneros e mobilizar estratégias críticas de interpretação. Esse movimento evidencia a leitura como prática social situada, atravessada por experiências afetivas, cognitivas e simbólicas que se acumulam e se transformam ao longo do tempo.

A ampliação do repertório literário desempenha papel central nesse processo, pois possibilita o contato com diferentes estilos narrativos, vozes discursivas, contextos históricos e representações culturais, favorecendo a construção de uma visão mais ampla e plural do mundo (Ischkanian et al., 2026). Esse repertório não se limita à quantidade de obras lidas, mas envolve a qualidade das experiências interpretativas, a diversidade de perspectivas acessadas e a capacidade de ressignificação das narrativas em diferentes contextos de leitura. À medida que esse repertório se expande, o estudante desenvolve maior autonomia intelectual e sensibilidade estética, elementos fundamentais para a consolidação da identidade leitora.

O desenvolvimento do pensamento crítico constitui outro eixo essencial dessa progressão, uma vez que a leitura literária é compreendida como espaço de problematização de discursos, valores e representações sociais (Ischkanian et al., 2026). O estudante é progressivamente incentivado a analisar intencionalidades textuais, identificar posicionamentos

ideológicos e estabelecer relações entre literatura e realidade social, ampliando sua capacidade de interpretação do mundo. Esse processo contribui para a formação de leitores capazes de dialogar criticamente com diferentes textos e contextos, assumindo uma postura reflexiva diante das narrativas que consomem.

A consolidação da identidade leitora se configura como objetivo longitudinal do projeto, sustentado pela articulação entre leitura contínua, mediação pedagógica qualificada e experiências interdisciplinares significativas(Ischkanian et al., 2026) A literatura, nesse cenário, reafirma-se como prática cultural permanente, capaz de atravessar os diferentes níveis de ensino e de se inscrever de maneira duradoura na formação humana e social dos estudantes.

2.5.16. A literatura juvenil contemporânea

A literatura juvenil contemporânea constitui um dos eixos centrais na formação de sujeitos leitores capazes de interpretar criticamente a realidade, compreender suas contradições e reconhecer-se como participantes ativos de uma cultura marcada pela diversidade de discursos e experiências (Ischkanian et al., 2026). Ao se afastar de modelos narrativos rígidos e moralizantes, esse campo literário incorpora temáticas que dialogam diretamente com as vivências juvenis, como identidade, pertencimento, desigualdade, conflitos sociais e transformações subjetivas, favorecendo processos de identificação e distanciamento crítico simultaneamente. Esse movimento interpretativo contribui para a ampliação da consciência reflexiva, na qual o leitor não apenas compreende o texto, mas também questiona os sentidos que ele produz e os contextos em que se inscreve.

Quando articulada a práticas pedagógicas interdisciplinares, a literatura juvenil contemporânea amplia seu potencial formativo ao estabelecer diálogos com diferentes áreas do conhecimento, possibilitando uma compreensão mais integrada da realidade (Ischkanian et al., 2026). Essa articulação permite que o texto literário transcenda os limites da disciplina de Língua Portuguesa, incorporando dimensões históricas, sociais, científicas, artísticas e tecnológicas que enriquecem a experiência de leitura. Nesse cenário, a literatura deixa de ser objeto isolado de análise e passa a funcionar como mediadora de aprendizagens complexas, promovendo conexões entre saberes e fortalecendo a capacidade de interpretação crítica do mundo.

A celebração de contextos simbólicos como o Dia Mundial do Livro intensifica esse processo ao criar espaços de valorização coletiva da leitura, nos quais a literatura é vivenciada como prática cultural compartilhada. (Ischkanian et al., 2026) Nessas ocasiões, a escola se transforma em ambiente de circulação de narrativas, encontros estéticos e experiências formativas que envolvem estudantes, professores e comunidade em torno do livro e da leitura.

Essa mobilização simbólica fortalece o vínculo entre sujeitos e literatura, ampliando o reconhecimento social da leitura como prática essencial à formação humana.

A identidade leitora, nesse percurso, emerge como construção contínua, dinâmica e profundamente atravessada por experiências sensíveis, sociais e cognitivas que se acumulam ao longo da trajetória escolar (Ischkanian et al., 2026). Trata-se de um processo que não se limita à aquisição de competências técnicas de leitura, mas envolve a constituição de uma relação significativa com o texto literário, mediada por afetos, interpretações e vivências culturais. À medida que o sujeito amplia seu repertório literário e aprofunda suas experiências de leitura, consolida-se uma postura mais autônoma, crítica e reflexiva diante das narrativas, reafirmando a literatura como elemento estruturante da formação humana e social.

2.6. LITERATURA JUVENIL E CULTURA DIGITAL

A cultura digital reconfigura profundamente os modos de interação entre jovens e textos literários, instaurando um ecossistema comunicativo no qual leitura e escrita deixam de se restringir ao suporte impresso. Nesse cenário, a literatura juvenil contemporânea passa a dialogar com práticas emergentes de produção simbólica e participação ativa dos sujeitos leitores (Ischkanian et al., 2026). O deslocamento para ambientes digitais não elimina a experiência estética da leitura, mas a reorganiza em formatos dinâmicos que articulam imagem, som e hipertexto.

A constituição da identidade leitora em ambientes digitais envolve processos de identificação, pertencimento e ressignificação de experiências pessoais mediadas por narrativas interativas. Estudos indicam que a leitura em contextos digitais amplia a capacidade interpretativa dos estudantes ao favorecer múltiplas entradas de sentido no texto (Silva; Pereira, 2022). Esse movimento desloca o leitor de uma postura receptiva para uma condição de coautor na construção dos significados.

A produção textual juvenil contemporânea encontra nos espaços virtuais um território fértil para experimentações narrativas, especialmente por meio de fanfics, blogs e plataformas colaborativas. Essas práticas se consolidam como formas legítimas de expressão literária no universo digital (Cabral, 2026). A circulação dessas produções redefine os limites entre autoria e recepção, instaurando uma lógica de compartilhamento contínuo de narrativas.

A hipertextualidade introduz novas formas de leitura não lineares, exigindo do leitor estratégias cognitivas de navegação e seleção de informações. Pesquisas apontam que o letramento digital envolve competências que ultrapassam a decodificação textual tradicional (Neta, 2026). Esse cenário amplia a complexidade interpretativa e exige novas formas de mediação pedagógica.

A multimodalidade constitui característica central da literatura juvenil em ambientes digitais, ao integrar linguagens visuais, sonoras e verbais em uma mesma obra. Estudos sobre tecnologias educacionais evidenciam que essa integração favorece diferentes estilos de aprendizagem (Cabral et al., 2025). O texto literário passa a operar como campo expandido de experiências sensoriais e cognitivas.

A escola contemporânea assume papel decisivo na mediação dessas novas formas de leitura, reorganizando suas práticas pedagógicas para incorporar recursos digitais. A integração curricular entre áreas do conhecimento fortalece a compreensão da literatura como prática transversal (Carvalho; Ribeiro; Ischkanian, 2026). Esse movimento contribui para a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente diferentes linguagens.

A inclusão de estudantes neurodivergentes nas práticas de leitura digital exige adaptações pedagógicas que respeitem diferentes ritmos e formas de aprendizagem. A literatura juvenil, quando mediada por tecnologias acessíveis, amplia o alcance das experiências leitoras (Ischkanian, 2026). Esse processo reforça a ideia de que a leitura constitui um direito universal e não condicionado a padrões homogêneos de aprendizagem.

Recursos de tecnologia assistiva desempenham papel fundamental na democratização do acesso à literatura digital, especialmente em contextos escolares inclusivos. Pesquisas demonstram que tais recursos potencializam a autonomia dos estudantes com necessidades específicas (Oliveira, 2026). A mediação tecnológica torna-se, portanto, elemento estruturante da equidade educacional.

Na educação infantil, o contato com narrativas digitais ocorre por meio de experiências lúdicas que integram imagens animadas, sons e interações táteis. Estudos evidenciam que o uso de tecnologias digitais na infância favorece a construção inicial do letramento (Souza; Costa, 2021). A literatura, nesse contexto, se manifesta como experiência sensível mediada por múltiplas linguagens.

O brincar permanece como eixo estruturante da aprendizagem infantil, inclusive em ambientes digitais, onde jogos narrativos e histórias interativas ampliam a imaginação. A articulação entre ludicidade e tecnologia fortalece o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças (Ischkanian, 2018). Esse entrelaçamento produz experiências formativas que integram corpo, linguagem e imaginação.

A cultura maker introduz possibilidades de criação literária que extrapolam o consumo de textos, incentivando a produção ativa de narrativas. Pesquisas indicam que metodologias maker fortalecem a autonomia e a criatividade dos estudantes (Martins; Lima, 2023). Nesse contexto, a literatura juvenil se converte em espaço de experimentação e invenção.

A personalização da aprendizagem por meio de inteligência artificial amplia as possibilidades de mediação da leitura, ajustando conteúdos às necessidades individuais dos estudantes. Estudos recentes apontam que sistemas adaptativos podem favorecer o engajamento leitor (Ischkanian et al., 2026). Essa tendência redefine o papel do professor como mediador de experiências personalizadas.

As práticas de escrita digital entre adolescentes revelam novos modos de organização discursiva, marcados pela fluidez entre gêneros e formatos. A reflexão metalinguística desempenha papel relevante nesse processo de construção da escrita contemporânea (Vieira et al., 2025). O ambiente digital estimula a experimentação linguística e a reorganização das estruturas narrativas.

As redes sociais constituem espaços de circulação de leituras compartilhadas, ampliando comunidades interpretativas e promovendo debates sobre obras literárias. Essas interações fortalecem o vínculo entre jovens leitores e textos contemporâneos (Silva; Pereira, 2022). O engajamento coletivo produz novas formas de sociabilidade leitora.

A formação do leitor crítico em ambientes digitais demanda o desenvolvimento de habilidades analíticas voltadas à interpretação de discursos multimodais. Pesquisas evidenciam que a leitura crítica envolve competências de avaliação, comparação e interpretação contextualizada (Martins; Lima, 2023). Esse processo fortalece a autonomia intelectual dos estudantes.

As dimensões éticas da cultura digital emergem como campo de reflexão necessário diante do uso intensivo de tecnologias na produção literária. Estudos sobre direito e tecnologia destacam a importância da formação crítica para o uso responsável dos ambientes digitais (Carvalho, 2026). A literatura juvenil participa desse debate ao problematizar relações sociais e tecnológicas.

Questões relacionadas ao bullying e às interações virtuais também atravessam a experiência leitora dos jovens em ambientes digitais. Pesquisas indicam que a escola desempenha papel central na mediação desses conflitos (Carvalho, 2026). A literatura pode funcionar como instrumento de reflexão sobre convivência e respeito.

A produção multimodal de narrativas digitais amplia as possibilidades expressivas da literatura juvenil, incorporando recursos audiovisuais e interativos. Estudos recentes apontam que a integração de tecnologias digitais potencializa a criatividade textual (Cabral, 2026). Esse movimento redefine os limites tradicionais da escrita literária.

A mediação docente permanece elemento central na formação leitora, mesmo em contextos fortemente mediados por tecnologias digitais. Pesquisas indicam que o professor

exerce função essencial na orientação interpretativa dos estudantes (Batista et al., 2025). Sua atuação contribui para o equilíbrio entre autonomia e orientação pedagógica.

A integração curricular entre diferentes áreas do conhecimento fortalece a compreensão da literatura como prática interdisciplinar. Estudos apontam que essa articulação favorece aprendizagens mais contextualizadas e significativas (Carvalho; Ribeiro; Ischkanian, 2026). A literatura juvenil passa a dialogar com múltiplos campos do saber.

Processos avaliativos na educação contemporânea consideram não apenas a compreensão textual, mas também a participação, a criatividade e o engajamento dos estudantes. Pesquisas indicam que a avaliação formativa contribui para o desenvolvimento da autonomia leitora (Silva et al., 2026). Esse enfoque valoriza trajetórias individuais de aprendizagem.

Experiências literárias mediadas por tecnologias digitais também podem ser aplicadas em contextos sensíveis, como ambientes hospitalares, favorecendo bem-estar emocional. Estudos demonstram que narrativas digitais contribuem para o fortalecimento de vínculos afetivos (Ischkanian et al., 2025). A literatura assume, nesse contexto, função terapêutica e educativa.

A diversidade cultural presente na literatura juvenil contemporânea amplia o repertório interpretativo dos estudantes, promovendo reconhecimento de múltiplas identidades. Pesquisas evidenciam que a representatividade literária fortalece processos de identificação e consciência social (Freitas, 2026). Esse aspecto contribui para a formação de sujeitos mais críticos e sensíveis às diferenças.

A construção da identidade leitora constitui processo contínuo, atravessado por experiências escolares, culturais e digitais que se acumulam ao longo da trajetória educacional. Estudos indicam que essa formação envolve dimensões cognitivas e afetivas interligadas (Ferreira et al., 2025). A literatura juvenil contemporânea atua como mediadora desse percurso.

A integração entre literatura e cultura digital redefine profundamente os modos de ler, escrever e interagir com textos na contemporaneidade. Esse movimento não elimina práticas tradicionais, mas amplia suas possibilidades de significação em ambientes híbridos (Ischkanian et al., 2026). A identidade leitora emerge, nesse cenário, como construção dinâmica, aberta e continuamente ressignificada.

2.7. LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO

A literatura juvenil ocupa posição estruturante na formação do pensamento crítico ao possibilitar que leitores em fase escolar sejam expostos a múltiplas formas de representação do real. (Rodrigues; Barbosa, 2021). Essa exposição favorece a problematização de discursos

socialmente naturalizados e amplia a capacidade de interpretação de contextos simbólicos diversos. O contato com narrativas voltadas ao público jovem instaura um campo de reflexão no qual linguagem e experiência social se entrelaçam, exigindo leitura atenta das entrelinhas discursivas.

No ambiente escolar contemporâneo, a presença da literatura juvenil assume função pedagógica que ultrapassa o entretenimento e se inscreve como dispositivo de formação intelectual. (Cabral, 2022). O trabalho com textos literários em sala de aula estimula a análise de estruturas narrativas e o questionamento de perspectivas hegemônicas. O estudante passa a elaborar compreensões mais densas sobre dinâmicas culturais e sociais que atravessam as obras.

As práticas educativas que integram literatura infantil e juvenil evidenciam impactos relevantes no desenvolvimento de competências interpretativas e socioemocionais. (Almeida; Ferreira, 2022). A mediação docente orientada por intencionalidade pedagógica favorece conexões entre experiência pessoal e universo ficcional. Esse processo amplia a capacidade de reflexão crítica ao articular leitura, linguagem e vivências cotidianas.

A formação do leitor crítico envolve a construção gradual de habilidades de interpretação que ultrapassam a decodificação textual. (Silva; Pereira, 2022). A literatura juvenil contribui para esse percurso ao apresentar narrativas marcadas por ambiguidades e conflitos interpretativos. O leitor é convocado a sustentar análises que exigem reflexão contínua sobre sentidos possíveis.

O caráter lúdico da leitura literária favorece o engajamento dos estudantes e fortalece vínculos afetivos com o ato de ler. (Ischkanian; Maciel, 2017). Essa dimensão interativa estimula a participação ativa na construção de significados narrativos. O estudante passa a experimentar a leitura como espaço de criação e não apenas de recepção.

A escola desempenha papel determinante na seleção de obras literárias que favoreçam a ampliação do repertório crítico dos estudantes. (Freitas, 2026). Textos que abordam conflitos sociais e dilemas éticos estimulam a reflexão sobre valores e estruturas sociais. A leitura se configura como prática de investigação sobre diferentes formas de organização do mundo.

Perspectivas neuroeducacionais reforçam a compreensão de que a leitura envolve articulação complexa entre emoção, cognição e linguagem. (Ferreira et al., 2025). Essa integração favorece processos interpretativos mais elaborados e sensíveis às nuances textuais. O pensamento crítico emerge dessa interação dinâmica entre dimensões cognitivas e afetivas.

A inclusão educacional amplia o alcance da literatura juvenil ao garantir acesso a diferentes perfis de leitores. (Oliveira et al., 2026). A adaptação de recursos pedagógicos

contribui para a democratização da experiência literária. Esse movimento fortalece a participação ativa de estudantes com necessidades diversas no processo de leitura.

O uso de tecnologias digitais redefine práticas de leitura e amplia possibilidades de interação com textos literários. (Cabral, 2026). Ambientes multimodais favorecem novas formas de interpretação e circulação de sentidos. O leitor contemporâneo desenvolve competências críticas relacionadas à leitura em suportes variados.

A interdisciplinaridade no ensino potencializa a compreensão da literatura juvenil ao conectá-la a diferentes campos do conhecimento. (Carvalho et al., 2026). Essa articulação favorece interpretações mais abrangentes dos fenômenos representados nas narrativas. O estudante passa a reconhecer a complexidade das relações entre saberes.

A exposição a narrativas desafiadoras contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual do leitor jovem. (Braga et al., 2025). Obras que apresentam dilemas éticos incentivam a revisão de posições previamente estabelecidas. Esse movimento fortalece a capacidade argumentativa e o pensamento reflexivo.

A mediação docente exerce influência significativa na qualidade das experiências de leitura em contextos escolares. (Carvalho, 2026). A condução pedagógica estruturada favorece análises mais profundas dos textos literários. A sala de aula se torna espaço de debate interpretativo e construção coletiva de sentidos.

A literatura juvenil também atua na formação ética ao apresentar situações narrativas que exigem escolhas e posicionamentos. (Ischkanian, 2026). Esse tipo de leitura promove reflexão sobre responsabilidade e convivência social. O leitor desenvolve sensibilidade para dilemas humanos complexos.

A diversidade cultural presente na literatura juvenil contemporânea amplia horizontes interpretativos e estimula o reconhecimento da alteridade. (Santos et al., 2025). Narrativas plurais contribuem para a desconstrução de visões homogêneas de mundo. O leitor passa a lidar com diferentes perspectivas de realidade.

A inserção de tecnologias digitais no processo de leitura literária modifica práticas pedagógicas e amplia possibilidades de interação textual. (Souza; Costa, 2021). Recursos digitais favorecem experiências de leitura mais dinâmicas e conectadas. O estudante desenvolve competências críticas voltadas à navegação informacional.

A reflexão metalinguística constitui elemento relevante na formação do pensamento crítico ao permitir que o leitor observe seu próprio processo interpretativo. (Vieira et al., 2025). Esse exercício favorece consciência sobre estratégias de leitura e construção de sentido. A leitura se torna atividade reflexiva e autoconsciente.

A dimensão emocional presente na literatura juvenil contribui para a elaboração de experiências internas e compreensão de afetos. (Coelho et al., 2025). Narrativas literárias oferecem espaços simbólicos para expressão de sentimentos complexos. O pensamento crítico se fortalece quando articulado à sensibilidade.

A acessibilidade no campo educacional amplia a participação de diferentes sujeitos na experiência literária. (Demo, 2026). Estratégias inclusivas garantem que a leitura seja vivenciada por estudantes com diferentes necessidades. A literatura assume papel de integração social e pedagógica.

A pluralidade cultural presente nas narrativas juvenis favorece a ampliação do repertório simbólico dos leitores. (Viana et al., 2026). Esse contato estimula comparações entre diferentes sistemas de valores. O processo interpretativo torna-se mais complexo e reflexivo.

Estruturas narrativas contemporâneas frequentemente rompem linearidades tradicionais, exigindo maior esforço interpretativo do leitor. (Martins; Lima, 2023). Esse tipo de construção textual estimula raciocínio analítico e conexões interpretativas múltiplas. A leitura passa a demandar maior atenção às relações internas do texto.

A valorização de políticas educacionais voltadas à literatura influencia diretamente a formação de leitores críticos. (Batista; Ischkanian; Cabral, 2025). O acesso a acervos diversificados fortalece práticas de leitura mais consistentes. A estrutura institucional impacta a qualidade da formação literária.

A literatura juvenil pode ser compreendida como espaço de construção identitária em constante transformação. (Kishimoto, 1993). O leitor interage com narrativas que permitem revisões de percepção sobre si e sobre o outro. Esse processo contribui para o desenvolvimento de subjetividades reflexivas.

Práticas pedagógicas inovadoras ampliam a relevância da literatura no contexto educacional ao estimular participação ativa dos estudantes. (Zylbersztajn, 2015). A aprendizagem se torna mais significativa quando vinculada à exploração criativa dos textos. O pensamento crítico se fortalece em ambientes de experimentação.

A literatura juvenil contemporânea revela potencial formativo ao articular diferentes dimensões do conhecimento e da experiência humana. A análise desenvolvida por Narciso e Santana (2025) evidencia que essa articulação não se limita ao campo estético, pois atravessa também processos cognitivos, éticos e socioculturais que estruturam a formação do leitor. Esse entrelaçamento de saberes amplia a capacidade de interpretação do sujeito, permitindo que ele reconheça tensões discursivas e compreenda a complexidade das relações sociais representadas nas narrativas. O texto literário, nesse horizonte, assume função mediadora entre vivências

individuais e construções coletivas de sentido, instaurando um espaço de reflexão que transcende a mera decodificação linguística.

O contato contínuo com narrativas diversas favorece a consolidação de habilidades interpretativas sofisticadas. Narciso e Santana (2025) destacam que a recorrência da leitura de obras juvenis contribui para o desenvolvimento de operações mentais mais elaboradas, especialmente quando o leitor é instigado a confrontar perspectivas narrativas plurais. Esse processo intensifica a capacidade de inferência, análise contextual e reconhecimento de ambiguidades textuais, elementos fundamentais para uma leitura crítica consistente. A experiência leitora passa a exigir atenção às múltiplas camadas de significado, o que fortalece a autonomia intelectual e a maturidade interpretativa diante de discursos complexos.

A leitura crítica emerge como resultado de processos formativos integrados. Narciso e Santana (2025) apontam que esse fenômeno se consolida quando a prática leitora é sustentada por mediações pedagógicas que valorizam a reflexão e o diálogo com diferentes campos do saber. O leitor desenvolve maior sensibilidade para identificar intencionalidades discursivas e para questionar naturalizações presentes nos textos. A literatura juvenil, nesse percurso, deixa de ocupar posição complementar e passa a integrar um eixo estruturante da formação intelectual, contribuindo para a constituição de sujeitos capazes de elaborar juízos fundamentados e de intervir criticamente na realidade social.

2.8. LITERATURA JUVENIL E INTERDISCIPLINARIDADE

A literatura juvenil, quando inserida em práticas pedagógicas interdisciplinares, constitui um eixo de articulação entre diferentes campos do saber e experiências formativas. Cabral (2022) observa que a integração entre linguagem literária e outros componentes curriculares potencializa a construção de sentidos mais complexos no ambiente escolar. Essa convergência epistemológica permite que o texto narrativo seja interpretado como espaço de circulação de conhecimentos históricos, científicos e artísticos. O estudante passa a reconhecer a literatura como dispositivo de leitura ampliada do mundo, no qual conceitos se entrelaçam e adquirem novos contornos interpretativos.

A aproximação entre literatura juvenil e história possibilita a reconstrução crítica de eventos sociais a partir de perspectivas narrativas múltiplas. Freitas (2026) destaca que o diálogo entre narrativas ficcionais e contextos históricos favorece a compreensão das dinâmicas de poder e das memórias coletivas. O texto literário opera como mediação simbólica entre passado e presente, permitindo ao estudante reinterpretar acontecimentos sob lentes menos lineares. Essa interação fortalece a consciência histórica e estimula a problematização de versões oficiais dos fatos.

No campo das ciências naturais, a literatura juvenil pode funcionar como porta de entrada para a compreensão de fenômenos complexos. Silva (2026) aponta que narrativas contextualizadas em ambientes científicos ampliam o interesse discente por temas como ecologia, corpo humano e transformações ambientais. O discurso literário, ao incorporar elementos científicos, favorece a tradução de conceitos abstratos em experiências imaginativas. Esse processo contribui para a construção de uma aprendizagem mais integrada e significativa.

A articulação entre literatura e artes visuais favorece a expansão das formas de expressão e interpretação. Coelho et al. (2025) evidenciam que o contato com narrativas literárias associado à produção artística estimula a sensibilidade estética e a elaboração emocional. O leitor passa a operar simultaneamente como intérprete e criador, estabelecendo relações entre linguagem verbal e linguagem imagética. Essa experiência amplia a percepção simbólica e fortalece a capacidade de leitura multimodal.

A presença da tecnologia no contexto da literatura juvenil redefine práticas de leitura e interpretação. Cabral (2026) observa que ambientes digitais oferecem possibilidades interativas que transformam o modo como os textos são experienciados pelos estudantes. A interatividade digital promove conexões entre diferentes mídias, favorecendo a construção de percursos de leitura não lineares. Esse cenário exige novas competências interpretativas e amplia o alcance da formação crítica.

A interdisciplinaridade entre literatura e matemática, embora menos evidente, revela potencial significativo de desenvolvimento cognitivo. Ischkanian (2026) indica que estruturas narrativas podem ser exploradas como sistemas organizacionais que envolvem lógica, sequência e resolução de problemas. A leitura literária passa a dialogar com raciocínios formais, estimulando a percepção de padrões e relações estruturais. Esse encontro entre linguagem simbólica e pensamento lógico amplia a flexibilidade intelectual do estudante.

No campo da educação inclusiva, a literatura juvenil assume papel estratégico na construção de práticas acessíveis e participativas. Oliveira et al. (2026) ressaltam que adaptações metodológicas e recursos assistivos ampliam o alcance da leitura para diferentes perfis de aprendizagem. A narrativa literária torna-se instrumento de democratização do conhecimento, favorecendo o pertencimento escolar. Esse movimento reforça a literatura como espaço de inclusão e reconhecimento da diversidade.

A relação entre literatura juvenil e neuroeducação evidencia a complexidade dos processos cognitivos envolvidos na leitura. Ferreira et al. (2025) demonstram que a interação entre emoção, linguagem e memória contribui para a consolidação de aprendizagens mais duradouras. O texto literário ativa múltiplas áreas do cérebro, promovendo engajamento

cognitivo e afetivo simultâneo. Essa integração favorece a compreensão profunda e a retenção significativa de conteúdos.

A interdisciplinaridade com as ciências sociais amplia a compreensão das dinâmicas culturais presentes nas narrativas juvenis. Carvalho et al. (2026) indicam que a análise literária articulada a conceitos sociológicos permite identificar estruturas de desigualdade e processos identitários. O leitor desenvolve sensibilidade para interpretar contextos sociais complexos e suas implicações simbólicas. Esse exercício crítico fortalece a consciência social e a capacidade analítica.

A literatura juvenil também pode dialogar com a formação ética ao abordar dilemas morais presentes em diferentes contextos narrativos. Ischkanian (2026) observa que situações ficcionais contribuem para o desenvolvimento da reflexão sobre valores e responsabilidades. O leitor é convidado a avaliar escolhas e consequências, elaborando juízos mais sofisticados. Esse processo fortalece a construção de uma ética reflexiva e contextualizada.

A integração entre literatura e geografia possibilita a compreensão ampliada dos espaços representados nas narrativas. Braga et al. (2025) destacam que descrições literárias de paisagens e territórios favorecem a percepção das relações entre espaço e sociedade. O texto narrativo se converte em instrumento de leitura espacial, permitindo ao estudante compreender dinâmicas territoriais de forma simbólica e crítica. Essa articulação fortalece a consciência espacial e ambiental.

No campo da tecnologia educacional, a literatura juvenil encontra novas formas de expressão e circulação. Cabral et al. (2025) afirmam que ferramentas digitais ampliam o acesso aos textos e possibilitam experiências de leitura colaborativa. A interação em ambientes virtuais favorece a construção coletiva de interpretações. Esse cenário redefine o papel do leitor, que passa a atuar em redes de significação compartilhada.

A interdisciplinaridade entre literatura e filosofia contribui para o desenvolvimento de questionamentos existenciais e epistemológicos. Martins e Lima (2023) apontam que narrativas literárias instigam reflexões sobre identidade, conhecimento e realidade. O texto literário funciona como espaço de problematização conceitual, no qual ideias abstratas são exploradas por meio de situações narrativas. Essa relação fortalece o pensamento crítico e a capacidade argumentativa.

A literatura juvenil também se articula com a educação ambiental ao abordar temas relacionados à preservação e sustentabilidade. Carvalho (2026) destaca que narrativas centradas na relação entre ser humano e natureza estimulam a consciência ecológica. O leitor é levado a refletir sobre impactos ambientais e responsabilidades coletivas. Esse diálogo entre literatura e ecologia promove sensibilização e engajamento crítico.

A integração com a educação física permite compreender o corpo como elemento narrativo e simbólico. Querino (2026) observa que atividades corporais associadas a narrativas literárias favorecem a percepção do corpo em movimento e sua relação com o espaço. A literatura passa a dialogar com experiências motoras, ampliando a compreensão do corpo como linguagem. Esse entrelaçamento fortalece a aprendizagem integral.

A literatura juvenil, quando associada à cultura digital, amplia os modos de leitura e produção de sentido. Souza e Costa (2021) indicam que práticas digitais de leitura favorecem a interação com múltiplas linguagens e suportes textuais. O leitor contemporâneo desenvolve habilidades de navegação e interpretação em ambientes multimodais. Essa transformação exige novas competências críticas e interpretativas.

A articulação entre literatura e psicologia contribui para a compreensão das emoções humanas representadas nas narrativas. Coelho et al. (2025) evidenciam que o contato com histórias ficcionais favorece a elaboração emocional e o reconhecimento de sentimentos complexos. O leitor desenvolve empatia e sensibilidade diante de diferentes experiências humanas. Esse processo fortalece a dimensão afetiva da formação crítica.

No campo da linguística, a literatura juvenil permite o desenvolvimento de competências metalinguísticas e interpretativas. Vieira et al. (2025) destacam que a análise de estruturas narrativas contribui para a compreensão do funcionamento da linguagem. O estudante passa a refletir sobre o próprio processo de leitura e interpretação. Essa consciência linguística fortalece a autonomia intelectual.

A interdisciplinaridade com a cultura maker introduz práticas pedagógicas baseadas na criação e experimentação. Zylbersztajn (2015) aponta que a aprendizagem ativa favorece a construção de conhecimento por meio da produção concreta de objetos e ideias. A literatura, nesse contexto, pode inspirar projetos criativos e colaborativos. Esse diálogo entre leitura e produção fortalece a inovação educacional.

A relação entre literatura juvenil e direitos humanos evidencia o potencial crítico das narrativas. Ischkanian (2026) ressalta que textos literários podem problematizar desigualdades e injustiças sociais. O leitor é conduzido a refletir sobre cidadania e dignidade humana. Esse processo contribui para a formação de uma consciência ética e política mais elaborada.

A integração com a educação artística amplia a expressividade e a interpretação simbólica dos estudantes. Viana et al. (2026) indicam que a relação entre literatura e expressão artística favorece a construção de sentidos plurais. O texto literário passa a dialogar com práticas performáticas e visuais. Essa articulação fortalece a criatividade e a sensibilidade estética.

A literatura juvenil também pode ser analisada sob a perspectiva da aprendizagem colaborativa em ambientes escolares. Batista et al. (2025) destacam que práticas pedagógicas coletivas favorecem o desenvolvimento de competências interpretativas compartilhadas. O processo de leitura se torna experiência social de construção de significado. Essa dimensão coletiva amplia o alcance da formação crítica.

A interdisciplinaridade entre literatura e ciência da computação revela possibilidades inovadoras de aprendizagem. Azevedo (2026) observa que a lógica narrativa pode ser associada a estruturas algorítmicas e sequenciais. O estudante desenvolve habilidades de organização do pensamento e resolução de problemas. Esse diálogo entre áreas distintas amplia a compreensão de processos cognitivos complexos.

A literatura juvenil, ao articular diferentes áreas do conhecimento, consolida-se como ferramenta central na formação integral do estudante. Narciso e Santana (2025) indicam que essa integração favorece o desenvolvimento de habilidades interpretativas sofisticadas e críticas. O texto literário opera como espaço de convergência entre saberes diversos. Esse movimento reforça seu papel estruturante no processo educativo contemporâneo.

2.9. LITERATURA JUVENIL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS

A literatura juvenil, quando inserida em práticas pedagógicas inovadoras, adquire estatuto de dispositivo formativo capaz de reorganizar dinâmicas tradicionais de ensino. Cabral (2026) observa que metodologias centradas na participação ativa do estudante deslocam o eixo da transmissão passiva para processos de construção compartilhada de conhecimento. Nesse cenário, a leitura deixa de ser exercício isolado e passa a constituir experiência investigativa orientada por problemas, hipóteses e interpretações múltiplas. O texto literário torna-se espaço de experimentação intelectual, no qual o estudante atua como agente de significação.

A sala de aula invertida, ao reorganizar temporalidades de aprendizagem, redefine o contato com a literatura juvenil. Souza e Costa (2021) destacam que o estudo prévio de conteúdos em ambientes digitais permite maior profundidade nas discussões presenciais. Essa inversão favorece o encontro entre leitura individual e debate coletivo, ampliando a densidade interpretativa das obras. O estudante chega ao espaço escolar com repertórios prévios que enriquecem a construção de sentidos compartilhados.

A integração entre literatura juvenil e metodologias baseadas em projetos introduz uma lógica investigativa no processo de leitura. Martins e Lima (2023) indicam que a aprendizagem orientada por projetos estimula a formulação de questões autênticas e a busca de soluções contextualizadas. A narrativa literária passa a funcionar como ponto de partida para

investigações interdisciplinares. Esse movimento favorece a articulação entre imaginação narrativa e problematização da realidade social.

A gamificação, quando aplicada ao ensino de literatura juvenil, reconfigura o engajamento discente por meio de desafios simbólicos e estruturados. Ischkanian et al. (2026) observam que elementos de jogos favorecem a motivação intrínseca e a participação ativa em atividades de aprendizagem. A leitura literária, nesse contexto, adquire dimensões interativas que estimulam a exploração de enredos, personagens e conflitos. O estudante passa a vivenciar a narrativa como ambiente de tomada de decisões interpretativas.

A aprendizagem baseada em problemas amplia o potencial crítico da literatura juvenil ao inserir o leitor em situações que exigem análise e tomada de posição. Freitas (2026) destaca que a resolução de problemas contextualizados fortalece o pensamento analítico e a argumentação fundamentada. O texto literário fornece cenários complexos nos quais dilemas éticos e sociais podem ser investigados. Essa abordagem intensifica a relação entre leitura e reflexão crítica.

A mediação docente em práticas inovadoras exige reconfiguração do papel tradicional do professor. Carvalho (2026) observa que o educador assume função de orientador de percursos investigativos, promovendo autonomia intelectual dos estudantes. No trabalho com literatura juvenil, essa mediação se manifesta na criação de situações de leitura que instigam curiosidade e interpretação ativa. O docente deixa de centralizar o saber e passa a organizar experiências formativas.

A articulação entre literatura juvenil e tecnologias digitais amplia possibilidades de interação pedagógica. Cabral (2026) indica que ambientes virtuais favorecem a construção de redes interpretativas e a circulação de múltiplas leituras. A narrativa literária ganha dimensões multimodais que enriquecem a experiência estética e cognitiva. Esse contexto redefine práticas de leitura e escrita em ambientes escolares contemporâneos.

O uso de narrativas digitais interativas intensifica o envolvimento dos estudantes com o texto literário. Oliveira et al. (2026) destacam que recursos tecnológicos favorecem acessibilidade e personalização da aprendizagem. A literatura juvenil, ao ser mediada por plataformas digitais, permite diferentes percursos de leitura. Essa multiplicidade de caminhos interpretativos fortalece a autonomia do leitor.

A gamificação associada à leitura literária também contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais. Coelho et al. (2025) observam que experiências narrativas interativas favorecem empatia e reconhecimento de emoções complexas. O estudante, ao se envolver com personagens e conflitos, vivencia processos de identificação simbólica. Esse envolvimento amplia a compreensão das relações humanas representadas nas obras.

A sala de aula invertida favorece a construção de comunidades interpretativas mais ativas. Souza e Costa (2021) indicam que o acesso prévio aos textos permite maior profundidade nos debates coletivos. A literatura juvenil, nesse contexto, deixa de ser objeto de análise unilateral e passa a ser discutida em múltiplas perspectivas. O espaço escolar se transforma em arena de negociação de sentidos.

A aprendizagem baseada em projetos permite que a literatura juvenil seja explorada como eixo integrador de diferentes disciplinas. Carvalho et al. (2026) ressaltam que a interdisciplinaridade favorece a compreensão complexa dos fenômenos sociais. O texto literário atua como catalisador de investigações que atravessam história, ciências e artes. Esse movimento amplia o alcance formativo da leitura.

A gamificação no ensino de literatura também favorece o desenvolvimento da criatividade. Zylbersztajn (2015) aponta que metodologias ativas estimulam a experimentação e a produção de soluções inovadoras. A leitura passa a envolver desafios narrativos que exigem invenção de estratégias interpretativas. Esse processo fortalece a capacidade de pensamento divergente.

A literatura juvenil, quando integrada à aprendizagem baseada em problemas, promove reflexão sobre dilemas contemporâneos. Ischkanian (2026) observa que narrativas ficcionais podem simular situações complexas da vida social. O estudante é convidado a analisar consequências e propor interpretações fundamentadas. Essa prática fortalece o raciocínio crítico e a tomada de decisão argumentativa.

A mediação tecnológica em práticas inovadoras redefine o papel da leitura literária. Cabral et al. (2025) destacam que recursos digitais ampliam possibilidades de interação entre leitores e textos. A literatura juvenil passa a circular em formatos híbridos que combinam imagem, som e escrita. Essa convergência de linguagens intensifica a experiência interpretativa.

A sala de aula invertida favorece maior protagonismo estudantil no contato com a literatura. Martins e Lima (2023) observam que a autonomia na preparação prévia dos conteúdos fortalece o engajamento nas discussões. O estudante assume responsabilidade pelo próprio percurso de leitura. Esse deslocamento amplia a consciência sobre processos interpretativos.

A aprendizagem baseada em projetos promove investigação aprofundada de temas presentes na literatura juvenil. Freitas (2026) indica que essa abordagem estimula a articulação entre teoria e prática. O texto literário torna-se ponto de partida para pesquisas que extrapolam o ambiente escolar. Esse processo fortalece a relação entre leitura e realidade social.

A gamificação também pode contribuir para a organização de percursos narrativos mais dinâmicos. Ischkanian et al. (2026) observam que sistemas de desafios e recompensas favorecem o engajamento contínuo. A leitura literária passa a ser estruturada como jornada interpretativa. Esse formato estimula persistência e aprofundamento analítico.

A literatura juvenil em ambientes inovadores favorece a construção de aprendizagens significativas. Carvalho (2026) destaca que práticas pedagógicas ativas fortalecem a relação entre conhecimento e experiência. O estudante atribui sentido pessoal às narrativas, integrando leitura e vivência. Esse processo amplia a relevância da formação literária.

A integração entre literatura e tecnologia promove novas formas de colaboração entre estudantes. Oliveira et al. (2026) indicam que ferramentas digitais favorecem a construção coletiva de interpretações. A leitura torna-se prática social compartilhada. Esse ambiente colaborativo intensifica o diálogo entre diferentes perspectivas.

A aprendizagem baseada em problemas permite que a literatura juvenil seja utilizada como instrumento de análise social. Carvalho et al. (2026) observam que narrativas ficcionais podem revelar estruturas de desigualdade e conflito. O estudante desenvolve capacidade de interpretação crítica da realidade. Esse processo fortalece a consciência cidadã.

A gamificação contribui para transformar o ato de ler em experiência envolvente e estruturada. Coelho et al. (2025) destacam que elementos lúdicos favorecem o engajamento emocional com o texto. O leitor participa ativamente da construção de significados narrativos. Esse envolvimento intensifica a compreensão das obras.

A sala de aula invertida também favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual. Souza e Costa (2021) observam que o estudo prévio estimula responsabilidade pelo próprio aprendizado. O estudante passa a organizar estratégias pessoais de leitura. Esse movimento fortalece habilidades de autorregulação cognitiva.

A literatura juvenil, quando articulada a metodologias inovadoras, amplia possibilidades de expressão crítica. Zylbersztajn (2015) indica que práticas criativas estimulam a elaboração de novas formas de pensamento. O texto literário torna-se espaço de experimentação intelectual e estética. Essa dinâmica favorece o desenvolvimento de competências complexas.

A integração entre diferentes metodologias ativas e literatura juvenil redefine o cenário educacional contemporâneo. Cabral (2026) observa que o protagonismo discente emerge como elemento central das práticas pedagógicas inovadoras. A leitura deixa de ser atividade passiva e passa a constituir processo investigativo contínuo. Esse movimento consolida a literatura como eixo estruturante da formação crítica.

2.10. LITERATURA JUVENIL E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

A literatura juvenil, ao se constituir como espaço de elaboração simbólica das experiências humanas, exerce influência significativa na formação socioemocional dos leitores em desenvolvimento. Coelho et al. (2025) indicam que narrativas ficcionais favorecem a ampliação da compreensão afetiva ao possibilitar o contato com conflitos internos e relações interpessoais complexas. Esse processo não se restringe à identificação superficial com personagens, mas envolve uma imersão interpretativa que articula emoção, memória e imaginação. A leitura literária, nesse sentido, atua como mediadora entre vivências subjetivas e construções coletivas de sentido.

A empatia emerge como uma das principais competências favorecidas pela literatura juvenil no contexto formativo. Ferreira et al. (2025) observam que a exposição a narrativas diversificadas estimula a capacidade de reconhecer e compreender estados emocionais alheios. O leitor é conduzido a experimentar perspectivas distintas, ampliando sua sensibilidade diante da alteridade. Esse deslocamento simbólico contribui para a formação de relações sociais mais conscientes e menos centradas em julgamentos imediatos.

O contato com personagens em situações de vulnerabilidade favorece o desenvolvimento da resiliência emocional. Ischkanian (2026) destaca que narrativas literárias frequentemente apresentam cenários de superação, nos quais os sujeitos enfrentam adversidades e reorganizam suas trajetórias. O leitor, ao acompanhar esses percursos, internaliza estratégias simbólicas de enfrentamento. Essa experiência contribui para a construção de uma postura mais flexível diante de desafios pessoais e sociais.

O autoconhecimento constitui outro eixo fundamental na relação entre literatura juvenil e desenvolvimento socioemocional. Carvalho (2026) observa que a identificação com personagens permite ao leitor refletir sobre suas próprias emoções, valores e escolhas. Esse movimento reflexivo favorece a elaboração de uma consciência mais estruturada sobre a própria identidade. A literatura, nesse contexto, opera como espelho simbólico que devolve ao sujeito imagens complexas de si mesmo.

A gestão emocional encontra na leitura literária um campo fértil de aprendizagem indireta. Silva (2026) indica que narrativas que exploram conflitos afetivos possibilitam ao leitor observar diferentes formas de lidar com emoções intensas. O contato com essas experiências simbólicas contribui para a ampliação do repertório emocional. Esse processo fortalece a capacidade de reconhecer, nomear e regular estados internos.

A identificação com personagens desempenha papel central na construção da experiência socioemocional. Santos et al. (2025) apontam que o vínculo narrativo estabelece conexões entre vivências ficcionais e experiências pessoais do leitor. Esse mecanismo de

identificação favorece a internalização de perspectivas diversas e a ampliação da compreensão do outro. A literatura juvenil, nesse sentido, torna-se espaço de experimentação identitária.

A leitura de narrativas que abordam conflitos familiares contribui para a compreensão das dinâmicas relacionais no cotidiano. Oliveira et al. (2026) observam que a representação de tensões afetivas no ambiente doméstico favorece a reflexão sobre vínculos e responsabilidades. O leitor é levado a reconsiderar padrões de interação social. Esse processo amplia a capacidade de análise das relações interpessoais.

A literatura juvenil também favorece a construção de competências socioemocionais por meio da reflexão sobre escolhas e consequências. Cabral (2026) destaca que narrativas estruturadas em dilemas morais estimulam o pensamento crítico sobre ações humanas. O leitor é convidado a avaliar implicações éticas de decisões narrativas. Essa prática fortalece a capacidade de julgamento ponderado em situações reais.

O desenvolvimento da empatia narrativa envolve processos cognitivos e afetivos integrados. Ferreira et al. (2025) indicam que a leitura mobiliza simultaneamente percepção emocional e interpretação simbólica. Esse entrelaçamento favorece uma compreensão mais profunda das experiências humanas representadas no texto. A literatura juvenil atua como mediadora entre racionalidade e sensibilidade.

A resiliência também se fortalece por meio da exposição a narrativas de transformação pessoal. Ischkanian (2026) observa que personagens que enfrentam perdas, mudanças e reconstruções simbólicas oferecem modelos de adaptação emocional. O leitor, ao acompanhar essas trajetórias, desenvolve referências internas para lidar com adversidades. Esse processo contribui para o fortalecimento da estabilidade emocional.

O autoconhecimento promovido pela literatura juvenil não se limita à dimensão individual, mas se estende à compreensão social da identidade. Carvalho et al. (2026) destacam que a leitura crítica permite reconhecer como fatores culturais influenciam a constituição subjetiva. O leitor passa a compreender-se como sujeito inserido em contextos históricos e sociais. Essa consciência amplia a profundidade da reflexão identitária.

A gestão das emoções pode ser aprimorada por meio da análise de narrativas que exploram conflitos internos complexos. Silva (2026) aponta que a literatura permite observar estratégias variadas de regulação emocional em contextos ficcionais. O leitor internaliza essas estratégias como possibilidades simbólicas de ação. Esse aprendizado indireto fortalece o equilíbrio emocional em situações reais.

A literatura juvenil também contribui para o desenvolvimento da sensibilidade social. Santos et al. (2025) indicam que narrativas que abordam desigualdades e exclusões favorecem a consciência crítica sobre injustiças. O leitor é levado a reconhecer dimensões éticas presentes

nas relações sociais. Esse processo amplia a empatia coletiva e o engajamento com questões sociais.

A identificação com personagens marginalizados promove deslocamentos importantes na percepção do outro. Oliveira et al. (2026) observam que a literatura pode ampliar o reconhecimento de experiências diversas e frequentemente invisibilizadas. Esse movimento fortalece a abertura à pluralidade de vivências humanas. A leitura passa a operar como exercício de reconhecimento da diversidade.

A empatia literária também se relaciona com a capacidade de interpretar emoções implícitas nas narrativas. Cabral (2026) destaca que o leitor desenvolve sensibilidade para nuances afetivas não explicitadas no texto. Esse processo exige atenção interpretativa e refinamento perceptivo. A literatura juvenil, nesse contexto, estimula a leitura profunda das relações humanas.

A resiliência construída pela leitura literária envolve também a percepção de continuidade diante da mudança. Ferreira et al. (2025) observam que narrativas de transformação ajudam o leitor a compreender processos de adaptação. Esse entendimento favorece a aceitação de transições pessoais e sociais. A literatura funciona como espaço simbólico de elaboração da impermanência.

O autoconhecimento é intensificado quando o leitor se confronta com personagens que apresentam conflitos internos semelhantes aos seus. Ischkanian (2026) indica que essa identificação favorece a reflexão sobre emoções frequentemente não verbalizadas. Esse reconhecimento simbólico contribui para a elaboração da identidade emocional. A literatura juvenil atua como ferramenta de introspecção.

A gestão emocional também se desenvolve por meio da observação de consequências narrativas associadas a comportamentos impulsivos ou reflexivos. Carvalho (2026) destaca que a literatura oferece cenários de experimentação simbólica de decisões humanas. O leitor aprende a considerar impactos emocionais de diferentes escolhas. Esse processo fortalece a autorregulação.

A literatura juvenil, ao abordar experiências de perda e reconstrução, contribui para a elaboração de processos de luto simbólico. Silva (2026) observa que narrativas desse tipo permitem ao leitor compreender a complexidade das emoções humanas. Esse contato favorece a aceitação de experiências dolorosas. A leitura atua como espaço de elaboração afetiva.

A empatia também se fortalece quando o leitor reconhece a complexidade dos personagens literários. Santos et al. (2025) indicam que figuras narrativas multifacetadas estimulam a compreensão da ambiguidade humana. Esse reconhecimento impede julgamentos

simplificadores. A literatura juvenil amplia a capacidade de compreensão crítica das relações sociais.

A construção da resiliência emocional envolve a internalização de narrativas de superação. Oliveira et al. (2026) destacam que histórias de enfrentamento contribuem para o desenvolvimento de estratégias psicológicas de adaptação. O leitor passa a dispor de referências simbólicas para lidar com dificuldades. Esse processo fortalece a estabilidade emocional.

O autoconhecimento também se manifesta na capacidade de reconhecer padrões emocionais recorrentes. Cabral (2026) observa que a leitura literária favorece a identificação de dinâmicas internas de comportamento. Esse reconhecimento amplia a consciência sobre processos subjetivos. A literatura juvenil contribui para a organização da vida emocional.

A gestão emocional é aprofundada quando o leitor aprende a interpretar emoções complexas representadas nos textos. Ferreira et al. (2025) indicam que essa habilidade envolve integração entre cognição e afeto. O leitor desenvolve maior clareza sobre suas próprias respostas emocionais. Esse processo fortalece a maturidade psicológica.

A literatura juvenil, ao integrar empatia, resiliência, autoconhecimento e regulação emocional, constitui instrumento formativo de grande densidade pedagógica. Carvalho et al. (2026) destacam que essa integração favorece o desenvolvimento integral do sujeito. O leitor constrói repertórios simbólicos que orientam sua relação consigo e com o outro. Esse processo evidencia o papel central da literatura na formação socioemocional contemporânea.

3. CONCLUSÃO

A convergência entre tecnologias digitais, cultura maker e práticas de robótica educacional projeta novos horizontes para a literatura juvenil contemporânea, especialmente quando inserida em contextos de celebração simbólica como o Dia Mundial do Livro. A leitura deixa de ocupar um espaço restrito ao suporte impresso e passa a dialogar com ambientes híbridos, nos quais códigos, interfaces e narrativas interativas compõem experiências formativas ampliadas. A identidade leitora do sujeito jovem emerge nesse território de múltiplas linguagens, no qual interpretar também significa manipular, experimentar e reconstruir sentidos a partir de diferentes sistemas de representação. O livro, longe de perder centralidade, reinventa sua potência ao integrar-se a ecossistemas de aprendizagem que valorizam a participação ativa e a criação.

A inserção da robótica maker no universo da literatura juvenil introduz uma dimensão prática que reconfigura a relação entre imaginação e materialidade. Ao transformar narrativas em projetos tangíveis, o estudante passa a ocupar uma posição de autoria expandida, na qual

personagens, cenários e conflitos podem ser reinterpretados por meio de protótipos, circuitos e dispositivos interativos. Esse deslocamento não reduz o valor estético da leitura, mas amplia sua densidade interpretativa ao permitir que o texto literário dialogue com objetos concretos construídos em processos colaborativos. A experiência leitora, nesse contexto, adquire camadas sensoriais que reforçam o vínculo entre pensamento criativo e resolução de problemas.

O fortalecimento da inclusão educacional nesse cenário tecnológico evidencia a literatura juvenil como espaço democrático de participação simbólica e cognitiva. Estudantes com diferentes perfis de aprendizagem encontram, nas práticas maker e nos recursos digitais, múltiplas portas de entrada para a compreensão narrativa. A construção da identidade leitora passa a considerar não apenas a decodificação textual, mas também a possibilidade de interação multimodal com a história, favorecendo trajetórias mais diversas de engajamento. A literatura, ao dialogar com dispositivos acessíveis e ambientes adaptativos, amplia seu alcance social e reafirma sua função formativa em contextos heterogêneos.

A articulação entre leitura literária e cultura tecnológica produz uma reconfiguração profunda das práticas pedagógicas, deslocando o eixo da transmissão para a experimentação. O jovem leitor deixa de ser apenas receptor de conteúdos narrativos e passa a atuar como designer de experiências interpretativas, integrando elementos de programação, construção e simulação em suas leituras. Esse processo favorece uma compreensão mais dinâmica da linguagem, na qual significados não são apenas recebidos, mas continuamente reconstruídos. O ato de ler torna-se inseparável do ato de criar, instaurando uma relação produtiva entre imaginação literária e inovação técnica.

O Dia Mundial do Livro, quando observado sob essa perspectiva ampliada, assume um caráter formativo que ultrapassa a celebração simbólica da leitura tradicional. A data se transforma em um espaço de reflexão sobre os modos contemporâneos de acesso ao conhecimento, evidenciando a coexistência entre livros físicos, plataformas digitais e experiências interativas. A literatura juvenil, nesse contexto, opera como eixo articulador entre memória cultural e futuro tecnológico, permitindo que o jovem leitor reconheça sua própria trajetória dentro de uma rede global de práticas leitoras. A identidade leitora, nesse sentido, torna-se dinâmica e em permanente construção.

As práticas maker associadas à literatura juvenil favorecem o desenvolvimento de competências cognitivas complexas, uma vez que exigem interpretação, planejamento e execução de ideias narrativas em diferentes suportes. O estudante, ao reconstruir histórias por meio de protótipos ou simulações robóticas, estabelece relações entre lógica, estética e significado, ampliando sua capacidade de análise crítica. Essa integração entre linguagem literária e pensamento computacional não substitui a leitura tradicional, mas a expande, criando

novas formas de engajamento intelectual. A literatura passa a funcionar como ponto de partida para investigações criativas que atravessam diferentes campos do saber.

A construção da identidade leitora em ambientes tecnologicamente mediados envolve também uma reconfiguração das relações afetivas com o texto. A interação com narrativas digitais, jogos literários e projetos maker desperta vínculos emocionais que reforçam o interesse pela leitura e ampliam a permanência do estudante nas práticas culturais. Esse envolvimento afetivo contribui para a formação de leitores mais autônomos, capazes de atribuir sentido pessoal às obras e de estabelecer conexões entre ficção e experiência vivida. A literatura juvenil, nesse contexto, atua como mediadora entre subjetividade e conhecimento.

A presença da inclusão como princípio estruturante dessas práticas garante que o acesso à literatura não seja condicionado por barreiras físicas, cognitivas ou sociais. Tecnologias assistivas e recursos adaptados permitem que estudantes com diferentes necessidades participem ativamente de experiências de leitura e criação. Essa abertura amplia a noção de comunidade leitora, incorporando múltiplas formas de interação com o texto literário. A diversidade de percursos interpretativos fortalece o caráter coletivo da aprendizagem e reafirma a literatura como bem cultural compartilhado.

O diálogo entre robótica, tecnologia e literatura juvenil também contribui para a formação de leitores capazes de transitar entre diferentes linguagens sem perder profundidade interpretativa. A leitura, nesse contexto, deixa de ser exclusivamente verbal e passa a incorporar dimensões visuais, sonoras e cinestésicas, enriquecendo o processo de construção de sentido. Esse entrelaçamento de linguagens estimula a flexibilidade cognitiva e favorece a compreensão de narrativas complexas. A identidade leitora emerge como resultado de múltiplas experiências interconectadas.

A centralidade do estudante no processo educativo, potencializada pelas metodologias ativas, encontra na literatura juvenil um campo fértil para experimentação e expressão criativa. Ao assumir papel protagonista, o jovem leitor participa da construção de sentidos e da reconfiguração das narrativas que lê. Essa participação ativa fortalece a autonomia intelectual e incentiva a reflexão crítica sobre os conteúdos abordados. A literatura, nesse cenário, deixa de ser apenas objeto de análise e passa a ser matéria-prima para criação e transformação.

A articulação entre inovação tecnológica e leitura literária contribui para o surgimento de novas práticas culturais no ambiente escolar, nas quais o conhecimento é produzido de maneira colaborativa. Projetos interdisciplinares envolvendo literatura juvenil e robótica maker estimulam o trabalho em equipe, a resolução de problemas e a criatividade aplicada. Essas experiências formativas ampliam o repertório dos estudantes e favorecem a construção de uma visão integrada do conhecimento. A leitura se consolida como prática social e investigativa.

A valorização da literatura juvenil no contexto do Dia Mundial do Livro reforça sua relevância como instrumento de formação crítica e sensível em uma sociedade atravessada por transformações tecnológicas aceleradas. O encontro entre narrativas literárias e dispositivos digitais evidencia a capacidade da leitura de se reinventar continuamente sem perder sua essência humanizadora. A identidade leitora, nesse percurso, se fortalece como construção aberta, atravessada por experiências diversas que articulam imaginação, técnica e reflexão. O resultado é uma formação mais ampla, na qual o jovem leitor se reconhece como sujeito ativo na produção de sentidos e participante de uma cultura em constante expansão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rita Cristina Guimarães. **Recursos pedagógicos para práticas inclusivas de crianças com TEA.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

ALMEIDA, Rodrigo Santos; FERREIRA, Lúcia Helena. **Ludicidade, aprendizagem e literatura infantil no contexto escolar**. Revista Práxis Educacional, v. 18, n. 49, p. 1-20, 2022. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v18i49.10432

AZEVEDO, Celine Maria de Sousa. **Pensamento Computacional Desplugado: estratégias para o desenvolvimento da lógica, de algoritmos e da decomposição sem o uso de dispositivos digitais na Educação Infantil.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

AZEVEDO, Celine Maria de Sousa. **Pensamento computacional nas séries iniciais do Ensino Fundamental: fundamentos pedagógicos e estratégias de aprendizagem.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 58-69. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

BATISTA, Maria Gleicy Gurgel Correia; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira. **O desafio da valorização docente: impactos da desvalorização salarial na qualidade da educação contemporânea.** Clube de Autores, 2025. 39 p. Disponível em: https://www.academia.edu/143823591/O_DESAFIO_DA_VALORIZA%C3%87%C3%83O_DOCENTE_IMPACTOS_DA_DESVALORIZA%C3%87%C3%83O_SALARIAL_NA_QUALIDADE_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_CONTEMPOR%C3%82NEA. Acesso em: 07 mar. 2026.

BELCHIOR, Idênis Glória; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; VENDITTE, Neusa; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Neuropsicopedagogia aplicada: estudo de caso com intervenção em sala de aula.** Clube de Autores, 2025. p. 1–42. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/901692253/Neuropsicopedagogia-Aplicada-Estudo-de-Caso-Com-Intervencao-Em-Sala-de-Aula. Acesso em: 07 mar. 2026.

BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; BELCHIOR, Idênis Glória; VIEIRA, Nívea Maria Costa; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Neuroplanejamento educacional: estratégias para otimizar aprendizagem e engajamento em sala de aula.** Clube de Autores, 2025. p. 1–69. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111539026c91224. Acesso em: 07 mar. 2026.

CABRAL, G. N. **Direitos, tecnologias e educação: contribuições abrangentes.** 1. ed. Itapitranga: Schreiben, 2023. v. 1. 117 p.

CABRAL, G. N. **Escola School 21: uma proposta pedagógica diferente.** *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*, v. 3, p. 1-17, 2022.

CABRAL, Gladys Nogueira. **Inteligência Artificial no aprendizado de idiomas: transformações pedagógicas e novas possibilidades de aquisição linguística.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 29-37. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

CABRAL, Gladys Nogueira. **O Design Thinking na formação de Professores.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

CABRAL, Gladys Nogueira. **Tecnologias Educacionais no Ensino de Idiomas: Recursos Digitais e Inovação no Processo de Aprendizagem.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; SILVA, Diogo Rafael da; PRADO, Maria José Costa; VIEIRA, Nívea Maria Costa; ALMEIDA, Rita Cristina Guimarães de; OLIVEIRA, Ivoney da Silva. **Tecnologias na educação: ferramentas digitais como aliadas na aprendizagem de alunos típicos e atípicos**. In: CABRAL, Gladys Nogueira (org.). *Unindo saberes: caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional*. Volume 2. Formiga, MG: Editora MultiAtual, 2025. p. 117–174. il. DOI: 10.5281/zenodo.15135799.

CARVALHO, Eliana Drumond de. **A atuação da psicopedagoga no contexto clínico e sua contribuição para a aprendizagem acadêmica de crianças neurodivergentes: fortalecimento das habilidades fundamentais como base para o processo de alfabetização.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 84-96. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Direito Brasileiro e Inteligência Artificial: Parâmetros, Desafios e Questões Éticas.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Do Corredor da Escola ao Tribunal: como o bullying deixou de ser 'fase escolar' e se tornou um risco jurídico real.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Novas tecnologias, direito e proteção de dados: perspectivas contemporâneas para segurança, ética e conformidade legal.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 97-105. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

CARVALHO, Gabriel Nascimento de; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Sygride Nascimento de. **Integração interdisciplinar e contextualização do currículo.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 57–58. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar. 2026.

CARVALHO, Silvana Nascimento de. **A Importância do Assessoramento Pedagógico para a Qualidade do Ensino.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

CARVALHO, Silvana Nascimento de. **A Natureza como Recurso Pedagógico na Educação Rural: práticas educativas e construção do conhecimento.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 106-114. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Desenho livre e aprendizagem significativa: um olhar interdisciplinar entre psicomotricidade, linguagens, arte, desenvolvimento infantil e mediação docente.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/893260385/Desenho-Livre-e-Aprendizagem-Significativa. Acesso em: 07 mar. 2026.

CARVALHO, Silvana Nascimento de; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Do fazer ao aprender no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e adaptação de recursos.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 41–42. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar. 2026.

CARVALHO, Sygride Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed**. Cooperativismo e Inclusão Social: caminhos para geração de renda e melhoria da qualidade de vida.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 115-125. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

COELHO, Tatiana; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VENDITTE, Neusa; SILVA, Eliana Drumond. **Desenho infantil e desenvolvimento emocional: uma ferramenta para psicólogos e educadores.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/915358119/Desenho-Infantil-e-Desenvolvimento-Emocional. Acesso em: 07 mar. 2026.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DEMO, Giane. **A exclusão escolar causada pela falta de suportes: CAA, adaptações e estruturação de material.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

FERREIRA, Juliana Balta; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SILVA, Francisca Araujo da; CAMPOS, Elda Lúcia Freitas; BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **As contribuições das neurociências para o processo de alfabetização: uma análise das teorias de Piaget, Vygotsky, Wallon, Ana Teberosky e Emília Ferreiro no contexto do desenvolvimento cognitivo e linguístico.** Clube de Autores, 2025. p. 1–36. Disponível em: https://www.academia.edu/128374221/NEUROCIENCIAS_E_ALFABETIZACAO. Acesso em: 07 mar. 2026.

FERREIRA, Juliana Balta; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento; SANTOS, Cíntia Aparecida Nogueira dos; MONTEIRO, Genilde do Nascimento Alves; GÓIS, José Fernandes. **Como os contos de fadas refletem arquétipos, medos e desejos do inconsciente humano.** Clube de Autores, 2025. p. 1-151. Disponível em: https://www.academia.edu/143336935/COMO_OS_CONTOS_DE_FADAS_REFLETEM_ARQU%C3%89TIPOS_MEDOS_E_DESEJOS_DO_INCONSCIENTE_HUMANO. Acesso em: 07 mar. 2026.

FREITAS, Marcos Aurélio dos Santos. **A Lei 10.639/2003 e a Valorização da Cultura Afro-Maranhense no Contexto Escolar.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

FREITAS, Marcos Aurélio dos Santos. **Alfabetização e letramento racial nos anos iniciais do Ensino Fundamental: práticas pedagógicas para uma educação antirracista.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 38-47. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

FREITAS, Marcos Aurélio dos Santos. **Saberes afro-brasileiros na formação de professores da educação básica.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

ISCHKANIAN, S. H. D.; CABRAL, G. N.; DE SOUZA, A. S.; MORAES, M. I. da S.; GARABED ISCHKANIAN, S.; DE CARVALHO, G. N. **Educação, tecnologia e inclusão: contorno e entorno nas formas de ensinar e aprender.** In: Educação, tecnologia e inclusão: desafios antigos e contemporâneos. (Orgs.). G. de O. dos S. OLIVEIRA; H.C.O. da COSTA. Itapiranga: Schreiben, 2022., 140 p. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/educao-tecnologia-e-incluso-desafios-antigos-e-contemporneos/255592081#2. Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Educação Extraescolar, Voluntariado e Aprendizagem Lúdica.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

ISCHKANIAN, Sandro Garabed**. Inovações da matemática no cotidiano educacional.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

ISCHKANIAN, Sandro Garabed; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; FERREIRA, Juliana Balta; VENDITTE, Neusa; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Ao bem-estar psicológico e fortalecimento dos laços familiares, com mediação digital e leitura afetiva no ambiente hospitalar.** Clube de Autores, 2025. p. 1-53. Disponível em: https://www.academia.edu/143459328/Os_contos_de_fadas_como_ferramenta_de_apoio_ao_bem_estar_psicologico_e_fortalecimento_dos_lacos_familiares. Acesso em: 07 mar. 2026

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Direito e Inclusão Social: A Promoção da Cidadania e da Igualdade de Oportunidades.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **O movimento da neurodiversidade como paradigma ético, político e educacional na sociedade contemporânea.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **O significado do jogo, brincadeira e do brinquedo no desenvolvimento e formação da criança na educação infantil.** São Paulo: Soescola, 2018. 36 p. Disponível em: https://www.soescola.com/uploads/2018/01/SHD_Ischkanian_O_Significado_do_Jogo_Brincadeira_e_do_Brinquedo_no_Desenvolvimento_e_Formacao_da_crianca_na_Educacao_Infantil.pdf. Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; RONQUE, Wanessa Delgado Silva; SANTOS, Eliane Aparecida da Silva; SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **O impacto das inovações tecnológicas nas áreas de saúde e educação inclusiva: como as novas tecnologias estão modificando as práticas pedagógicas e as pesquisas nas áreas da educação global e saúde.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/126987303/O_IMPACTO_DAS_INOVA%C3%87%C3%95ES_TECNOL%C3%93GICAS_NAS_%C3%81REAS_DE_SA%C3%9ADE_E_EDUCA%C3%87%C3%83O_INCLUSIVA?(..). Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; FELISBERTO, Larissa de Sá Cardoso; FRANDELIND, Cristiane Francisca; OLIVEIRA JÚNIOR, José Maria de; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Tecnologias digitais na formação de professores: capacitação para o ensino híbrido e remoto.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/161188417/tecnologias-digitais-na-formacao-de-professores. Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SANTOS, Wilson Bezerra dos; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Cultura maker e tecnologias de baixo custo como estratégias de inclusão educacional: caminhos inovadores da educação infantil ao ensino superior**. In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção.* Clube de Autores, 2026. p. 49–56. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SILVA, Lucas Serrão da; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; SANTOS, Leizane Ferreira dos; CARVALHO, Silvana Nascimento de; VENDITTE, Neusa. **O lúdico e a aprendizagem significativa: a importância do brincar no desenvolvimento infantil.** 55 p. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/126449626/O_L%C3%9ADCO_E_A_APRENDIZAGEM_SIGNIFICATIVA. Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIANA, Fabiane Bandeira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; BELCHIOR, Idênis Glória. **Inteligência artificial e tecnologias digitais emergentes aplicadas à personalização do ensino, avaliação adaptativa e promoção da aprendizagem inclusiva.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 94–107. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; MACIEL, Érica Ribeiro de Souza. **O lúdico: jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil.** Universidade Federal do Amazonas. Revista Eletrônica Mutações, v. 8, n. 14, p. 202–206, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/3592. Acesso em: 07 mar. 2026.

KATANA, Hevelin Farias Ribeiro; VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIANA, Fabiane Bandeira. **Cultura Maker como promotora da aprendizagem ativa e inclusiva.** In: VIEIRA, Nívea Maria Costa et al. Tecnologias criadas para todos: Cultura Maker, inovação educacional e inclusão no cenário educacional**.** Clube de Autores, 2026. Disponível em: https://archive.org/details/cultura-maker-e-a-tecnologias-criadas-para-todos. Acesso em: 07 mar. 2026.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MARTINS, Felipe Costa; LIMA, Daniela Rocha. **Cultura maker e inovação pedagógica na formação de leitores críticos**. Revista Tecnologias na Educação, v. 15, n. 2, p. 1-16, 2023. DOI: https://doi.org/10.29327/tecnologiasnaeducacao.2023.15.2-04

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

NETA, Palmyra Couto de Oliveira**. Letramento Digital e Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

NETA, Palmyra Couto de Oliveira. **Letramento Digital e Neurodivergência: o papel da tecnologia assistiva na alfabetização inclusiva.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima. **Tecnologias assistivas na educação especial: contribuições para a educação inclusiva no contexto escolar.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 8-17. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SANTOS, Wilson Bezerra dos; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Do fazer ao aprender: tecnologias inclusivas de baixo custo e cultura maker na construção de uma educação inovadora e equitativa.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 34–41. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar.. 2026.

OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Racismo e linguagem: alertas para a atuação de educadores infantis.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 64–78. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar.. 2026.

PAGE, M. J et al. **The Prisma 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** BMJ, v. 1, n. 1, p. 1-1, 29 mar. 2021.

PAIVA, Antônio Hitallo Regis Gonçalves Lima. **Educação Física Escolar e Práticas Inclusivas.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

PEREIRA, D. S.; ROCHA, M. A. **Impacto da Tecnologia Assistiva na aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais.** Revista Educação e Inclusão, v. 12, n. 4, p. 89–104, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/rei2021v12n4p89

QUERINO, Marcio Mera. **Desenvolvimento motor em crianças do Ensino Fundamental I: fundamentos, desafios e estratégias de intervenção.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 48-57. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

QUERINO, Marcio Mera**. Educação Física Escolar no Ensino Fundamental I: Contribuições para o Desenvolvimento Integral dos Estudantes.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

QUERINO, Marcio Mera. **Meu Corpo em Movimento: o Circuito Psicomotor como Estratégia Pedagógica na Educação Física Escolar.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

RIBEIRO, A. L.; MARTINS, C. F. **Tecnologia Assistiva no cotidiano escolar: experiências e reflexões.** Cadernos de Educação Inclusiva, v. 7, n. 2, p. 23–38, 2020. DOI: https://doi.org/10.20396/cei2020v7i2p23

RODRIGUES, Ana Cláudia; BARBOSA, Juliana Mendes. **Educação inclusiva e literatura infantil: práticas pedagógicas para a diversidade**. Revista Educação Especial, v. 34, e82, 2021. DOI: https://doi.org/10.5902/1984686X64082

SANTOS, Cíntia Aparecida Nogueira dos; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Contos de fadas e o desenvolvimento integral da criança: emoções, imaginação, escrita e relações afetivas.** Clube de Autores, 2025. p. 1-57. Disponível em: https://www.academia.edu/143335151/CONTOS_DE_FADAS_E_O_DESENVOLVIMENTO_INTEGRAL_DA_CRIAN%C3%87A_EMO%C3%87%C3%95ES_IMAGINA%C3%87%C3%83O_ESCRITA_E_RELA%C3%87%C3%95ES_AFETIVAS. Acesso em: 07 mar. 2026.

SANTOS, Maria Aparecida dos; OLIVEIRA, João Paulo. **Cultura maker, tecnologias digitais e práticas pedagógicas na educação básica**. Revista Educação e Tecnologia, v. 25, n. 2, p. 1-15, 2021. DOI: https://doi.org/10.20396/etd.v25i2.8654321.

SILVA, Francisca Araújo da. **Educação Infantil inclusiva: práticas pedagógicas para a promoção da inclusão e do desenvolvimento infantil.** In: SOUZA, Ednilson Sergio Ramalho de (org.). Perspectivas em pesquisa: educação – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 077 6. DOI: 10.46898/worges.9786551300776.

SILVA, Francisca Araújo da. **Tecnologias assistivas e educação inclusiva: perspectivas pedagógicas para a promoção da acessibilidade e da aprendizagem significativa.** In: OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima et al. Tendências atuais na pesquisa científica: perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Belém: Worges, 2026. p. 70-83. DOI: 10.46898/worges.9786551301063.

SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de; RODRIGUES, Rosimery Mendes; CARVALHO, Eliana Drumond de. **Impacto das interações sociais mediadas por brincadeiras estruturadas no desenvolvimento comunicativo de crianças autistas de 4 anos.** 2025. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/196982118/brincadeiras-estruturadas-no-desenvolvimento-comunicativo-de-criancas-autistas-d. Acesso em: 07 mar. 2026.

SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Avaliação na educação infantil: escuta sensível, necessidades das crianças e acompanhamento do desenvolvimento.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção.* Clube de Autores, 2026. p. 4–16. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar. 2026.

SILVA, Francisca Araújo da; MENDES, Maria Rita Araújo da Silva; PEREIRA, Netania Martins; NUNES, Izes Deise Silva de Sousa; MEDEIROS, Adriana dos Santos; NASCIMENTO, Jessica Iara; ROSA, Karyanne Moreira da Silva Nogueira; SILVA, Helen Taciene Santos Rabelo da; FERNANDES, Alyne Mônica dos Santos; SOUSA, Elaine Gabriel de**. Inclusão e acessibilidade: desenvolvimento de materiais adaptativos e recursos multimídia para atender alunos com diferentes necessidades, garantindo participação plena de todos.** Disponível em: https://www.calameo.com/books/00727811151943831610e. Acesso em: 07 mar. 2026.

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

SILVA, Renata Gomes; PEREIRA, Luciana Alves. **Literatura infantil, inclusão e formação do leitor crítico em tempos digitais**. Revista Brasileira de Educação, v. 27, e270045, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270045.

SOUZA, Mariana Silva; COSTA, Patrícia Almeida. **Tecnologias digitais e práticas de leitura na educação infantil**. Revista Educação em Foco, v. 26, n. 3, p. 1-18, 2021. DOI: https://doi.org/10.24934/eef.v26i3.4890

VELASCO, Jaqueline de Paula. **BNCC da Computação na pré-escola: perspectivas para a educação inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista.** In: BORGES, Pryscila (prod. ed.). Perspectivas em Pesquisa: Sociais Aplicadas e Humanas – Volume 2. Belém: Worges, 2026. Livro digital. ISBN 978 65 5130 100 1. DOI: 10.46898/worges.9786551301001.

VIANA, Fabiane Bandeira; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **O brincar e as expressões artísticas nas experiências culturais de crianças indígenas.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 79–93. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 07 mar. 2026.

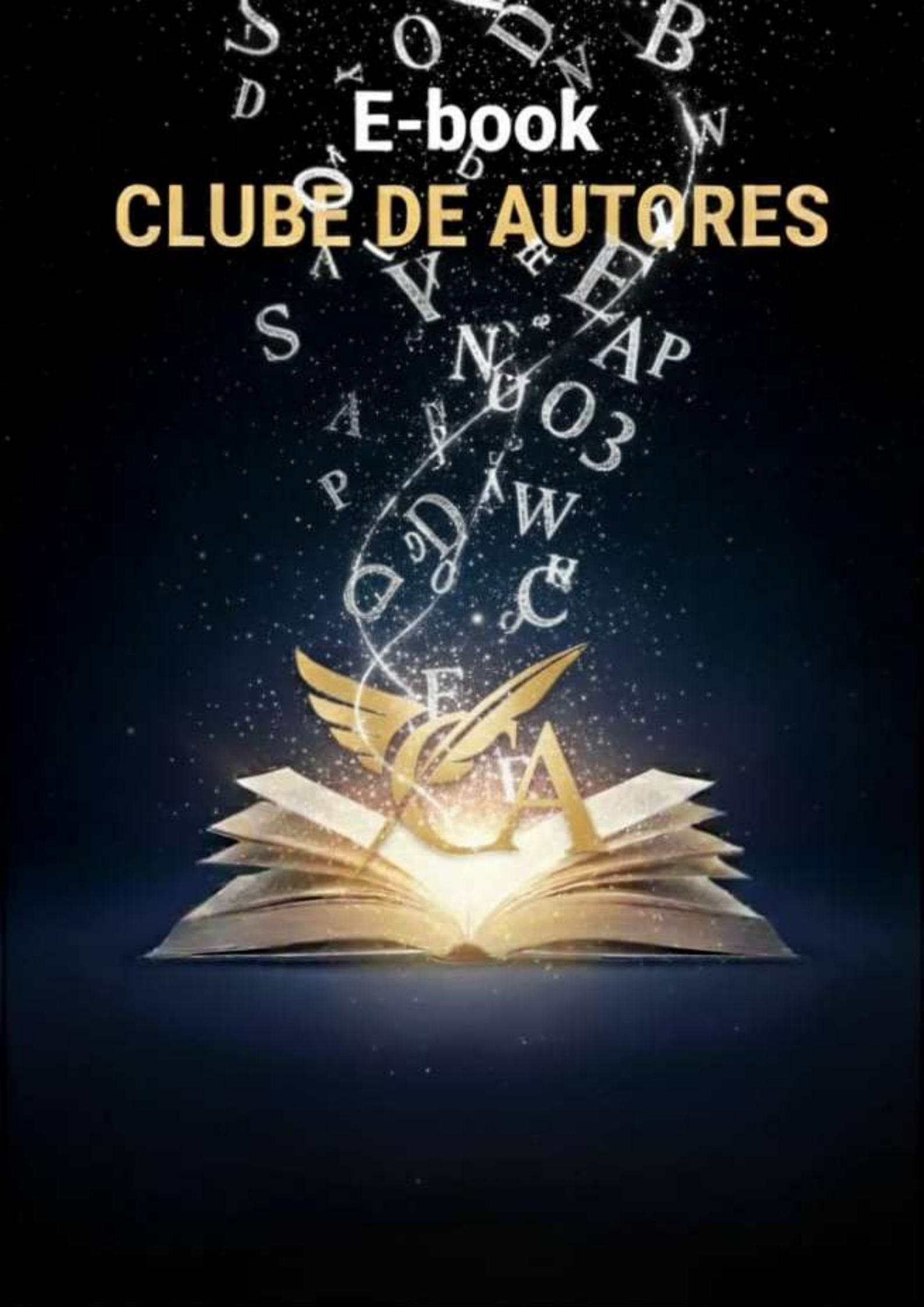
VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIANA, Fabiane Bandeira; LIMA, Adriana de. **Tecnologias criadas para todos: Cultura Maker, inovação educacional e inclusão no cenário educacional.** Clube de Autores, 2026. Disponível em: https://archive.org/details/cultura-maker-e-a-tecnologias-criadas-para-todos. Acesso em: 07 mar. 2026.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **O conto de fadas como mediador no processo de alfabetização e no desenvolvimento emocional infantil em até 60 dias, com uso de recursos tecnológicos, metodologias aceleradas e inclusão familiar.** Clube de Autores, 2025. p. 1-57. Disponível em: https://www.academia.edu/143401458/O_conto_de_fadas_como_mediador_no_processo_de_alfabetizacao_e_no_desenvolvimento_emocional_infantil. Acesso em: 07 mar. 2026.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Tecnologia, inclusão e psicomotricidade: recursos digitais no apoio ao desenvolvimento infantil.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/142908800/TECNOLOGIA_INCLUSAO_E_PSICOMOTRICIDADE_RECURSOS_DIGITAIS. Acesso em: 07 mar. 2026.

VIEIRA, Nívea Maria Costa; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Processos de reflexão metalinguística na alfabetização inicial.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/930878228/Processos-de-Reflexao-Metalinguistica-Na-Alfabetizacao-Inicial-Nivea-Maria-Costa-Vieira-2025. Acesso em: 07 mar. 2026.

ZYLBERSZTAJN, Adriana**. Cultura maker e educação: novos horizontes de aprendizagem.** In: STELLA, Ana Lúcia (Org.). *Cultura digital e educação maker: inovação em contextos escolares*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 29–42.


E-book
CLUBE DE AUTORES